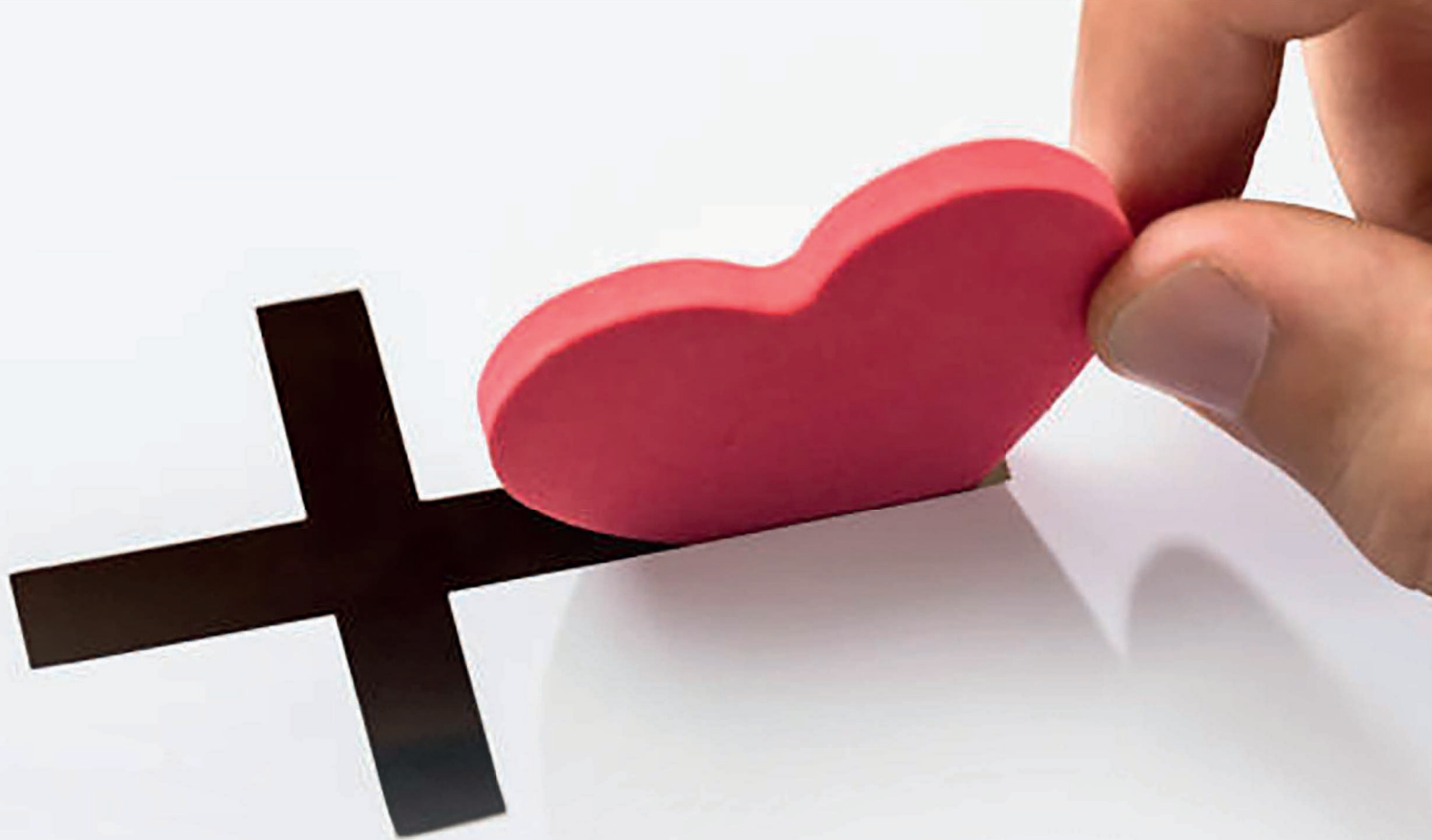




ADORAÇÃO

COM DÍZIMOS E OFERTAS



ESCOLA DE
MORDOMOS

SUMÁRIO

1 - FUNDAMENTOS PARA A ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS NA CONTEMPORANEIDADE	06
1.1 SIGNIFICADO BÍBLICO DE ADORAÇÃO	06
1.2 ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS	10
1.3 PRINCÍPIOS TEOLÓGICOS PARA A ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS	14
1.4 ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS NO ANTIGO TESTAMENTO	14
1.5 ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS NO NOVO TESTAMENTO	28
1.6 ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS NA HISTÓRIA	35
1.7 ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS NA ATUALIDADE	37
1.8 ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS NA IASD	43
2 – BENEFÍCIOS DA ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS PARA A VIDA CRISTÃ	50
2.1 PROMESSAS BÍBLICAS PARA OS QUE ADORAM COM DÍZIMOS E OFERTAS	50
2.2 A PROSPERIDADE BÍBLICA	52
2.3 BENEFÍCIOS DA ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS INFERIDOS NA LITERATURA CRISTÃ	57
2.4 BENEFÍCIOS DA ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS INDICADOS NA PESQUISA ETNOGRÁFICA E INFERIDOS NA LITERATURA CRISTÃ	60
3 – AÇÕES QUE PODEM POTENCIALIZAR A ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS NA IGREJA LOCAL	70
3.1 SERMÕES INSPIRADORES E CONVICTENTES SOBRE A MORDOMIA CRISTÃ DAS FINANÇAS	70
3.2 VISITAÇÃO PASTORAL COM ÊNFASE NA FIDELIDADE CRISTÃ	89
3.3 COMISSÃO DE MORDOMIA CRISTÃ DA IGREJA LOCAL E DIAGNÓSTICO ESPIRITUAL	92
3.4 EQUIPE DISTRITAL DE MORDOMIA CRISTÃ (EDMC)	94
3.5 PROGRAMAS ESPECIAIS DO MINISTÉRIO DE MORDOMIA CRISTÃ	94
3.6 POTENCIALIZAÇÃO DO MOMENTO DO OFERTÓRIO	100
3.7 ENCONTRO COM RECÉM-BATIZADOS	100
3.8 ORIENTAÇÃO SOBRE GESTÃO DAS FINANÇAS PESSOAIS E FAMILIARES	101

© Todos os direitos reservados ao Ministério de Mordomia Cristã da Associação Bahia Sul da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Sobre o autor

O Pr. Henrique de Souza nasceu em Salvador – BA. É casado com Graciela Reboiras de Souza, dessa união nasceram dois filhos: Pablo Henrique e Rafael. Desde 2004 exerce o ministério pastoral na IASD; atualmente serve na Associação Bahia Sul (ULB), como Diretor dos departamentos de Mordomia Cristã, Família e Saúde. Possui graduação e mestrado em Teologia (SALT) e doutorado em Ministério (WTS). Sua formação também inclui as seguintes pós-graduações: Liderança e Administração Eclesiástica (AVM), Missão Urbana (SALT) e MBA em Liderança (UniFil). Atualmente cursa pós-graduação em Psicologia da Família (FADBA). Há 20 anos desenvolve sermões, palestras, seminários, mentoria e treinamento na área de mordomia cristã.

APRESENTAÇÃO

Olá, estimado (a) aluno (a) da *Escola de Mordomos* e demais leitores. Espero que esteja bem, desfrutando do maravilhoso cuidado do nosso Senhor. O presente material visa ser uma ferramenta de suporte para a assimilação cognitiva e aplicação prática do conteúdo do *Seminário de Adoração Cristã*. O texto desta apostila tem como base a tese doutoral “Adoração com dízimos e ofertas: fundamentos e benefícios”, que foi escrita e defendida pelo autor da presente obra, como parte dos requisitos do doutorado em Ministério. A referida pesquisa acadêmica na íntegra possui 219 páginas, contudo, nesta apostila o conteúdo está reduzido e numa forma adaptada para servir ao propósito do projeto *Escola de Mordomos*; O texto, majoritariamente, está como na obra original, inclusive com as normas da ABNT. Somando-se a isso, foram inseridos outros conteúdos de cunho prático que podem ser utilizados para atender as demandas do Ministério de Mordomia Cristã, objetivando o fortalecimento do discipulado no contexto da igreja local, especialmente por meio da adoração com dízimos e ofertas. Desejamos que este material seja uma bênção para você, para a sua família e para a sua igreja local. Boa leitura!

Pr. Henrique de Souza – Diretor do Departamento de Mordomia Cristã da Associação Bahia Sul da IASD e Coordenador da Escola de Mordomos.

.....

Um erudito cristão chamado William Temple definiu adoração nos seguintes termos: Adoração é a submissão de todo nosso ser a Deus. É ter a consciência de Sua santidade; É o sustento da mente com Sua verdade; É a purificação da imaginação por Sua beleza; É a rendição da vontade humana aos propósitos Divino. Nesta literatura que recebeste você verá que a adoração verdadeira é TEOCÊNTRICA, porque se centra em Deus e na Sua dignidade, não no homem e em sua necessidade.

Pr. Clodoaldo Tavares dos Santos
Professor de Novo Testamento da FAAMA (Faculdade Adventista da Amazônia)

.....

O tema da adoração está intimamente ligado a mordomia cristã, pois adorar a Deus é colocá-lo na primazia de tudo que temos e somos, reconhecendo assim que tudo pertence à Ele. E o resultado dessa verdadeira adoração são crentes mais consagrados, unidos, amorosos, fiéis, missionários e preparados para a volta de Jesus.

Pr. Luciano Salviano
Diretor do departamento de Mordomia Cristã da União Leste Brasileira.

.....

Olá querido líder membro ou amigo da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Desde o Gênesis ao Apocalipse, da criação do homem à restauração na Nova Terra, a Adoração a Deus tem papel central na vida do ser humano. Ela sempre envolveu a entrega de si mesmo Àquele que é o Criador, Mantenedor e Redentor da humanidade; e isto é demonstrado de diversas maneiras, como na separação de parte do tempo, recursos materiais (dízimos e ofertas) e imateriais (dons e talentos) em reconhecimento à soberania divina sobre nossa vida. Que este material amplie significativamente a sua percepção e prática da adoração na contemporaneidade.

Pr. Murilo Andrade
Presidente da Associação Bahia Sul

INTRODUÇÃO

Kidder (2012), na obra *Adoração autêntica*, afirma que desde o princípio, adorar a Deus envolve levar-lhe ofertas, como ocorreu no primeiro ato de adoração registrado da Bíblia, que foi efetuado por Caim e Abel. O referido autor também assegura que Abraão demonstrou sua adoração no ato tangível de entrega de seu dízimo a Deus, e com esse simples, mas significativo ato de adoração, reconheceu publicamente a soberania e o senhorio de Deus. Assim, o patriarca expressou amor e gratidão ao adorar de uma forma reverente o Deus que o havia abençoado com plenitude de vida, prosperidade, força e esperança (KIDDER, 2012, p. 91 a 93). Contudo, este princípio bíblico de adorar a Deus com os dízimos e as ofertas encontra divergência e ceticismo até mesmo no ambiente interno de igrejas cristãs. O Dr. Hernandes Dias Lopes, ao descrever desvios doutrinários da igreja contemporânea acerca dos dízimos e das ofertas, pontua a necessidade de fidelidade a este princípio doutrinário fundamental da palavra de Deus:

Nesse mosaico religioso brasileiro, poucas doutrinas bíblicas são mais atacadas do que a mordomia dos bens. Quando alguém se declara fiel a Deus na entrega dos dízimos e generoso na entrega das ofertas, logo é taxado de herege, explorador ou coisas semelhantes. Do alto de sua torre de Marfim, besuntados de arrogância, alguns vociferam palavras de ordem contra a contemporaneidade dos dízimos. Outros ancorados em interpretações pessoais, atacam, como escorpiões no deserto, a doutrina do dízimo e rotulam aqueles que são dizimistas de patrocinadores do enriquecimento ilícito de pastores inescrupulosos. Não obstante a teologia capenga de uns e a ética torta de outros, permanecemos firmes em nosso entendimento que a palavra de Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamentos, nos ensina a prática dos dízimos e das ofertas...O homem mudou, mas Deus não. As palavras dos homens são levadas pelo vento, mas a palavra de Deus permanece para sempre. As opiniões dos homens tornam-se obsoletas e caducas, mas a verdade de Deus é eterna - Isaías 40.8! (LOPES; DIAS, 2017, P. 11).

Cada vez mais se torna evidente que existem desafios para que o referido princípio bíblico se consolide como prática efetiva na vida da totalidade dos cristãos hodiernos. Pode-se destacar pelo menos três destes desafios: 1) Fortalecer a pregação e o ensino com consistente fundamento bíblico e teológico, pontuando a entrega dos dízimos e das ofertas como um ato de adoração, a ser praticado na atualidade; 2) Desconstruir o preconceito sobre os dízimos e as ofertas, nutridos por pessoas da sociedade contemporânea. Muitas pessoas não frequentam uma igreja cristã por acharem que elas só querem o seu dinheiro; 3) Abordar este ato de adoração, considerando-o como a fonte geradora de recursos para a manutenção e expansão da igreja. A limitação pecuniária pode comprometer o avanço da evangelização, bem como a manutenção dos obreiros, que são instrumentos fundamentais na realização da missão de Deus neste mundo.

Outra realidade desafiadora é o quadro de ofertantes e dizimistas sistemáticos, que geralmente são minoria nas igrejas locais. O Dr. Antônio Carlos Barro, Barro (2001), informa que nas igrejas cristãs, em média, 35% dos membros são fiéis nos dízimos. Ou seja, de cada três membros escritos no rol, apenas um é dizimista. Neste contexto, o referido teólogo, também provoca uma reflexão sobre as perdas, resultantes da infidelidade na adoração financeira: “Imagine o quanto poderíamos realizar para a obra de Deus se cada cristão parasse com a hipocrisia religiosa e resolvesse ser fiel a Deus em todas as ações?” (BARRO, 2001, p.5). Esta também é uma porcentagem, aproximada, no contexto da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) que foi objeto da pesquisa etnográfica. Isso indica que, na concepção de muitos fiéis da IASD, a contribuição com os dízimos e as ofertas significa um ato de adoração a ser praticado, regular e sistematicamente na

atualidade. Em contrapartida, tal percentual também aponta para possíveis casos de questionamentos bíblicos, teológicos, históricos e denominacionais, relacionados a aplicabilidade de tal princípio doutrinário no contexto hodierno. Além disso, estes dados podem sugerir uma incompreensão do propósito espiritual e evangelístico dos dízimos e das ofertas, por parte de alguns membros da igreja. Diante dessa realidade, pode-se perguntar: Quais fundamentos sustentam a prática da adoração, com os dízimos e as ofertas na contemporaneidade? Quais os benefícios da adoração com dízimos e ofertas para o desenvolvimento da vida cristã?

Nesse sentido, a presente obra oferece ao leitor uma fundamentação sistematizada para a adoração com os dízimos e as ofertas, experiências reais de bênçãos espirituais e físicas decorrentes da fidelidade a este princípio doutrinário fundamental da palavra de Deus; bem como um projeto para instrumentalizar pastores e líderes na inspiração e instrução das suas respectivas igrejas quanto a fiel mordomia cristã das finanças. Com isso, espera-se que este trabalho contribua, de alguma forma, para a edificação e expansão do reino de Deus.

1 – FUNDAMENTOS PARA A ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS NA CONTEMPORANEIDADE.

1.1 O SIGNIFICADO BÍBLICO DE ADORAÇÃO

Adoração é um propósito essencial para o qual Deus criou o ser humano. O texto de Apocalipse 4: 9-11 indica este princípio: “Quando esses seres viventes derem glória, honra e ações de graças ao que Se encontra sentado no trono, ao que vive pelos séculos dos séculos, os vinte e quatro anciãos prostrar-se-ão diante Daquele que Se encontra sentado no trono, adorarão o que vive pelos séculos dos séculos e depositarão as suas coroas diante do trono, proclamando: Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas Tu criastes, sim por causa da Tua vontade vieram a existir e foram criadas”. Warren (2003) comenta que há antropólogos que consideram a adoração como um impulso universal, posto por Deus na estrutura do ser humano, uma necessidade intrínseca de nos ligarmos a Deus. Adorar é tão natural quanto comer e respirar. Neste sentido, quando não conseguimos adorar a Deus, sempre achamos um substituto, ainda que no fim seja nós mesmos (WARREN, 2003, p. 58).

A Bíblia Sagrada aponta para uma experiência de adoração focada, única e exclusivamente, em Deus. O salmista Davi transmite esta expectativa do Criador em relação as suas criaturas: “Tributai ao Senhor a glória devida ao seu nome, adorai o Senhor na beleza da santidade” (Salmos 29:2). Davis (1996), ao conceituar adoração no contexto bíblico, afirma que adoração se presta a alguém que possui atributos divinos. Neste sentido, a adoração é um culto ou veneração que se presta a divindade (BOYER, 2006, p. 31).

A narrativa bíblica aponta para a adoração como uma resposta reverencial da criação à magnífica grandiosidade do Deus Criador, Redentor e Mantenedor (Is 6: 1–6; Êx 15:11; Sl 148: 1–14). No contexto veterotestamentário, o culto abrangia diferentes ações. Apresentar uma oferta a Deus foi um ato de adoração (קָרַב, qārab). Curvar-se na presença de Deus era uma demonstração externa de uma atitude interior de reverência diante do Criador (הָאָוָה, hāwâ). O verbo רוּם (rûm) poderia indicar que uma pessoa estava “levantando” ou “exaltando” Deus com louvor. Juntos, esses dois últimos termos fornecem uma rica imagem de adoração: as pessoas se inclinam diante de Deus e o levantam em louvor e admiração. O verbo הָלַל (hālāl) pode ser usado para designar o ato de celebrar Deus. A palavra “aleluia” é derivada da frase hebraica הַלְלוּ-יָהּ

(halêlû-yâh), que significa “louvar ao Senhor”. Esse louvor pode envolver זָמַר (zâmar, "cantar"). A adoração também pode ser descrita como “servir” (עָבַד, ‘ābad) a Deus. No Antigo Testamento, a adoração envolvia um ritual de devoção que simbolizava, em si, uma vida totalmente entregue a Deus.

A Bíblia Sagrada descreve o Deus Criador, Redentor e Mantenedor como o único objeto de adoração (Dt 5: 6–7; 6: 4; 1 Cor 8: 5–6; Is 40: 18–23; Col 1: 15–20). Nos primórdios, a adoração envolvia sacrifício em um altar (Gn. 8: 20–21; 12: 6–7). Durante este período da história de Israel, não parece haver nenhuma limitação no local de culto, desde que Deus seja o objeto de culto. Durante o êxodo, a adoração israelita centralizou-se no tabernáculo (Êx 40: 1–36) e ocorreu onde quer que o tabernáculo estivesse localizado (2 Sm 7: 6). Antes da escolha de Sião, durante a monarquia davídica, o culto também ocorria em vários lugares altos, desde que não fossem associados a outras divindades (1 Rs 9: 16–24). Tais cultos foram proibidos depois que Deus escolheu Jerusalém como seu local preferido de adoração (Sl 78:68; 132: 13). Nos livros proféticos encontra-se profecias relacionadas a nações que vêm a Jerusalém para adorar a Deus; esses textos também predizem que a palavra de Deus será divulgada às nações (Is 2: 3; 49: 6; Zc 8: 20–23; Mal 1:11). Nesse sentido, a adoração tem implicações missiológicas.

As formas de adoração são diversas e podem se manifestar em muitas atividades, incluindo música, ritual, pregação e oração. O povo de Israel cantou e tocou instrumentos em louvor a Deus (1 Cr 25: 6); O rei Davi dançou diante do Senhor (2 Sm 6:14). Deus deu aos israelitas uma série de festivais que deveriam ser lembrados, anualmente, de seus atos salvíficos no passado e de sua provisão contínua no presente (por exemplo, Lv 23; Dt 16: 1–17). Fisicamente, a adoração pode envolver o dobrar o joelho, prostrar-se ou levantar as mãos diante de Deus (por exemplo, 1 Sm 1:26; Jr 18:20; 2 Cr 6:13; Sl 5: 8; 28: 2; 99: 5; Is 1:15).

No contexto bíblico também encontramos exemplos da adoração condenada por Deus, a adoração a falsos deuses. Como a Baal (2 Reis 10. 22 e 23), Bezerro de ouro (Êxodo 32.8), deuses dos moabitas (Números 25.2), Astarote (1 Reis 12.33), os dois bezerros de ouro (1 Reis 12. 26-30), o Sol (Ezequiel 8.16), Imagem de ouro (Daniel 3), Diana (Atos 19.27) e o Dragão (Apocalipse 13.4). Esta adoração não agrada a Deus, pois Ele está à procura de verdadeiros adoradores, que o adorem em espírito e verdade (João 4.23 e 24). Segue alguns exemplos bíblicos de adoração ao Deus verdadeiro:

Personagem bíblico	Passagem bíblica
Eliezer	Genesis 24. 26 e 27
Jacó	Hebreus 11.21
Moisés	Êxodo 34.8
Josué	Josué 5.141
Elcana	Samuel 1.31
Samuel	Samuel 1.282
Davi	Samuel 12.202
Josafá	Crônicas 20.18
Jó	Jó 1.20
Magos	Mateus 2.11
Chefe da sinagoga	Mateus 9.18
Mulher Cananéia	Mateus 15.25
Os discípulos de Jesus	Mateus 28. 9,17
Endemoniado gadareno	Marcos 5.6
Ana	Lucas 2. 37
Eunuco	Atos 8.27
Anjos de Deus	Hebreus 1.6; Ap. 5. 11-14, 7.11.

O Novo Testamento faz alusão a muitas das atividades descritas como adoração no Antigo Testamento. O verbo προσκυνέω (proskyneō) significa curvar-se como um ato de adoração, enquanto κάμπτω (kamptō) significa dobrar o joelho ou reverenciar a Deus. Outras palavras para louvar a Deus incluem δοξάζω (doxazō), pelo ato de dar glória a Deus, e εὐλογέω (eulogeō), por louvar ou abençoar a Deus.

Um paradigma de adoração cristã encontra-se no relato de Atos 2:42. A igreja se reuniu para ouvir os ensinamentos dos apóstolos, a comunhão, o partir o pão (observando a Ceia do Senhor, 1 Cor 11: 23–26) e orar. Outros relatos indicam que a adoração cristã primitiva incluía ofertas, cânticos e a presença sentida do Espírito Santo (1 Cor 16: 1–2; Ef 5:19; Gl 3: 1–5).

Deus, por meio da Sua Palavra, requer adoração como uma experiência que deve ser direcionada, única e exclusivamente a Ele, que é o criador e mantenedor (Êxodo 20.1-6; Lucas 4. 8; Colossenses 2.18; 2 Tessalonicenses 2.3 e 4; Apocalipse 19.10). O Dr. Ralph Martin define o vocábulo adoração, numa cosmovisão cristã, da seguinte forma:

“Adoração é uma palavra vinculada às honrarias devidas à nobreza. Analisando o moderno vocábulo *adoração*, vemos que ele se origina do latim *adoratio* (- *onis*), formado a partir da junção do prefixo *ad-* com o vocábulo *oratio*, “fala”, “discurso”, “oração”. Na raiz de *oratio* está a palavra latina *os* (*oris*), que significa “boca”, o que mostra que *adoratio* se refere, portanto, a “um discurso, uma elocução, algo que se profere a favor de (*ad-*) alguém, em prol de alguém. *Adoratio* vincula-se ao verbo *adorare*, que significa “prestar culto a divindade”, “ter por divindade”, “cultuar”, “idolstrar”. Se pudermos elevar esse pensamento ao âmbito do relacionamento divino-humano, temos uma definição prática do termo “adorar” já pronta para nós: Adorar a Deus é atribuir a ele valor supremo”, porque somente ele é digno (MARTIN, 2012, P. 16).

Portanto, os cristãos devem adorar como uma reação diante da soberania e do amor de Deus. A autêntica adoração deve fluir de um coração submisso, que leva à atitude.

Durante a narrativa bíblica, percebe-se Deus oportunizando meios de adoração, como: o sacrifício de um cordeiro, a construção de um tabernáculo com serviços de cultos, louvores, entrega de ofertas e dízimos, as festas espirituais, o Templo etc. Entretanto, para que a adoração atendesse a expectativa divina, o adorador deveria render antes de tudo o seu coração ao Criador e Mantenedor. Nesse sentido, Santos (2014) explica:

A submissão a Deus, a entrega do coração a Ele, é o elemento fundamental da verdadeira adoração. Cantar louvores, pregar, devolver dízimos e ofertas é importante, mas não é tudo. As lições de Jesus junto ao portão do Templo nos fazem recordar que a adoração realmente apropriada começa com uma resposta a gratidão de Deus. Lembra-se da história da viúva pobre que deu tudo o que tinha para Deus? E o que ela deu? Poucas moedas, que somavam toda a sua renda? Não, não, ela deu mais! Primeiramente, aquela mulher miserável entregou a vida a Deus, então como consequência disso, levou ao templo toda miserável riqueza que tinha. E foi assim que poucas e insignificantes moedas – que não tinham valor algum para a maior parte das pessoas – se tornaram uma doação monumental, símbolo da verdadeira adoração (SANTOS, 2014, p. 52).

A Igreja tem uma responsabilidade essencial para com o próximo que é, através do evangelismo, viabilizar a missão de Deus na Terra. Outra responsabilidade essencial do Corpo de Cristo é a adoração. Esta última deve ter precedência sobre a nossa responsabilidade com o próximo, pois a adoração é a responsabilidade para com Deus. Todos os cristãos devem ser adoradores, tanto em particular como em público. A responsabilidade do evangelismo é temporária, cessará quando Cristo vier para consumir Seu reino, mas a adoração continuará por toda a eternidade, pois “fomos criados para adorar a Deus e desfrutar da

sua presença eternamente” (TOZER, 2013, p. 31). Toda a vida do cristão deve ser adoração. O servo de Cristo deve servir a Deus com todo o ser. Sendo a adoração uma responsabilidade essencial e prioritária da igreja, naturalmente, precisa-se dar mais atenção a este princípio bíblico. Neste sentido, Stott (2013), na obra *A Igreja Autêntica*, apresenta quatro características da adoração segundo as Escrituras Sagradas:

1 – A verdadeira adoração é bíblica. A adoração deve ser uma resposta à revelação bíblica. É impossível adorar a um deus desconhecido, pois se não conhecemos, não podemos cultuá-lo e a pretensa adoração está fadada a degenerar em idolatria. Neste sentido, a adoração cristã pode ser definida como “uma resposta a revelação de Deus”. Portanto, a leitura, meditação, ensino e pregação da Palavra de Deus é indispensável na adoração. É a Palavra de Deus que evoca a adoração de Deus.

2 - A verdadeira adoração é congregacional. Algumas pessoas dizem que acham mais fácil cultuar a Deus sozinhas do que numa multidão. E, de fato, há lugar para adoração particular e individual, até mesmo no saltério. Mas o salmista concentra-se mais na adoração coletiva (Sl 113:1; Sl 149:1). E no Novo Testamento encontramos a exortação: “Não deixemos de reunir-nos como igreja, segundo o costume de alguns, mas procuremos encorajar-nos uns aos outros, ainda mais quando vocês vêm que se aproxima o Dia (Hb 10:25). Isto indica que a adoração que agrada a Deus é oferecida pelo Seu povo reunido em adoração.

3- A verdadeira adoração é espiritual. A Bíblia indica que a verdadeira adoração não é em si uma questão de formas, rituais e cerimônias. Profetas do Antigo Testamento foram claros em denunciar o formalismo e a hipocrisia da adoração israelita. Jesus chegou a aplicar esta crítica aos fariseus (Is 29.13; Mc 7.6). Esta condenação por parte dos profetas veterotestamentários e do próprio Cristo pode ser aplicada a algumas igrejas na contemporaneidade, pois estas promovem uma adoração inadequada, que envolve ritual sem realidade, forma sem poder, prazer sem temor e uma religião sem Deus. Os adoradores devem vivenciar a verdadeira transcendência e desfrutar de um encontro direto com o Deus vivo. Para isso, se faz necessário uma oferta de culto e adoração tão sincera que o povo de Deus diga como Jacó: “Sem dúvida o Senhor está neste lugar, mas eu não sabia!” (Gn 28:16), e os incrédulos presentes se prostrem e adorem a Deus exclamando: “Deus realmente está entre vocês!” (1 Co 14:24-25).

4 - A verdadeira adoração é uma adoração moral. A adoração deve não apenas expressar o que está em nosso coração, mas também ser acompanhada de uma vida reta. Samuel expressou a Saul: “A obediência é melhor do que o sacrifício, e a submissão é melhor do que a gordura de carneiros” (1 Sm 15:22). Neste sentido, Deus também foi incisivo em Sua declaração a Isaías (Is 1. 10-19), pois estava sendo insuportável para Deus a mistura de religião, maldade e injustiça. Adoração sem santidade era odiosa para Ele. Paulo, em Romanos 12: 1-2, descreve a vida cristã como um ato espiritual de adoração. Nos onze capítulos anteriores, o apóstolo expõe as “misericórdias de Deus” e, nesse contexto, apela para uma entrega envolvendo a apresentação dos corpos como sacrifício vivo a Deus. Isto indica que Paulo está inferindo uma adoração que é expressa não só no edifício de uma igreja, mas em casa e no local de trabalho. Um tipo de adoração fica desequilibrado sem o outro.

A adoração é mais ampla do que a participação num culto público, ela envolve a submissão repetida

e contínua do cristão em obediência de vida (PETERSON, 2019, p. 193). Portanto, a Bíblia aponta para uma adoração que abrange a vida inteira em obediência a Deus (Rm 12: 1–2). Nesse sentido, todo ato de obediência a Cristo, quando feito para sua glória, é um ato de adoração (Col 3:17). Esse ato chegará ao ápice quando pessoas de todas as tribos, línguas e nações se unirem ao resto da criação em adoração diante do trono do Cordeiro (Ap 5: 11–14).

1.2 ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS

Significado bíblico de dízimo. A palavra hebraica para “dízimo” מַעֲשֵׂר (ma'aser) significa, literalmente, a décima parte. A palavra grega é δεκάτη (dekate) que significa “décimo”, “dízimo”. Portanto, na Bíblia, dízimo é a décima parte da renda de alguém, a qual Deus afirma ser Sua (Levíticos 27:30). A palavra dízimo ocorre 35 vezes no Antigo Testamento e 10 vezes no Novo Testamento. Devolver o dízimo é entregar a Deus, em adoração, a décima parte (10%) de todos os rendimentos financeiros. É um sinal de aliança e de sociedade com Ele, reconhecendo-O como o Criador e Proprietário de todas as coisas. (Gênesis 14:18; levítico 27:30 e 32; Malaquias 3:7-10). No Novo Testamento, Jesus Cristo ratificou a importância do dízimo (Mateus 23:23), o que indica a continuidade e a relevância desta prática. O fato da palavra “dízimo” ter pouca menção no Novo Testamento não anula um princípio que existe antes da própria Lei (Gênesis 14:20; 28:22). O princípio do dízimo se baseia em princípios tão duradouros como a Lei de Deus.

Significado bíblico de oferta. No contexto bíblico, a oferta envolvia um animal ou coisa que se oferecia a Deus, no culto (embora, de fato, tudo pertença a Ele). No Antigo Testamento, as ofertas eram de dois tipos: animais (holocaustos, expiações, ofertas pacíficas) e de grãos, cereais, frutas e dízimos. Todas estas ofertas apontavam para o nosso senhor Jesus Cristo que, ao se oferecer, cumpre todo sistema de ofertas do AT e apresenta a oferta e o sacrifício definitivos (Hb 7: 27; 9:14). Em união com Cristo, os cristãos também devem oferecer a si mesmos, em sacrifício vivo, a Deus (Rm 12:1; 15:16; Fp 2:17, 4:18; 1 Pe 2:5). Portanto, um profundo significado de oferta na Bíblia está no termo sacrifício. O apóstolo Paulo utiliza expressões do sistema cerimonial do Antigo Testamento para se referir à oferta que os filipenses entregaram para a pregação do evangelho. Ele diz: “o que me veio da vossa parte foi como aroma suave, como sacrifício aceitável e agradável a Deus” (Fl 4:18). O sentido da palavra grega *thusias* é o mesmo utilizado no Antigo Testamento, que descreve um animal colocado sobre o altar, uma oferta, um sacrifício. Assim, como no Antigo Testamento o animal sacrificado simbolizava a entrega completa do “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” sobre o altar para perdão do pecador, as ofertas do mordomo fiel na atualidade simbolizam uma entrega total ao “Cordeiro” Perfeito que se entregou pelas Suas criaturas. Desta forma, os servos de Deus podem depositar sobre o altar de Sua igreja na Terra suas próprias vidas, que envolve ofertas, com gratidão pelo que o Senhor fez, faz e fará por nós. Martin (2012) explica que Deus é glorificado como se as dádivas e ofertas tivessem sido entregues diretamente a ele como menciona Filipenses 4:18 e Hebreus 13:16 (MARTIN, 2012, p. 108).

Palavras para oferta no hebraico:

Palavra	Significado	Referências
תרומה Terumah	Contribuição para uso sagrado.	Êx 36.3; Nm 18.8; Nm 18.19; Dt 12.17; 2Sm 1.21; 2Sm 1.21; 2Cr 31.12; 2Cr 31.14; Ne 10.37; Ne 10.39; Ne 10.39; Ne 12.44; Ez 20.40.
נדבה Nedabah	Oferta voluntária, além das que eram prescritas.	Êx 36.3; Lv 22.18; Lv 23.38; Nm 29.39; Dt 12.6; Dt 12.17; Dt 16.10; 2Cr 31.14; 2Cr 35.8; Ed 3.5; Am 4.5.
שלם Salem	Oferta Pacífica. Oferta para estabelecer/reafirmar e manifestar aliança e amizade com Deus.	Lv 6.12; 1Sm 13.9; 1Sm 13.9; 2Sm 6.18; 2Rs 16.13; 1Cr 16.2; 2Cr 29.35.
זבח Zebah	Sacrifício comum. Entrega completa.	Lv 7.11; Dt 33.19; 1Sm 10.8; 1Sm 11.15; 2Cr 30.22; 2Cr 33.16.
קרבת - Qarban	Oferta de aproximação.	Lv 2.13; Lv 7.38; Nm 18.9.
נדָר - Neder	Voto ou promessa feita Deus.	Dt 12.6; Dt 12.17; Dt 12.26.
תודה Todah	Ação de graças; doxologia. Oferta motivada por gratidão.	2Cr 29.31; 2Cr 29.31; Jr 33.11.
תנופה - Tenuphah	Oferta movida. Era apresentada pessoalmente. Usada nas primícias.	Êx 29.24; Nm 18.11.
מנחה Minhah	Tributo, presente, oferta.	Êx 30.9; Nm 18.9; Nm 29.39; 1Sm 2.29; 1Rs 8.64; 2Cr 7.7; Ne 13.5; Ne 13.9; Sl 20.3; Sl 40.6; Is 1.13; Is 19.21; Is 43.23; Is 57.6; Is 66.20; Jr 14.12; Jr 17.26; Jr 41.5; Ez 45.17; Am 5.22; Am 5.25; Ml 1.11; Ml 2.12; Ml 3.3.
אִשֶּׁה Isseh	Oferta queimada. Holocausto com sacrifício que queimava toda a vítima. Tudo era entregue.	Lv 2.3; Lv 2.10; Lv 4.35; Lv 5.12; Lv 6.17; Lv 6.18; Lv 7.30; Lv 7.35; Lv 10.12; Lv 10.13; Lv 10.15; Lv 21.6; Lv 10.15; Lv 21.6; Lv 21.21; Lv 23.36; Lv 24.9; Nm 28.2; Dt 18.1; Js 13.14; 1Sm 2.28.

Palavras para oferta no grego:

Palavra	Significado	Referências
δῶρον - dōron	presente; dom.	Mt 2:11; Lc 21.1; Hb 11:4
κορβανᾶς - korbanas	Tesouro; cofre.	Mt 27:6
προσφορά - prosphorá	oferta; ofertas; oferendas.	At 21:26; Rm 15:16; Ef 5:2; Hb 10:5; Hb 10:10; Hb 10:14; Hb 10:18

O significado bíblico de dízimos e ofertas, considerando suas respectivas palavras nas línguas originais da Bíblia, indicam que a entrega de dízimos e ofertas se constitui um ato de adoração, como ocorre em Salmo 96:8: “Tributai a Deus e dai-lhe glória devida ao seu nome; trazei ofertas e entrai nos seus átrios”.

O autor de Hebreus também aponta para este princípio de adoração: “Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome. Não negligencieis igualmente, a prática do bem e a mútua cooperação; pois, com tais sacrifícios, Deus se compraz (Hebreus 13: 15 e 16). Nesse sentido, Kidder (2012) diz que Adoração é uma resposta ativa que declara o valor de Deus. Em vez de ser passiva, ela é participativa. Portanto, a entrega de dízimos e ofertas é um ato que oportuniza a participação efetiva do adorador.

Adoração não é simplesmente um estado de espírito ou sentimento, mas uma afirmação de nosso respeito e nossa admiração. Kidder (2012) assegura que a vida cristã se centraliza na adoração. No entanto, a incapacidade de compreender o real significado da adoração leva à frustração e ao declínio da espiritualidade. Ele também afirma que existe uma ignorância generalizada acerca de seu verdadeiro significado e de seus elementos básicos, no culto público, que são: Bíblia, pregação, oração, louvor, ofertas e comunhão. Ele conclui que muitos desconhecem os meios pelos quais se pode alcançar a benção de uma adoração rica, autêntica e recompensadora (KIDDER, 2012, P. 11).

Um elemento da adoração no culto deve ser a entrega dos dízimos e das ofertas. Warren (2003) explica que a adoração é muito mais que música. Abrange as diversas partes do culto. Ele afirma que todos os momentos do culto de uma igreja são um ato de adoração: a oração, a leitura da Bíblia, os cânticos, a declaração de fé, o silêncio, manter-se quieto, ouvir uma pregação, tomar notas, ofertar, assinar um cartão de compromisso e até mesmo saudar outros adoradores (WARREN, 2003, p. 58). Nesse sentido, Martin (2012) descreve o significado de contribuir no contexto do culto de adoração a Deus:

Nenhum ato do culto público pode significar tanto ou tão pouco quanto a entrega e a recepção de nossas dívidas na casa de Deus. Se contribuirmos de modo impensado e formal, o ato está destituído de toda relevância e calor espiritual. Mas, se vemos a oferta como parte inseparável de nossa adoração coletiva e ancoramos firmemente na resposta total que damos às novas do evangelho, ela assume significado novo e mais rico; e a dedicação de nosso dinheiro passa a ser o sinal externo e visível da graça interna e espiritual de um coração grato. Como toda adoração verdadeira, a oferta é sacramental. (MARTIN, 2012, p. 112).

Portanto, a mordomia cristã envolve a administração do culto de adoração a Deus, que inclui as contribuições voluntárias na adoração cristã. Cabral (2003) descreve aspectos e modos da adoração cristã. Ele afirma que a mordomia cristã requer que a adoração, que dedicamos a Deus, tenha uma administração racional, espiritual, dinâmica e disciplinada. Ele afirma que a entrega das ofertas e dízimos fazem parte da adoração cristã, e apresenta uma relevante relação deste ato com o princípio cristão da *Koinonia*.

A contribuição espontânea e a entrega fiel dos dízimos fazem parte da adoração cristã. O texto de 1 Coríntios 16. 1-4 contém os princípios e bênçãos dos que contribuem com a obra de Deus. A palavra *Koinonia*, que significa “comunhão”, expressa a adoração a Deus pela comunhão fraternal com os demais cristãos. Algumas vezes, *Koinonia* tinha o sentido de “contribuição” (2 Co 9.5,13; Rm 15.26), que era uma forma de ajudar nas necessidades de outras igrejas, e a coleta feita destas contribuições era chamada, portanto, *Koinonia*. Essa mesma palavra podia significar “separar uma parte” ou, tinha um sentido verbal de “compartir” (Hb 13.16; Fp 4.10; Fm 4). (CABRAL, 2003, P. 183).

A Bíblia e a experiência da igreja cristã, ao decorrer da história, apontam para a entrega não só dos dízimos, mas também das ofertas. Ambos, com seus sagrados e respectivos significados e funções, corroboram

para o desenvolvimento da vida cristã e gera a receita para a expansão do reino de Deus. O Dr. Jorge Henrique Barro provoca uma reflexão sobre a relevância destes dois níveis de adoração financeira na atualidade:

E enquanto as ofertas às ofertas voluntárias? Creio que as ofertas partem sempre de um coração generoso e não legalista. Muitos pensam que porque cumprem com o dízimo, já não tem mais necessidade de ofertar algo extra para o reino de Deus. O dízimo, na verdade, é somente o ponto de partida, ou seja: até o dízimo (10 %) você tão somente cumpriu com o dever bíblico. Deus agora lhe concede 90% para que você administre para ele, e é destes 90% que você poderá realizar alguma oferta voluntária. A oferta voluntária é sempre um ato alegre, proveniente de um coração que ama ao Senhor com grande paixão. (BARRO, 2001, P. 58).

A história também apresenta experiências com dízimos e ofertas em tempos mais remotos, num contexto extrabíblico. Há evidências históricas de que o sentimento de ofertar é inerente ao homem, desde os primórdios da raça humana. Junqueira (2010) chega afirmar que mesmo entre os povos pagãos, esse costume era parte integrante de seus cultos idólatras, em que faziam oferendas aos deuses. Nesse sentido, Davis (1996) também afirma que:

Várias nações da antiguidade separavam para os deuses, certa proporção dos produtos de indústrias, ou dos despojos da guerra. Os lídios ofereciam a décima parte das presas (Heród. 1. 89). Os fenícios e os cartagineses enviavam anualmente a Hércules, a décima parte de suas rendas. Estes dízimos eram regulares ou ocasionais, voluntários ou ordenados por lei. Os egípcios deviam contribuir com a quinta parte das colheitas, para Faraó, Gn 47:24. (DAVIS, 1996, p. 164).

Rodriguez (1994) afirma que é bem conhecido o fato de que dizimar não é uma prática exclusivamente israelita. Ele cita a cidade de Ugarit (século XIV a.C), afirmando que há indicações de que seus residentes pagavam dízimos ao templo, um tipo de taxa, e que o rei também recebia uma taxa real (um dízimo) do povo. Dr. Rodriguez também pontua que documentos neobabilônicos do século VI a.C., revelam que dizimar era uma prática comum na Babilônia. O dízimo era dado ao templo e, o próprio rei deveria dizimar. O dízimo era coletado de todos os bens, incluindo cevada, tâmara, gergelim, linho, azeite, alho, lã, roupas, gado, ovelhas, pássaros, lenhas, e produtos de prata e ouro. Dizimar também era praticado entre os persas, gregos e romanos (RODRIGUEZ, 1994, P. 24). Com relação as ofertas, Dr. Rodriguez também descreve a experiência dos povos antigos com a prática de ofertar, afirmando que:

O estudo de religiões antigas sugere que na interação entre seres humanos e o divino, trazer uma oferta aos deuses era um aspecto constitutivo da devoção pessoal. Em todo o antigo Oriente Médio, diferentes tipos de ofertas foram levados aos deuses pelos seres humanos que buscavam suas bênçãos, proteção, perdão e orientação. Na maioria dos casos, as ofertas eram vistas como meio de suprir as necessidades dos deuses, a fim de ganhar e obter favores. Esta preocupação intensa de apresentar ofertas materiais aos deuses era universal (RODRIGUEZ, 1994, P. 41).

Com estas informações, supracitadas, pode-se deduzir que a entrega de dízimo e de ofertas, em contextos religiosos, remonta a tempos antigos e ultrapassa o âmbito da dinâmica religiosa do povo de Deus dos tempos bíblicos. Contudo, tal prática aparece na Bíblia num contexto sagrado de adoração ao Deus Criador e Redentor, por isso a principal fundamentação para adoração com os dízimos e as ofertas, no contexto da cosmovisão cristã, encontra-se na Bíblia Sagrada. Embora interpretações e aplicações a respeito deste princípio bíblico possam ter aparecido, de diversas formas, ao longo da história da igreja, pode-se dizer que é nas Escrituras Sagradas que encontramos uma base sólida que sustenta a sua prática na contemporaneidade, como será apresentado a seguir.

1.3 PRINCÍPIOS TEOLÓGICOS PARA A ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS

O princípio da adoração com dízimos e ofertas é fartamente encontrado nas Escrituras. Ocorre no Pentateuco (Gênesis 4. 3-7; 14.18-20; 28.20; Êxodo 25; Números 18.1-32; Deuteronômio 12. 11 e 12, 14. 22-29, 16:16 e 17; levítico 27.31), nos Livros Históricos (1 Crônicas 29. 10-22; Neemias 10, 12.44, 13.5-12), nos Livros Poéticos (Salmo 96. 8 e 9; Provérbios 3.9,10), nos Profetas (Malaquias 3.8-12), nos Evangelhos (Mateus 23.23; Marcos 12. 41-44; Lucas 21.1-4; Mateus 2.11-12, 12.41-44), Em Atos (Atos 4.36-37), nas Epístolas (1 Coríntios 9. 11-14; 2 Coríntios 8.1 – 9.15; Hebreus 7-10). Os referidos textos bíblicos apontam para a expectativa de Deus em relação a entrega de dízimos e ofertas como uma forma de adorá-lo. Nesse sentido Puni (2019), abordando a temática adoração com dízimos e ofertas, apresenta sete realidades teológicas nas Escrituras Sagradas que ajudam a estabelecer uma base para a compreensão bíblica da devolução do dízimo e a entrega das ofertas pelo povo de Deus, enquanto eles O adoram. São elas:

1 – O reconhecimento da autoria criadora de Deus do Universo e do mundo em que vivemos (Gênesis 1:1).

2 – Uma expressão de parceria com o Divino. Como mordomos de Deus, vivemos e existimos para o Seu propósito. Nos é confiada a responsabilidade de cuidar de todos os Seus recursos no mundo (Gênesis 1.26,28).

3 - Fazendo uma declaração de compromisso com o Senhorio de Jesus no mundo e em sua vida pessoal (Mateus 6.33).

4 – O reconhecimento das bênçãos de Deus que vem a nós por causa de Sua bondade e graça abundante em Cristo Jesus (João 1. 14,16-17).

5 – Uma resposta de amor e gratidão que é gerada a partir do coração (1 João 4.19).

6 – Uma demonstração, em ação de graças, de sua fé e confiança em Deus, o Provedor e Mantenedor da vida (Filipenses 4.19).

7 – Vivendo uma relação de aliança com Deus, onde Ele é tanto Salvador quanto Senhor (Jeremias 29. 12-13).

Stott (2013) afirma que o ato de adorar com os dízimos e as ofertas expressa nossa teologia. Por exemplo, quando contribuímos para projetos evangelísticos, estamos expressando nossa confiança de que o evangelho é o poder de Deus para a salvação e de que todos têm de ouvi-lo. Quando doamos para o desenvolvimento econômico, expressamos nossa crença de que todo homem, mulher, criança porta a imagem de Deus e não deve ser obrigado a viver em condições sub-humanas. Quando ofertamos para que a igreja seja edificada, reconhecemos sua centralidade no propósito de Deus e seu desejo de vê-la madura (STOTT, 2013, pág. 474).

1.4 ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS NO ANTIGO TESTAMENTO

O conteúdo do Antigo Testamento é basilar para se compreender as evidências, as motivações e os princípios teológicos concernentes a adoração com dízimos e ofertas em toda a Bíblia Sagrada. Tal ato de adoração é alicerçado no contexto veterotestamentário quando: se adjetiva dízimos e ofertas como santos ao Senhor, quando é uma realidade na experiência dos patriarcas, quando se organiza como sistema, quando é requerido nas experiências de reavivamento e reforma, bem como, quando se indica o seu significado

espiritual nos cultos e nas festas espirituais do povo de Deus no Antigo Testamento.

Dízimos e ofertas santos ao Senhor

Na Bíblia, Deus considera seu povo como povo Santo quando este guarda os seus mandamentos (Êx 19.6; Dt. 28.9; 1 Pe 2.9). Levítico 27: 30-32 diz que o dízimo é santo: “Também todos os dízimos da terra, tanto dos cereais do campo como dos frutos das árvores, são do Senhor. Se alguém quiser resgatar alguma coisa dos seus dízimos, acrescentará a isso a quinta parte. Quanto aos dízimos do gado e do rebanho, de tudo que passar debaixo do bordão do pastor, o dízimo será santo ao Senhor”, assim o tema do dízimo é introduzido também como uma forma de adoração, cada décimo animal dedicado como dízimo é declarado “Santo ao Senhor”. Estes dízimos eram ofertados a Ele como reconhecimento da Sua soberania sobre o doador e sua propriedade da terra e de tudo que Ele produz.

Números 18:29 indica que as ofertas também são santas ao Senhor: “De todas as dádivas que receberem vocês apresentarão toda oferta devida ao Senhor: do melhor delas, a parte que lhe é sagrada”. A palavra santo, nos textos supracitados, é *Kodesh*, consagrados, separados ao Senhor.

Quando alguém retém o dízimo e oferta está se apropriando de coisas santas, sagradas, pertencentes ao próprio Deus. Quando este pecado de roubo é cometido, se faz necessária a devolução (Lv 5:15-16). Por isso, quando o povo retinha o dízimo e ofertas, não entregando na Casa do Tesouro, ele não prosperava (Malaquias 3:8-10), pois havia profanado as coisas santas do Senhor. Este é um princípio para o povo de Deus viver a santidade. Isto indica que a adoração com dízimos e ofertas é um compromisso do povo santo de Deus com as coisas santas de Deus.

Em Êxodo 25, no contexto da construção do tabernáculo, Deus pede ofertas para Ele: “Diga aos filhos de Israel que me tragam uma oferta. De todo homem cujo coração o mover para isso, dele vocês receberão a minha oferta”. Este texto indica que a entrega de ofertas, a priori, é para Deus como ato de adoração. Neste sentido, em Números 18, a Bíblia, ao descreve os direitos e deveres dos sacerdotes e levitas, informa que os dízimos e ofertas eram de Deus, eram apresentados a Deus; e Deus, então, dava aos seus ministros da época, para o sustento das suas respectivas famílias, pois estes trabalhavam, exclusivamente na obra de Deus, liderando a experiência de adoração do Seu povo.

Dízimos e ofertas como parte do culto a Deus

Moisés descreve o lugar do culto verdadeiro aludindo dízimos e ofertas: “Então, haverá um lugar que escolherá o Senhor, vosso Deus, para ali fazer habitar o seu nome; a esse lugar fareis chegar tudo que vos ordeno: os vossos holocaustos, e os vossos sacrifícios, e os vossos dízimos e a oferta das vossas mãos, e toda escolha de vossos votos feitos ao Senhor, e vos alegrareis perante o Senhor, vosso Deus, vós, os vossos filhos, as vossas filhas, os vossos servos, as vossas servas e o levita que mora dentro das vossas cidades e que não tem porção nem herança convosco.”(Deuteronômio 12.11-12). Este texto indica que dízimos e ofertas faziam parte da liturgia e culto a Deus. A entrega dos dízimos e das ofertas era um ato litúrgico, um ato de adoração que fazia e deve fazer parte do culto do povo de Deus. (LOPES, 2009, p. 91). Deuteronômio 12 trata da importância de adorar a Deus em um santuário – um local escolhido pelo Senhor. Para este lugar, esperava-se que os israelitas trouxessem seus sacrifícios, ofertas e dízimo (RODRIGUEZ, 1994, p. 30).

Dízimos e ofertas nas festas espirituais veterotestamentárias.

Em festas espirituais do povo de Deus, no Antigo Testamento, era comum a experiência de entregar dízimos e ofertas, num contexto de adoração. Em Êxodo 34:20, encontra-se a expressão “Ninguém apareça diante de mim de mãos vazias”. Tal expressão se refere a celebração que combinava as festividades israelitas da Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos. Ocorrem outros textos na Bíblia indicando o mesmo princípio (Êxodo 23:15 e Deuteronômio 16:16-17). Este ato de adoração era relevante e muito significativo para o desenvolvimento espiritual do povo de Deus naquele contexto. Gondim (2015) explica que nessas festas, a presença de todos os judeus era uma obrigação, e ninguém podia comparecer aos locais de adoração sem as suas dádivas de gratidão, ou seja, sem os sacrifícios e as devidas ofertas e dízimos das primícias ou das colheitas. Assim, Deus educava a congregação dos santos no sentido de aprenderem a agradecer, especialmente, pela libertação da servidão do Egito e pelas tantas outras bênçãos recebidas de Suas mãos, provisionando cada necessidade deles. “Tais ofertas demonstravam também a lealdade do sincero judeu que aprendera a questionar a si mesmo: 'quanto daria ao Senhor por todos os seus benefícios para com ele?' - Salmo 116:12” (GONDIM, 2015, p. 7).

O sistema de dízimos e ofertas destinava-se a impressionar a mente dos homens com a grande verdade de que Deus é a fonte de toda bênção às Suas criaturas, e de que a Ele é devida a gratidão do homem pelas boas dádivas de Sua providência. No contexto do Antigo Testamento, Deus se agradou dos muitos sacrifícios de adoração, porque eles profetizavam o sacrifício de Jesus por nós na cruz. Warren (2003) afirma que Deus se agrada de sacrifícios de adoração diferentes: ação de graças, louvor, humildade, arrependimento, oferta, oração, serviço aos outros, e ajuda aos necessitados (WARREN, 2003, p. 93).

A adoração de Abel

Gênesis 4:3-5 diz: “Aconteceu que no fim de uns tempos trouxe Caim do fruto da terra uma oferta ao Senhor. Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho e da gordura deste. Agradou-se o Senhor de Abel e de sua oferta; ao passo que de Caim e de sua oferta não se agradou”. Este texto descreve o primeiro ato de adoração registrado na Bíblia, e esta experiência envolveu entrega de oferta. Kidder (2012) afirma que desde o princípio, adorar a Deus significa levar-Lhe ofertas. Quando analisamos a adoração no Antigo Testamento, vemos que no primeiro ato de adoração registrado na Bíblia, Caim e Abel levaram ofertas ao Senhor. A oferta de Abel envolveu um sacrifício oferecido pela fé, enquanto o ato de Caim consistiu em uma oferta de frutas da terra. Portanto, é válido notar que a adoração a Deus começou com ofertas (KIDDER, 2012, p. 89).

Neste relato, encontramos a aprovação de Deus para a oferta de Abel. O Senhor se agradou porque o adorador se submeteu humildemente a orientação do seu Criador e Mantenedor. Tal direcionamento divino apontava para a compreensão e aceitação do plano de salvação da humanidade, como afirma Junqueira (2010):

Essa é a primeira notícia sobre ofertas que encontramos na Bíblia, em termos concretos. Em termos velados, a ideia de oferta já estava implícita no próprio Jardim do Éden, bem no início da civilização, quando nossos primeiros pais foram enganados por Satanás que os levou ao pecado da desobediência, ao comerem o fruto da árvore proibida. Ali, o Senhor deixou transparecer a ideia de oferta, ao fazer a primeira promessa sobre a salvação (Gn 3.15). Essa promessa apontava para Cristo, que seria a oferta

de Deus para a restauração do homem decaído, levantando-o, novamente. (JUNQUEIRA, 2010, p. 129).

A oferta requerida por Deus já tipificava a oferta perfeita que viria: “O Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1.29). Este ato de ofertar deveria envolver fé e obediência à vontade de Deus, confiança no Seu plano de salvação e demonstrar total dependência dEle, como afirma White (2007):

Esses irmãos foram provados, assim como o fora Adão antes deles, para mostrar se creriam na Palavra de Deus e obedeceriam à mesma. Estavam cientes da providência tomada para a salvação do homem, e compreendiam o sistema de ofertas que Deus ordenara. Sabiam que nessas ofertas deveriam exprimir fé no Salvador a quem tais ofertas tipificavam, e ao mesmo tempo reconhecer sua total dependência dEle, para o perdão; e sabiam que, conformando-se assim ao plano divino para a sua redenção, estavam a dar prova de sua obediência à vontade de Deus. Sem derramamento de sangue não poderia haver remissão de pecado; e deviam eles mostrar sua fé no sangue de Cristo como a expiação prometida, oferecendo em sacrifício o primogênito do rebanho. Além disto, as primícias da terra deviam ser apresentadas diante do Senhor em ação de graças. (WHITE, 2007, p.402)

A adoração de Abraão

Gênesis 14:18-20 diz: “E Melquisedeque, rei de Salem, trouxe pão e vinho; e era este sacerdote do Deus altíssimo. E abençoou-o, e disse: bendito seja Abraão do Deus altíssimo, o possuidor dos céus e da terra e bendito seja o Deus altíssimo, que entregou os teus inimigos nas tuas mãos. E Abraão deu-lhe o dízimo de tudo”. Este texto indica que a entrega do dízimo não é apenas um detalhe do sistema religioso expresso na lei, mas, acima de tudo, deve ser uma parte da relação entre um fiel e o Deus criador e mantenedor. Esta experiência de Abraão com dízimo ocorreu antes da lei de Moisés. O princípio do dízimo a antecede. Ao entregar o dízimo de tudo a Melquisedeque, um sacerdote legítimo, Abraão, o “pai da fé”, evidencia que viveu pela fé e por ela foi justificado.

Rodriguez (1994) explica que, em um nível mais profundo, a prática do dízimo de Abraão estava baseada na convicção sólida de que Deus é o Criador e Dono de tudo no universo – Aquele que abençoa e preserva a vida. A experiência de Abraão esclarece que Deus escolheu indivíduos específicos para mediar e transferir o dízimo do adorador para Ele. Um sacerdote recebia o dízimo, nesse caso, em particular, e em outros casos registrados no Antigo Testamento. Abraão devolveu seu dízimo para aquele a quem Deus apontou como seu instrumento.

Podemos deduzir que Abraão também adorava ao Criador com dízimos e obedecia a todos os mandamentos (Gênesis 26:5). Sobre esta experiência de Abraão entregar o dízimo a Melquisedeque como ato de adoração, o Dr. Joseph Kidder afirma que:

Abraão demonstrou sua adoração no ato tangível de entrega de seu dízimo a Deus. Esse simples, mas significativo ato de adoração foi um reconhecimento público da soberania e do senhorio de divinos. O patriarca, assim, expressou amor e gratidão ao adorar de uma forma reverente o Deus que o havia abençoado com plenitude de vida, prosperidade, força e esperança (KIDDER, 2012, p. 93).

Hebreus capítulo 7 sugere que, nesta experiência de Abraão e Melquisedeque, encontramos um princípio para a validade permanente do dízimo. Neste caso, nosso sacerdócio não foi mudado. Abraão deu o dízimo a Melquisedeque, e nós somos representantes diante de Deus pelo sacerdote eterno da ordem se Melquisedeque, Cristo. Portanto, permanece o dízimo como parte da nossa relação com Ele. A fidelidade do patriarca, “o pai da fé”, a este princípio foi assimilada por seus descendentes (Gênesis 28:22). Todo aquele que é filho espiritual de Abraão (Gálatas 3.7) pode seguir seu exemplo de dizimar e ensinar essa prática

sagrada aos seus filhos.

Enquanto o cenário em que Abraão devolveu o dízimo era o resultado de batalha (depois que ele derrotou Quedorlaomer e seus aliados), o reconhecimento de Deus como “Criador” e “Altíssimo” por Melquisedeque, que era rei e sacerdote ao mesmo tempo, são importantes de notar, porque estas são expressões de adoração. Mais importante, o devolver o dízimo foi uma resposta de adoração de Abraão à declaração de quem é Deus. Na verdade, mesmo com sua resposta ao rei de Sodoma, ele reconheceu “o Senhor, o Deus Altíssimo, O Criador do céu e da terra.” (Gênesis 14:22). Essas expressões verbais de adoração por Melquisedeque e Abraão, acredito, não são menções acidentais na paisagem mais ampla da Bíblia, mas pontos de referência intencionais, lembrando as pessoas em todos os lugares que Deus é digno de louvor e adoração e, que a devolução do dízimo é parte de uma experiência de adoração (PUNI, 2019, p. 29).

A adoração de Jacó

Hebreus 11: 21 indica que experiência de adoração do patriarca Jacó foi vitalícia: “Pela fé, quando estava para morrer, abençoou cada um dos filhos de José e, apoiando sobre a extremidade do seu bordão, adorou”. Em relação a sua experiência com os dízimos, Rodriguez (1994) afirma que o dízimo é mencionado nessa história em um contexto de adoração. Jacó foi confrontado pela radiante presença de Deus e O adorou. Isso é adoração uma resposta reverente à presença de Deus. O local onde ele teve o sonho se tornou local de adoração, uma casa do Senhor.

Uma leitura dos versos 21 e 22 do capítulo 28 indicam que o voto de Jacó incluía três componentes básicos:

- (a) comprometimento com o Senhor (“o Senhor será o meu Deus”);
- (b) adoração à Ele (o lugar tornava-se “santuário de Deus”);
- (c) dizimar (baseado no que Deus lhe deu).

Um elemento importantíssimo nessa narrativa é que o fato de dizimar é precedido de uma revelação de Deus como alguém carinhoso e amoroso, sempre disposto a abençoar e preservar a vida de Seus servos. Jacó descobriu que toda benção espiritual e material é encontrada em Deus e que Ele tem uma disposição natural para abençoar abundantemente. Isso pode indicar que a entrega da vida a Deus numa relação de amor antecede ao ato de dizimar, porque o dízimo está inseparavelmente ligado ao Senhor, pertence-lhe. O dízimo baseia-se no reconhecimento da providencial intervenção de Deus na vida de uma pessoa. Sem essa experiência prévia de entrega, dizimar perde seu propósito e se torna irrelevante se sem significado. Se um voto está envolvido, é porque o relacionamento com o Senhor é formal e o compromisso é permanente. “Como um ato de adoração, o dízimo renova nossa vontade constante de entregar nossas vidas para a Fonte de todas as bênçãos, reafirmando nosso compromisso incondicional a Deus. Dessa maneira, o dízimo é uma representação concreta da aliança” (RODRIGUEZ, 1994, p.8).

A adoração de Davi

1 Crônicas 29:10-22 narra a oração que Davi proferiu, pelas ofertas levantadas, apontando para um princípio sobre como ofertar: ofertar é um ato de adoração e louvor; como indica as Escrituras: “pelo que Davi louvou ao Senhor perante a congregação toda” (v.10). Davi Louva a Deus por aquilo que Ele nos dá (v. 14-18): “Porque quem sou eu, e quem é o meu povo para que pudéssemos dar voluntariamente estas coisas? Porque tudo vem de ti, e das tuas mãos te damos. Porque somos estranhos diante de ti e peregrinos como todos os

nossos pais; como a sombra são os nossos dias sobre a terra, e não temos permanência. Senhor, nosso Deus, toda esta abundância que preparamos para te edificar uma casa ao Teu Santo Nome vem da Tua mão e é toda Tua. Bem sei, meu Deus, que Tu provas os corações, e que da sinceridade Te agradas; eu também na sinceridade de meu coração, dei voluntariamente todas estas coisas; acabo de ver com alegria que o Teu povo que se acha aqui, te faz ofertas voluntariamente. Senhor, Deus de nossos pais Abraão, Isaque e Jacó, conserva para sempre no coração do Teu povo estas disposições e pensamentos, inclina-lhe o coração para contigo”. Com esta atitude, Davi sinalizou a convicção de que Deus conhece os motivos do coração e se alegra com as ofertas, abundantes e sinceras, que lhes fazemos (LOPES, 2017, p. 96)

O texto descreve a entrega das ofertas num contexto de adoração. Os líderes e o povo vivenciaram uma experiência espiritual de consagração da vida ao Senhor. Isto sugere outro princípio para a adoração com dízimos e ofertas: Os líderes devem ser exemplos de fidelidade nesta experiência de adoração financeira, padrão dos fiéis (1 Tm 4.11). Peterson (2019) descreve este episódio espiritual da seguinte forma:

Quando os israelitas contribuíram com generosidade para a construção do templo, Davi louvou a Deus por sua grandeza e poder, demonstradas particularmente em sua bondade para com o seu povo (1 Cr 29.10-19). Então exortou a assembleia do povo unir-se a ele em louvor a Deus “Então todos eles louvaram o Senhor, o Deus dos seus antepassados; inclinaram-se e prostraram-se diante do Senhor e diante do rei e ofereceram sacrifícios ao Senhor...” (v. 20,21). Aqui, indica-se uma atitude semelhante diante de Deus e do rei, com ênfase na homenagem de gratidão implícitas em ambos os casos, mas o sacrifício distingue claramente a reação ao reinado de Deus. Mais uma vez o sacrifício está associado a esse gesto e à expressão pública de louvor a Deus em 2 Crônicas 7.3, 4; 29.28-30 (Peterson, 2019, p. 52).

Adoração em Salmo 96. 8-9

Salmo 96. 8-9 diz: “Tributai ao Senhor a glória devida ao Seu Nome; trazei oferendas e entrai nos Seus átrios. Adorai o Senhor na beleza da Sua santidade; temei diante dele, todas as terras.” A palavra aqui traduzida como " - מִנְחָה *Minchãh* - é o que é comumente usado para denotar uma oferta de agradecimento. Rodrigues (1994) explica que o termo *Minchãh* no Antigo Testamento designa um presente dado a um superior que foi reconhecido como mestre ou governante sobre a pessoa que deu o presente. Ao trazer uma *Minchãh*, os israelitas estavam declarando, em linguagem ritual, que YAHWEN foi a aliança do Senhor e que eles eram Seus súditos.

O salmista exorta a entregar uma oferta ao Senhor e entrar nos Seus átrios. Isto sugere que ninguém deve entrar em Seus átrios de mãos vazias. A oferta está ligada à adoração. Ofertar envolve reconhecer que tudo que temos e somos vem da provisão inesgotável do Senhor, Criador e Mantenedor. É Deus quem dá saúde, inteligência e todas as condições necessárias para estudar e trabalhar, bem como para adquirir recursos e bens materiais. Quem rende adoração ao Senhor deve também estar disposto a devolver os dízimos e as ofertas, parte dos bens que Ele lhes confiou, a fim de que o reino de Deus possa crescer na Terra.

Ao longo da história de Israel, o povo de Deus construiu altares e ali ofereceu ofertas ao Deus verdadeiro. Quer tenha sido durante a vida dos grandes patriarcas, quer tenha sido em outros períodos da história – na frente do tabernáculo no deserto ou no pátio do templo de Jerusalém –, sempre que se dirigiam para adorar a Deus, as pessoas levavam uma oferta. O salmista fez um claro convite: “Deem ao Senhor a glória devida ao seu nome, e entrem nos Seus átrios trazendo ofertas” (Sl. 96:8). Aqui está, talvez a declaração mais simples das Escrituras acerca do que envolve a adoração a Deus. Não devemos considerar a adoração basicamente como uma forma de conseguir as bênçãos de Deus. Em vez disso, adorar significa dar – isto é, ofertar. Se existe algo que precisamos entender hoje, com certeza é essa questão. (KIDDER, 2012, p. 89).

Shedd (2007), em seu clássico *Adoração Bíblica*, ao descrever exemplos de adoração encontrados na Bíblia Sagrada, coloca Salmo 96 como modelo de adoração, que envolve o ato de ofertar:

A expressão “tributai ao Senhor glórias e forças” chama a nossa atenção para o elemento central na oferta a Deus. “Glória”, no hebraico, traduz a palavra *Kabod*, “peso, valores reconhecíveis”, tais como: ouro, gado, posses. “Força” (heb. oz) aponta para segurança, ousadia, majestade, aquilo que prevalece. Deus compartilha conosco sua glória e força. Suas posses (“ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém, Sl. 24.1), mas também deseja nossa gratidão, que deve ser expressa pela prestação de glória e força, através de nossos lábios e mãos (Hb 13.15-16). “Trazei oferendas”, ordena o escritor sagrado, não porque Deus sente falta de nossas ofertas, mas porque elas comprovam nosso amor. “É possível dar sem amar”, disse R. Braunstein, “mas é impossível amar sem dar” (SHEDD, 2007, p. 141).

Adoração em Provérbios 3. 9 e 10

Provérbios 3: 9 e 10 diz: “Honra ao Senhor com os teus bens e com as primícias de tua renda; e se encherão fartamente os teus celeiros, e transbordarão de vinho os teus lagares”. Podemos dizer que o que os Salmos são para a vida devocional, os Provérbios são para a vida prática. A Lei de Deus dada no Pentateuco é reforçada pela admoestação de Provérbios. No contexto de Provérbios 3:1-12 encontramos uma lista de seis ordens e sua explicação ou motivo. O texto em questão, Provérbios 3: 9 e 10, apresenta a quinta ordem e a razão para ela. Este texto bíblico pode ser dividido em duas grandes partes: 1 - o que nós temos que fazer 2 - o que Deus fará depois que fizermos a nossa parte.

A supremacia de Deus e Seu domínio completo sobre todas as coisas são reconhecidos, no contexto do Antigo Testamento das seguintes formas: seja com a primeira parte da colheita (Lv. 23:16 e 17), ou com o primogênito dos seres humanos ou animais (Ex. 13:1-3; Nm. 3:13).

White (2007), indica uma aplicação do princípio das primícias descrito em Provérbios 3. 9-10 à adoração com dízimos e ofertas na atualidade.

Mas o dízimo foi separado para o sustento dos que ministravam no santuário. Deveria ser dado das primícias de todas as suas rendas, e, juntamente com as dádivas e ofertas, prover abundantes meios para a manutenção do ministério do evangelho para aquele tempo. Deus não requer menos de nós do que requeria de Seu povo, na antiguidade. Suas dádivas a nós não são menores, mas maiores que as concedidas do antigo Israel. Seu serviço exige agora, e sempre exigirá, recursos. A grande obra missionária para a salvação de almas deve ser levada avante. Com os dízimos e as dádivas e ofertas... Diz Ele: Eu sou o dono do mundo; meu é o Universo, e quero que consagreis ao Meu serviço as primícias de tudo o que eu, com as Minhas bênçãos, faço chegar às vossas mãos. Declara a Palavra de Deus: “As tuas primícias, não retardarás.” “Honra ao Senhor com a tua fazenda, e com as primícias de toda tua renda.” Exige Ele esse tributo como prova de nossa fidelidade a Ele (WHITE, 2007, p. 72).

O princípio das primícias pode ser aplicado, em certo sentido, à entrega de dízimos e ofertas, pois tal contribuição dos servos de Deus deve ser entregue em caráter de primazia, ou seja, o mordomo cristão fiel deve separar dízimos e ofertas antes de utilizar os recursos adquiridos em outras questões pessoais. Nesse sentido, honrar a Deus com as primícias da renda pode significar separar a parte do Senhor primeiro (dízimos e ofertas).

Peterson (2019) associa honra com adoração, enfocando o relacionamento com Deus.

De acordo com *The Oxford English Dictionary*, “Adorar” é “Honrar” ou reverenciar algo ou alguém como um ser ou poder sobrenatural ou como santo; considerar ou aproximar-se com veneração; adorar com atos ou cerimônias apropriadas. No uso comum, “adorar” é uma atitude de veneração ou devoção

ou a expressão dessa atitude em ações específicas, expressando uma atitude de grata submissão, louvor ou homenagem a Deus. De maneira geral, os mesmos vocábulos podem se referir a atividades como oferecer sacrifícios, ir ao templo ou participar de uma festa. Quando este é o caso, a palavra “adorar” em nossa tradução pode ser entendida como envolver-se em uma cerimônia religiosa ou em uma série de rituais. Sem dúvida esta palavra pode ser entendida em um sentido ainda mais geral, para descrever um sistema completo de pensamento e atividades pelos quais as pessoas buscam se relacionar com Deus. (PETERSON, 2019, p. 47).

Adoração com dízimos e ofertas no contexto de reavivamento e reforma espirituais

É evidente, no Antigo Testamento, o apelo de Deus ao Seu povo para buscar reavivamento e reforma. O reavivamento é um convite para que se afastem dos deuses estrangeiros e O reconheçam como o único Senhor de suas vidas. Fora do Pentateuco, as referências ao sistema do dízimo e ofertas estão intimamente relacionadas ao contexto de reavivamento e reforma.

Dízimos e ofertas passaram a ser um termômetro espiritual do povo de Deus no Antigo Testamento. Sempre que o povo se distanciava do Senhor, desleixava na adoração com dízimos e ofertas. Quando acontecia um reavivamento e uma reforma espiritual o povo despertava para tal ato de adoração a Deus, como aconteceu na época de Ezequias (2 Crônicas 31), na época de Neemias (Neemias 13) e Malaquias (Malaquias 3). Nesses textos, dízimos e ofertas aparecem juntos, indicando que, embora tenham finalidades diferentes, estão num mesmo pé de igualdade como atos de adoração.

Reforma religiosa do Rei Ezequias (2 Crônicas 31:5-12).

A Bíblia relata a reforma que ocorreu durante o tempo do rei Ezequias (2 Crônicas 29-31). Os principais componentes do reavivamento de Ezequias foram o templo restaurado, os cultos restaurados, a Páscoa celebrada mais uma vez e os levitas restaurados ao ministério. Podemos ler sobre a resposta do povo ao chamado ao reavivamento e reforma: “Logo que se divulgou esta ordem, os filhos de Israel trouxeram em abundância as primícias do cereal, do vinho, do azeite, do mel e de todo produto do campo; também os dízimos de tudo trouxeram em abundância” (2 Crônicas 31:5).

Então, ordenou Ezequias que se preparassem depósitos na Casa do Senhor. Uma vez preparados, recolheram neles fielmente as ofertas, os dízimos e as coisas sagradas; disto era intendente Conanias o levita, e Simei, seu irmão, era o segundo (Crônicas 31:11,12). O Rei Ezequias usou sua influência de líder supremo da nação para promover um reavivamento e uma reforma espiritual significativa. Tal transformação envolveu tomada de medidas financeiras para restaurar o santuário (2 Crônicas 31. 2-21). O povo deveria entregar os dízimos e as ofertas, a parte devida aos sacerdotes e levitas (Números 11). O povo contribuiu com abundância, que se fez necessário preparar novos depósitos (V. 11) e ali recolher fielmente as ofertas, os dízimos e as coisas consagradas (v.12). Antes, no contexto da liturgia do culto restabelecido pelo rei Ezequias, um dos elementos foi a entrega de ofertas naquele momento especial de adoração e consagração (2 Crônicas 29:20-36).

Renovação da aliança sob liderança de Neemias (Neemias 10)

A mesma experiência de reavivamento e reforma é descrito no livro de Neemias (Neemias 10:37, 38;

12:44; 13:5, 12). Durante esse período de reavivamento, Esdras leu a Lei. O culto corporativo foi restaurado. O povo se comprometeu com a fidelidade a Deus, com dízimos e ofertas. Armazéns para os dízimos e ofertas foram estabelecidos.

Em Neemias 10.37-39 encontramos a promessa concernente a fidelidade, na entrega dos dízimos e ofertas, feita pelo povo na renovação da aliança: “As primícias da nossa massa, as nossas ofertas, o fruto de toda árvore, o vinho e o azeite traríamos aos sacerdotes, às câmaras da casa do nosso Deus; o dízimo da nossa terra, aos levitas, pois a eles cumpre receber os dízimos em todas as cidades onde há lavoura. O sacerdote, filho de Arão, estaria com os levitas quando estes recebessem os dízimos, e os levitas trariam os dízimos dos dízimos à casa do nosso Deus, às câmaras da casa do tesouro. Porque àquelas câmaras os filhos de Israel e os filhos de Levi devem trazer ofertas do cereal, do vinho e do azeite; porquanto se acham ali os vasos do santuário, como também os sacerdotes que ministram, e os porteiros, e os cantores; e, assim, não desemparríamos a casa de nosso Deus.”

Os israelitas prometeram fazer como parte da aliança renovada quatro coisas: Não realizar casamentos mistos, praticar a verdadeira observância do sábado, cumprir o cancelamento de dívidas e a observância do ano sabático a fim de cuidar dos pobres e dar-lhes liberdade, e sustentar financeiramente o templo, seus serviços, e suas equipes trazendo as primícias dos frutos, os primogênitos e os dízimos, assegurando a continuação da verdadeira adoração.

Na restauração do sacerdócio após o retorno do cativo (Neemias 13: 5-12)

A partir da experiência de renovação espiritual, Judá (Neemias 10.37-39) estava alegre, porque os sacerdotes e os levitas ministravam ali e o serviço do Templo se desenvolvia bem (Neemias 12.44-47). Contudo, depois de doze anos, Neemias voltou para a Pérsia. Após a sua partida, o nível de espiritualidade e fidelidade do povo começou a enfraquecer. Os sacerdotes foram perdendo o senso da relevância do seu sagrado chamado, chegando ao ponto crítico do sacerdote Eliasibe, que era o encarregado da casa de Deus, se apareceu com Tobias, um amonita, e fez para ele uma câmara grande, onde antes eram depositados os dízimos e as ofertas, que se destinavam a manutenção dos ministros que serviam a Deus no Templo. O Sacerdote Eliasibe se desviou dos princípios divinos, implementados por Neemias, e fez uma câmara nos pátios da Casa de Deus para beneficiar Tobias. Cômico deste quadro de infidelidade, Neemias voltou a Jerusalém e, indignado, atirou todos os móveis da casa de Tobias fora da câmara. Neemias, também, ordenou que se purificasse as câmaras e trouxe os utensílios da Casa de Deus, com as ofertas de manjares e incenso; restaurou os levitas e os cantores e os restituiu aos postos. Então, todo o Judá trouxe os dízimos aos depósitos (Neemias 13.4-14).

No chamado ao povo para reconsagração (Malaquias 3:8-10)

Provavelmente, Malaquias profetizou durante o tempo de Esdras e Neemias. Uma evidência disso seria a condição espiritual do povo e dos seus líderes, que é descrita de maneira idêntica no livro do profeta Malaquias e Neemias capítulo 13. Rodriguez (1994) informa que alguns estudiosos concluíram que Malaquias profetizou durante o tempo em que Neemias foi para a Pérsia (432 a.C. ou logo em seguida). O tempo do profeta Malaquias foi uma era de apostasia, e o livro de Neemias é um apelo de Deus para Seu povo.

Um trecho do primeiro capítulo descreve a nação rebelde: “*O filho honra o pai, e o servo, ao seu senhor. Se eu sou pai, onde está a minha honra? E, se eu sou senhor, onde está o respeito para comigo?*” (Malaquias 1:6). A questão principal era a ausência de reconhecimento de Deus como Mestre, como Senhor.

A mensagem de Malaquias não é sobre dízimos e ofertas, mas sobre adoração aceitável – a entrega total de si mesmo a Deus (3:6). No capítulo 1, por exemplo, Deus lembrou Israel do valor do respeito e honra que Ele espera e merece deles (Malaquias 1:6). Este respeito e honra são melhor expressos na oferta de sacrifícios de animais sem mácula na adoração ((1:7-10), mas Israel, ao invés disso, estava dando à Deus o doente e o refugo de seus rebanhos... E assim, no meio deste chamado para a adoração, Deus lembrou Israel de Seu desejo de que pudessem ser reconectados a Ele (3:7). “voltem para mim, e eu voltarei para vocês.” Quando eles retornaram para Ele, Deus espera que eles também lhe devolvam os Seus dízimos e oferta (3:10). Dízimos e ofertas, suas propriedades, devem ser devolvidos como parte de sua experiência de adoração e estes deviam ser devolvidos ao “tesouro” (PUNI, 2019, p. 29).

O profeta também falou, veementemente, contra os erros do sacerdócio (Malaquias 1.6-14; 2.1-9). Tal liderança se corrompeu ao ponto de se desviar dos princípios estabelecidos por Deus, concernentes a administração dos recursos oriundos da adoração com dízimos e ofertas (Neemias 13.5-12).

No livro de Malaquias, o processo de reavivamento e reforma pode ser resumido em três etapas: (1) diálogo estendido sobre apostasia; (2) um chamado para retornar a Deus; e (3) maneiras de reforma, incluindo devolução de dízimos fiéis e ofertas.

O capítulo 3 apresenta o apelo de Deus ao Seu povo. É um chamado para retornar, um chamado ao reavivamento. “Desde os dias de vossos pais, vos desviastes dos meus estatutos e não os guardastes; tornai-vos para Mim, e Eu me tornarei para vós outros, diz o Senhor dos Exércitos; mas vós dizeis: Em que havemos de tornar?” (Malaquias 3:7). Após ouvir a Deus, as pessoas fazem uma pergunta pertinente: como devemos demonstrar que voltamos a Deus? Antes de dar a resposta, Ele lembra às pessoas como elas se afastaram dEle: “Roubará o homem a Deus? Todavia, vós me roubais e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a Mim me roubais, vós, a nação toda” (Malaquias 3:8, 9). Eles estavam roubando de Deus a honra que Ele merece como único Deus. Ele termina a conversa com um apelo: “Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na Minha casa; e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se Eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênçãos sem medida” (Malaquias 3:10).

Deus já havia instruído aos israelitas a levar os dízimos e as ofertas para um lugar de Sua escolha, como está descrito em Deuteronômio 12.5-6: “Mas buscareis o lugar que o Senhor, vosso Deus, escolher de todas as vossas tribos, para ali pôr o seu nome e sua habitação; e para lá iries. A esse lugar fareis chegar os vossos holocaustos, e os vossos sacrifícios, e os vossos dízimos, e a oferta de vossas mãos, e as ofertas votivas e as ofertas voluntárias, e os primogênitos das vossas vacas e das vossas ovelhas”. Nos dias de Salomão, o dízimo era devolvido no templo de Jerusalém. Os israelitas entendiam o que era o “depósito” e onde era ele quando o profeta Malaquias disse o que está no capítulo três. A casa do tesouro representava o local em que ocorriam os cultos religiosos e onde os levitas eram sustentados (MATHEUS, 2017, p. 92).

Malaquias 3.8-10 diz: “Roubará o homem a Deus? Todavia, vós me roubais e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a Mim me roubais, vós, a nação toda. Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa; e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se Eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênçãos sem medida.” Neste texto, menciona não só os dízimos, mas também as ofertas. Ofertas eram parte dos sacrifícios separados para os sacerdotes (Êxodo 29.27,28; Levítico 7.32; Números 5.9). Elas deveriam ser entregues ao

Senhor, em adoração, e tinha sua finalidade especial de apoiar materialmente a estrutura e dinâmica do Santuário (Êxodo 25.1-9). Quando os adoradores não entregavam as ofertas, os levitas eram forçados a desistir do ministério e ganhar o seu sustento na agricultura, desviando-se, assim, do plano divino original. Com isso a obra do Senhor naquele contexto não se desenvolvia adequadamente, conforme o plano Divino.

Comentando Malaquias 3.8-10, Lopes (2009) afirma que a restauração espiritual passa pela fidelidade na devolução dos dízimos e pontua quatro pecados graves quanto ao dízimo:

1 – Reter o dízimo. “Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas” (Malaquias 3.8). O verbo “roubar” (*qaba*) é raro no Antigo Testamento, mas bem conhecido na literatura talmúdica como “tomar a força”. O povo estava roubando a Deus ao trazer ofertas indignas (Malaquias 1.13), ao oprimir os pobres (Malaquias 3.5), retendo os dízimos (Malaquias 3.8). A palavra *roubar* significa tomar a força, como se planejasse e intencionasse um assalto. Esse verbo aparece também em Provérbios 22.23 para descrever despojamento do pobre. Portanto, reter os dízimos e ofertas, que são santos ao Senhor, é uma insensatez, pois há consequências decorrentes deste pecado. Dionísio Pape afirma que quem rouba a Deus não é capaz de amá-lo.

2 – Subtrair o dízimo. “Trazei todos os dízimos” (Malaquias 3.10). O dízimo deve ser entregue integralmente. Não se pode enganar a Deus quando se coloca o valor inferior ao dízimo que deveria dar. Quem pratica tal pecado, enganando a igreja, não consegue enganar ao Senhor. O Criador e Mantenedor não precisa de dinheiro, pois é dono absoluto da prata e do ouro (Ageu 2.8). O que Ele deseja é a fidelidade do Seu povo. O dízimo é o sustento da Casa do Senhor. Os levitas e sacerdotes viviam dos dízimos. Devemos trazer todos os dízimos à Casa do Tesouro.

3 – Administrar o dízimo. “Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro” (Malaquias 3.10). O ser humano, criatura, não tem o direito de mudar algo que o Senhor ordenou. Não devemos fazer o que bem entendermos com o que é santo e pertence a Deus. Não somos chamados para administrar o dízimo nem para sermos juízes sobre ele, mas para devolvermos ao legítimo dono. O próprio Deus estabeleceu que o dízimo deve ser entregue em Sua casa e deve ser administrado pelas pessoas que foram nomeadas para realizar tal trabalho, a quem compete esta gestão dos recursos sagrados.

4 – Subestimar o dízimo. “Em que te roubamos?” (Malaquias 3.8). A liderança e o povo estavam considerando o dízimo como um assunto sem importância. Sonegavam o dízimo e julgavam que essa prática não os afetava espiritualmente. A negligência e a dureza do coração do ser humano quando se reconhece o próprio pecado, não atenua a situação. O que se pensa sobre uma situação não a altera aos olhos Divinos. A verdade de Deus é imutável, e isso não depende do que venhamos a pensar a respeito dela. O povo de Deus da época de Malaquias além de sonegar o dízimo, não sentia culpa por isso. Eles pecavam e justificavam o seu pecado.

Estes pecados da geração do profeta Malaquias, relacionados à infidelidade nos dízimos e nas ofertas, seguramente era o reflexo do desvio do princípio Divino da verdadeira adoração, que envolve um chamado Divino à uma experiência genuína de conversão e de crescente santificação. O convite para pararem de roubar a Deus é introduzido por um chamado a conversão: “Voltem para mim” que se encontra no verso sete de Malaquias 3 (RODRIGUEZ, 1994, p. 34).

Adoração com dízimos e ofertas no livro de Amós

“Vinde a Betel e transgredi, a Gilgal, e multiplicai as transgressões, e, a cada manhã, trazei os vossos sacrifícios e, e de três em três dias, os vossos dízimos, e ofereci sacrifício de louvores do que é levedado, e apregoais ofertas voluntárias, e publicai-as, porque disso gostais, ó filhos de Israel, disse o Senhor Deus” (Amós 4:4 e 5).

O profeta Amós descreve um contexto de progresso econômico e político, contudo esta estabilidade material teria levado a um declínio moral, ético e religioso. Havia riqueza, exploração dos pobres e a busca por lucro. Os pobres eram oprimidos por uma sociedade corrupta e injusta (Am 2.6, 7; 5.10, 12; 8.5). Os centros religiosos eram até frequentados pelas pessoas que traziam seus sacrifícios, mas a religião era formal e exterior. Betel já era considerado um lugar sagrado, desde a época de Jacó, inclusive com uma experiência de dízimo (Gên. 28.19), ali ficava o principal santuário do reino do Norte, e Gilgal foi a primeira localização do santuário central depois da conquista da terra sob a liderança de Josué. Estes lugares deveriam ser o cenário para a verdadeira adoração, que incluía a entrega de dízimos e ofertas como expressão de uma experiência real com Deus, considerando o princípio do amor ao próximo.

Neste contexto, Amós não diz que a adoração com dízimos e ofertas não devem acontecer, mas aponta para a realidade que o dízimo e as ofertas perdem o seu significado quando não acompanhado por uma experiência religiosa que produza um impacto maior no comportamento social da pessoa e preocupação com os outros. Uma vida religiosa formal e o legalismo roubam ao dízimo e as ofertas os seus significados intrínsecos. O Dr. David Allan Hubbard, que atuou como Diretor do Seminário Teológico Fuller, explica a mensagem de Amós neste contexto de adoração com dízimos e ofertas:

A crítica de Amós em relação à prática deles não parece girar em torno de alguma violação das regulamentações rituais. Aliás, ele os importuna por fazerem coisas certas: sacrificam de manhã, dão o dízimo de suas colheitas (Dt 14.22-29; cf. Gên. 28.22, quanto ao dízimo de Jacó em Betel) no terceiro dia de sua peregrinação, queimam suas ofertas de gratidão (Lv 7.12-15; 22.29,30) e anunciam suas ofertas voluntárias (Lv 7.16,17; 22.18-23); mas elas as fazem por motivos errados, como sugerem as palavras apregoai e publicai (ou “anunciai”, v. 5). A motivação egoísta e a falta de interesse pela glória e adoração divina são visíveis: (1) vossos sacrifícios e vossos dízimos, Deus assim os rotula (v.4); (2) o povo faz alarde de suas oferendas (cf. a acusação que Jesus faz dessa prática em Mateus 6.1-18; e (3) acima de tudo, amam fazer estes sacrifícios e comê-los como uma forma de festa familiar, sem a devida consideração para com seus propósitos sagrados ou com as obrigações de justiça que acompanhavam tais sacrifícios. (HUBBARD, 1996, p. 178).

Adoração com dízimos e ofertas no período intertestamentário

Os princípios e as experiências de adoração, com dízimos e ofertas, do Judaísmo são basilares para se compreender a visão bíblica de dízimos e ofertas, embora tal ato de adoração anteceda o sistema estabelecido pela nação israelita. Dr. Bradford descreve esse período assim:

Durante o período intertestamentário, os judeus seguiram a prática dos dízimos ofertas do AT (segundo século a. C) relata, por exemplo, sua viagem fictícia a Jerusalém para as festas anuais, nas quais ele levou consigo os primeiros frutos e os dízimos de sua produção agrícola. Ele especifica: “De todos os produtos da terra, distribuía eu um décimo aos filhos de Levi que ministravam em Jerusalém; com o segundo décimo do que eu vendia ia gastar a renda cada ano em Jerusalém; uma terceira dízima, eu dava aos carentes e necessitados (Tobias 1:7,8) ... A Mishnah contém tratados sobre os dízimos e ofertas Terumoth especifica as dádivas que devem ser apresentadas ao sacerdote... Apesar disso, a filosofia bíblica de devolver dízimo e ofertas com base na gratidão parece ter se desgastado; ofertar se tornou um meio de receber algo em troca. Sabedoria de Siraque sustenta que “a esmola expia o pecado” (3:30). Tobias afirma que “a esmola livra do pecado e da morte, e preserva a alma de cair nas trevas” (4:10; cf. 12:8-10) ... Depois da destruição do templo, passou-se atribuir muita importância à correta devolução dos dízimos. Tornou-se comum o conceito de uma pessoa ser “fiel nos dízimos”, sendo que aqueles que não devolviam dízimo eram considerados cristãos de segunda classe. Embora o

Dízimos e ofertas nos livros apócrifos

Os livros apócrifos, que não são considerados canônicos pelos cristãos protestantes, fazem alusão aos dízimos e as ofertas. Tais literaturas, embora não possuam valor doutrinário para a igreja cristã de forma geral, tem um certo valor histórico sobre o testemunho comportamental do contexto religioso do povo de Deus dos tempos bíblicos. Textos de Tobias e Eclesiástico também apontam para a entrega de dízimos e ofertas como ato adoração: (1) “Muitas vezes, eu sozinho ia a Jerusalém, por ocasião das festas, em obediência ao preceito eterno, imposto a todo o Israel. Corria a Jerusalém com as primícias dos frutos e dos animais, com os dízimos dos rebanhos e a primeira tosquia das ovelhas. Entregava tudo aos sacerdotes, descendentes de Aarão, para o altar. Aos levitas, que desempenhavam suas funções em Jerusalém, entregava o dízimo do trigo, do vinho, do óleo, das romãs, do figo e dos outros frutos. Seis anos em seguida, oferecia em dinheiro, o segundo dízimo, indo anualmente apresentá-lo em Jerusalém (Tobias 1. 6-7). (2) “Praticar a esmola é oferecer um sacrifício de louvor. Afastar-se do mal, eis o que agrada ao Senhor; O sacrifício de expiação consiste em fugir da injustiça. Não te presentes diante do Senhor de mãos vazias, pois todos esses sacrifícios lhe são devidos por seu mandamento. A oferta de gordura sobre o altar, e seu perfume se eleva até o altíssimo. O sacrifício do justo é bem aceito, e seu memorial não será esquecido. Glorificai ao Senhor com generosidade e não sejas mesquinho em oferecer-lhe as primícias de tuas mãos. Em todas as ofertas mostra alegria no rosto e consagra o dízimo com prazer. Dá ao Altíssimo, segundo tuas posses. Pois o Senhor é alguém que retribui sete vezes mais” (Eclesiástico 35. 4-13).

A finalidade dos dízimos e das ofertas no Antigo Testamento

Os recursos oriundos da entrega dos dízimos e ofertas num ato de adoração, tinham seus respectivos destinos também orientados pelo próprio Deus.

Os textos veterotestamentários parecem apontar uma separação entre dízimos e ofertas. Os dízimos não eram dados como ofertas e nem as ofertas dadas como dízimo. O dízimo era santo ao Senhor e objetivavam manter os ministros religiosos daquele contexto, pois eles eram nomeados para o serviço do Templo (Levítico 16; Números 18). Silva (2011) afirma que não há nenhum texto bíblico que informe que o dízimo do sacerdote tenha sido destinado às despesas do santuário. Ofertas e impostos que geravam a receita para as despesas do Templo. Subirá (2015) explica este sistema da seguinte forma:

Sempre que um templo foi construído no Antigo Testamento, os recursos vieram de ofertas voluntárias. Uma vez que os dízimos deveriam suprir as necessidades dos levitas, não eram usados em outras coisas. As demais necessidades materiais eram supridas mediante doações voluntárias. Vemos este modelo desde que Deus ordenou a construção do Tabernáculo de Moisés... A oferta é uma expressão de amor! E tem um propósito diferente do dízimo. Enquanto os dízimos visam suprir necessidade de sustento dos obreiros de tempo integral, as ofertas não têm um propósito específico. Elas geralmente são usadas para se suprir necessidades diversas que os dízimos não suprem. Estão sempre relacionadas com aquisições e realizações, como vimos nas ofertas para a construção do Tabernáculo de Moisés. (SUBIRÁ, 2015, p. 116)

Na reforma espiritual liderada pelo rei Ezequias, encontramos um exemplo de como o Antigo Testamento sugere a distribuição dos recursos oriundos da adoração. O dízimo do sacerdote devia ser restrito

à manutenção, já no caso do dinheiro das ofertas, estas eram utilizadas para o Templo e seus serviços. Em 2 Crônicas 31.5-21 descreve a entrega de todas as dádivas no Templo e como os dízimos, as ofertas e as coisas consagradas estavam misturadas em montões, ajuntados em quatro meses. O rei Ezequias, vendo a situação, ordenou que preparassem depósitos na casa do Senhor, câmaras para aqueles “montões”, e para isso delegou equipes de tesoureiros. Havia dois grupos encarregados de administrar as entradas, em separado: 1 – Para os dízimos, ofertas obrigatórias e coisas consagradas (2 Crônicas 31. 17-19) e 2 – Para ofertas voluntárias (2 Crônicas 31.14-16). Em cada cidade também homens foram designados para distribuírem as porções a todo homem, entre os sacerdotes e a todos os levitas, que foram oficialmente registrados como ministros de Deus (versos 17-20). Com relação a esta atitude, em prol da organização e do cumprimento dos propósitos dos recursos decorrentes da adoração do povo, a Palavra de Deus elogiou o rei Ezequias: “Assim fez Ezequias em todo o Judá; fez o que era bom, reto e verdadeiro perante o Senhor, seu Deus. Em toda a obra que começou no serviço da Casa de Deus, na lei e nos mandamentos, para buscar a seu Deus, de todo o coração e o fez e prosperou (versos 21-21). A dinâmica da distribuição dos dízimos e das ofertas é explicada por Silva (2008):

Podemos entender que o dízimo do sacerdote levita era a décima parte das rendas do adorador, obrigatória, que não podia ser trocada ou resgatada, no todo ou em parte, era consagrada ao ministério, não podendo ser utilizada para nenhuma outra finalidade ou serviço. Essa restrição se estendia mesmo ao Santuário, e sua administração não era feita pelos sacerdotes individualmente e nem pelo adorador, mas por uma equipe designada dentre os próprios levitas; além do mais, é dito pertencer a Deus e por isso deve ser devolvida (Lv 27; Ml:3:8-10). Por outro lado, quanto às ofertas, elas pertencem ao homem (Dt. 16:10), o critério de quanto dar é do homem (Dt 16:17) e podem ser usadas para várias finalidades (Êx 30:12, 13; 2Cr 31:14; 24:6-9; Neemias 10:32), por isso damos. (SILVA, 2008, P. 31).

Lopes (2017) explica os princípios bíblicos para as ofertas específicas e os diferencia do objetivo primário do dízimo:

Tanto em Israel quanto na igreja, o dízimo tem como objetivo principal sustentar o ministério sagrado. No Antigo Testamento, os levitas eram sustentados pelo dízimo do povo: *Disse também o Senhor a Arão: Na sua terra herança nenhuma terás e, no meio deles, nenhuma porção terás. Eu sou a tua porção e a tua herança no meio dos filhos de Israel. Aos filhos de Levi dei todos os dízimos em Israel por herança, pelo serviço que prestam, serviço da tenda da congregação* (Nm 18.20, 21). No Novo Testamento, os pastores devem ser sustentados pelos dízimos do povo: Não sabeis vós que os que prestam serviços sagrados do próprio templo se alimentam? E quem serve ao altar do altar tira o seu sustento? Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho (1Co 9.13,14). Nos dois casos, a ordem veio do Senhor. Obreiros e pastores devem trabalhar com dedicação exclusiva no ministério, devendo ser sustentados pelos dízimos entregues pelo povo. Sempre que um templo foi construído no Antigo Testamento, os recursos vieram de ofertas voluntárias. Uma vez que os dízimos deveriam suprir às necessidades dos levitas, não eram usados em outras coisas. As demais necessidades materiais eram supridas mediante doações voluntárias. Vemos este modelo desde que Deus ordenou a construção do Tabernáculo de Moisés... Enquanto os dízimos visam suprir necessidades diversas que os dízimos não suprem. Estão sempre relacionadas com aquisições e realizações (LOPES, 2017, P. 88).

Nesse sentido, Subirá (2015) descreve três níveis de contribuição (os dízimos, as ofertas e as esmolas) com seus respectivos propósitos.

Nível	Propósito
Dízimos	Sustento de obreiros
Ofertas	Aquisições e realizações
Esmolas	Suprimento e provisão

Portanto, podemos dizer que dízimos e ofertas no Antigo Testamento tinham finalidades diferentes, mas eram requeridos, em paridade, como atos de adoração.

1.5 ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS NO NOVO TESTAMENTO

Assim como no Antigo Testamento, no conteúdo neotestamentário também se encontram inferências bíblicas consistentes para alicerçar a prática da adoração com dízimos e ofertas na atualidade.

A palavra dízimo aparece seis vezes no NT, e, menciona a prática já existente entre os judeus (Lucas 11.42; 18.12; Hebreus 7.5-6,8-9), nestes últimos veículos faz-se menção ao dízimo entregue por Abraão ao sacerdote Melquisedeque, que prefigurava Jesus Cristo. Estas passagens podem confirmar esse ato de adoração. Não há nada no Novo Testamento que rejeite a prática do dízimo. Provavelmente, não foi preciso repetir de modo direto este mandamento porque era uma prática comum na vida dos israelitas, de Jesus e dos apóstolos, que formaram o núcleo da igreja primitiva. Pode-se deduzir que a essência do princípio da adoração com dízimos e ofertas do Antigo Testamento permaneceu.

A adoração dos Reis Magos

Mateus 2.11 diz: “Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, O adoraram; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra”. Quando Cristo nasceu uma oferta foi trazida a Ele por um grupo de pessoas inesperadas. Alguns não-judeus vieram do Oriente para conhecê-Lo e dar presentes: ouro, incenso e mirra (Mateus 2:1-11). Rodriguez (1994) afirma que estes “homens sábios” pertenciam a uma classe oriental de pessoas bem-educadas, ricas e influentes, chamada *mágoi* = “mago”. Em geral, eles eram conhecidos como peritos na astrologia e na interpretação de sonhos. Mateus os compreendeu como homens doutos, os quais eram capazes de identificar os sinais do nascimento de Jesus, e que, tendo feito isso, saíram para procurá-Lo. Eles tinham entrado em contato com as Escrituras Hebraicas e acreditado nas profecias messiânicas encontradas lá. “Neste texto, encontra-se ofertório e culto (adoração) relacionados, indicando que são práticas interligadas” (JUNQUEIRA, 2010, p. 159).

Estes magos não chegaram a Jesus de mãos vazias, mas trouxeram consigo os presentes para o novo rei. O termo *dōron* = “dar, oferecer” é o grego equivalente ao termo hebraico *Orban*, usado no Antigo Testamento para se referir aos presentes e ofertas de sacrifício (veja Hebreus 5:1). Neste caso, em particular, estes foram presentes de homenagem. Eles tinham vindo, de acordo com suas próprias palavras, para “adorá-Lo” (Mateus 2:2). O ato de adoração pode ser entendido como significante homenagem e submissão ao rei Messias. Mas, no contexto de Mateus, Jesus é a manifestação da presença de Deus (Mateus 1:23), o Filho de Deus (2:15) em um sentido único e, portanto, de um Ser a ser adorado. Nesta passagem, um presente caro/oferta está associada com os conceitos de adoração, homenagens e submissão. Tais ofertas são expressões tangíveis desses sentimentos e atitudes. Através de suas ofertas, os magos estavam reconhecendo a grandeza e a superioridade deste grande Rei de Israel (Rodriguez, 1994, p. 46).

White (2001) provoca uma reflexão, a partir da experiência de entrega de ofertas dos reis magos a Jesus: Como estaria a entrega de ofertas a Cristo?

Os magos trouxeram ao Salvador as coisas mais preciosas que possuíam. Nisto nos deram exemplo. Muitos oferecem presentes aos seus amigos terrestres, mas nada tem para dar ao Amigo celeste que lhes concede tantas bênçãos. Não devíamos agir assim. Devemos oferecer a Cristo o melhor de tudo que temos – nosso tempo, nosso dinheiro, nosso amor. Estamos lhe ofertando presentes quando damos para confortar os pobres e ensinamos as pessoas a respeito do Salvador. Ajudamos assim a salvar aqueles por quem Ele morreu e tais ofertas Deus abençoa (WHITE, 2001, p.15).

A experiência de Jesus Cristo com dízimos e ofertas

Não existe texto bíblico informando que Jesus tenha entregado dízimos e ofertas de seu trabalho. Contudo, podemos deduzir que, em virtude de ele ter trabalhado na carpintaria e de haver ele cumprido toda a Lei (que incluía a ordenança dos dízimos; Mt 5.17-20), provavelmente, tenha participado da adoração no templo, muitas vezes, levando seus dízimos e ofertas. Se lhe convinha cumprir “toda a justiça”, como disse a João Batista (Mateus 3.15), então certamente cumpriu os princípios da adoração com dízimos e ofertas; e se instruiu o povo a dar a Deus o que é de Deus, certamente não deixou ele mesmo de fazê-lo, no tocante aos bens (Mt 22.21). Neste sentido, Dillarde (1957) chega a deduzir que Jesus vivenciou a experiência da adoração com dízimos e ofertas, apresentando as seguintes inferências:

- Jesus foi educado num piedoso lar judeu, e os judeus piedosos eram dizimistas e ofertantes.
- Jesus declarou que não veio ab-rogar a lei e os profetas, mas cumpri-los (Mt 5:17). O dízimo é ensinado tanto na lei como nos profetas.
- Jesus sempre elevou o nível moral. Leia-se de novo, o que disse ele no Sermão do Monte sobre o assassinio, o adultério, o juramento, etc., e indague-se se Ele ficaria satisfeito, em matéria de contribuição, com um padrão inferior ao dízimo.
- Os inimigos de Jesus tentaram convencê-lo de que estava violando a lei, por exemplo, no caso da observância do sábado. Não será estranho que eles nunca o tivessem acusado de violar a lei do dízimo, se ele não o praticasse?
- Sem dúvida nenhuma, Jesus não só ensinou e praticou o dízimo, mas foi além dele.

Jesus se refere ao dízimo desta forma: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas!” (Mateus 23:23). “Mas ai de vós, fariseus! Porque dais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortalícias e desprezais a justiça e o amor de Deus; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas” (Lucas 11:42). Nem Cristo nem os apóstolos deram aos cristãos alguma instrução específica quanto ao dízimo. O texto de Mateus 23.23 ou Lucas 11.42 referem-se a uma censura feita por Jesus aos fariseus que, rigorosamente dizimavam até mesmo das menores e insignificantes hortalícias, enquanto desprezavam valores morais imprescindíveis como justiça, amor e misericórdia. A crítica de Jesus é contra a hipocrisia, o culto formalista e de mera aparência, desprovido da essência da Lei, que era o amor a Deus e ao próximo. Vê-se isso na oração arrogante do fariseu no templo, que se gabava de dar o dízimo de tudo quanto ganhava ao mesmo tempo em que tratava os demais homens com desprezo (Lc 18.11,12). Contudo, nesta censura de Jesus aos fariseus hipócritas têm-se o mais forte amparo neotestamentário para a continuidade da entrega dos dízimos, ainda que não mais submetido aos mesmos regulamentos complexos da lei mosaica (a graça simplifica o complexo!). Jesus não diz que os fariseus deviam abolir o dízimo em nome do amor e da justiça, antes deveriam praticar essas coisas “sem omitir aquelas”. Ou seja, noutras palavras, Jesus está dizendo: pratiquem acima de tudo o amor e a justiça e

não deixem de oferecer os seus dízimos. Isto indica que Cristo considera dízimos e ofertas como algo maior que uma expressão externa de religiosidade; considera como uma expressão genuína de amor e adoração. Embora estas palavras tenham sido dirigidas, originalmente, aos fariseus que ainda viviam sob o regime da Lei, esta instrução de Jesus é pertinente aos Seus discípulos na contemporaneidade, já que nada é dito em contrário. Jesus não chega a dizer aos fariseus para não dar o dízimo, neste versículo bíblico. Ele aponta para validade da prática de devolver o dízimo em todas as épocas. Também ensina, nesta exortação, que devolver o dízimo sem demonstrar misericórdia para com o semelhante não é frutífero para a vida do cristão. Rodriguez (1994) explica:

A declaração de Jesus registrada em Mateus 23:23 e Lucas 11:42 é um claro endosso do dízimo. Jesus está condenando os Fariseus de serem extremamente cuidadosos em dizimar, contudo, negligenciando “a justiça e o amor de Deus” (Lucas 11:42). Ou, como propõe Mateus, “negligenciando os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé” (23:23). Jesus esta ecoando a mensagem de Amós: zelo religioso e compromisso com a justiça, a misericórdia e o amor devem ser mantidos juntos (cf. Lc 18:12). Depois acrescentou: “Devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas (dizimar)”. Devemos ter em mente que o evangelho de Mateus foi escrito tempos depois da ressurreição e ascensão de Jesus e que ele foi escrito para os cristãos de origem judaica. Para eles, as palavras de Jesus teriam significado uma reafirmação do dízimo e não uma rejeição como cristãos.⁵ Por outro lado, Lucas foi escrito para um público não judeu, e usando as palavras de Jesus sobre o dízimo, ele parece encorajar os cristãos a dar o dízimo. As palavras de Jesus, dirigidas originalmente aos hostis líderes judeus, agora são usados pelos escritores bíblicos para instruir a igreja. Ao ouvir e ler os Evangelhos de Mateus e Lucas, as comunidades cristãs estavam sendo convidadas a fazer precisamente o que Jesus estava exigindo de seu público original. Cristo estava endossando o princípio do dízimo do Antigo Testamento entre seus seguidores. (RODRIGUEZ, 1994, P. 61)

Jesus e a adoração da viúva pobre

Com relação a ofertas, encontramos no episódio da viúva a pobre, registrado em Marcos 12.41 – 44, uma importante provocação apresentada por Cristo que sugere a necessidade de uma autêntica adoração: “Assentado diante do gazofilácio, observava Jesus como o povo lançava ali o dinheiro. Ora, muitos ricos depositavam grandes quantias. Vindo, porém, uma viúva pobre, depositou duas pequenas moedas correspondentes a um quadrante. E, chamando os seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta viúva pobre depositou no gazofilácio mais do que o fizeram todos os ofertantes. Porque todos eles ofertaram do que lhes sobrava; ela, porém, da sua pobreza deu tudo quanto possuía, todo o seu sustento.” (Marcos 12: 41 a 44). O texto descreve Cristo sentado e observando as pessoas colocando suas ofertas nos treze receptáculos. Naquele momento, várias pessoas abastadas, ostentavam grandes quantias financeiras na tesouraria do Templo. Nesse cenário, aparece uma viúva pobre com duas moedas de cobre depositando tudo o que tinha em um dos receptáculos. Jesus chama os discípulos e contrasta a ação da viúva com a dos ricos. Apesar das riquezas, eles deram uma parte; apesar de sua pobreza, ela dá “tudo quanto possuía, todo o seu sustento” (v.44). O sistema de valores de Jesus inverte completamente conceitos como “maior é melhor” e “dar com vistas a receber”. Jesus elogia esta mulher, que conhece a Deus como seu provedor (MULHOLLAND, 1999, p. 192). Com isso, Jesus ensina que o motivo vale mais que o valor.

É o motivo que imprime cunho às nossas ações, assinalando-as com ignomínia ou elevado valor moral. Não são as grandes coisas que todos os olhos veem e toda língua louva, que Deus reputa mais preciosas. Os pequenos deveres cumpridos com contentamento, as pequeninas dádivas que não fazem vista, e podem parecer destituídas de valor aos olhos humanos, ocupam muitas vezes diante de Deus o mais alto lugar. Um coração de fé e amor é mais precioso para Deus que os mais custosos dons. A viúva

pobre deu sua subsistência para fazer o pouco que fez. Privou-se de alimento para oferecer aquelas duas moedinhas à causa que amava. E fê-lo com fé, sabendo que seu Pai celestial não passaria por alto sua grande necessidade. Foi esse espírito abnegado e essa infantil fé que atraiu o louvor do Senhor (WHITE, 2007, p. 176).

E foi assim que poucas e insignificantes moedas – que não tinham valor algum para a maior parte das pessoas - se tornaram uma doação monumental, símbolo da verdadeira adoração (SANTOS, 2014, p. 52).

A manutenção financeira do ministério de Jesus Cristo

A necessidade de recursos para a manutenção da obra de Deus, apresentada em toda Bíblia, também é evidenciada no próprio ministério de Cristo. Lucas 8.1-3 descreve: “Aconteceu, depois disto, que andava Jesus de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus, e os doze iam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios; e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, Suzana e muitas outras, as quais lhe prestavam assistência com os seus bens”. Provavelmente, enquanto Jesus e seus doze apóstolos se dedicavam ao ministério da Palavra, essas mulheres lhes davam suporte financeiro e material nesse período em que a igreja ainda não estava organizada no aspecto financeiro.

A adoração com dízimos e ofertas na Igreja Primitiva

Após a morte e ressurreição de Cristo, quando a Igreja se organizou, a história revela que os cristãos continuaram sendo orientados a adorar ao Senhor com seus recursos. O livro de Atos descreve uma igreja comprometida com a liberalidade, para manutenção da pregação do evangelho e ajuda aos necessitados (At 2.44-45).

As práticas da mordomia cristã da igreja apostólica eram uma expressão exterior dos princípios ensinados por Jesus a eles transmitidos pelos apóstolos. Dr. Fromm afirma que:

A mordomia era bastante realista durante o período da chuva temporã. Por ocasião da chuva serôdia, a mordomia estará novamente destinada a tomar seu devido lugar. Quando o Espírito Santo desceu no Pentecostes para habitar nos discípulos, assumiu o comando e o controle completo na vida deles. Nada deveria estar fora de sua inspiração e direção. Concluímos que a posse dos discípulos e seus gastos financeiros estavam sujeitos a Ele. Tudo era controlado pelo Espírito Santo e governado por esse princípio. A salvação não seria adequada nem completa se não proporcionasse libertação do poder do maligno do dinheiro. A lição do Pentecostes é a garantia de que quando o Espírito Santo habita em Sua plenitude no coração, as posses terrestres perdem o primeiro lugar, e o dinheiro é valorizado apenas como prova do nosso amor a Deus e do serviço ao semelhante. Assim, exercitamos nossa fé quando devolvemos nosso dízimo a Deus ... Não podemos servir a Deus e ao dinheiro, mas podemos servir a Deus com o nosso dinheiro. A queixa atual de que há falta de dinheiro para a obra do Senhor é uma evidência da medida limitada do conhecimento do Espírito Santo em nosso meio (FROMM, 2109, P. 25)

O Dr. Ralph P. Martin, Martin (2012), destacado catedrático de Novo Testamento pelo Seminário Teológico Fuller, descrevendo a adoração no contexto da igreja primitiva, descreve a contribuição cristã no âmbito da adoração no Novo Testamento. Martin pontua a importância do dinheiro, a ameaça do dinheiro e a consagração do dinheiro. Sobre a consagração do dinheiro ele afirma:

Embora haja nos evangelhos uma tendência de “negação do mundo, a qual nos levaria a “vender tudo”

e praticar o ascetismo (Mt 19.21; At.4.36-37; 2 Co 6.10), há um chamado igualmente insistente de “afirmação do mundo” que nos manda “fazer o bem” com o nosso dinheiro (1Tm 6.17-19), empregando-o para a glória de Deus e para o serviço do próximo e dos outros cristãos em aflição, os quais são nossos irmãos (Lc 16.9; 2 Co 8.13-14; Gl 6.10; 1Jo 3.17-18). Dessa maneira, Deus é glorificado como se as dádivas tivessem sido entregues diretamente a ele (Fp 4.18; Hb 13.16). Se Judas Iscariotes, que amava a torpe ganância (Mt 26. 14-16; Jo 12. 1-8), é condenado e apresentado como advertência no Novo Testamento, José de Arimateia, um “homem rico” (Mt 27.57-60; Jo 19. 38-42), é elogiado e apresentado como exemplo a seguir. Há além disso, o caso de outro José, de sobrenome Barnabé, que vendeu um terreno e trouxe o dinheiro aos apóstolos para ajudar a garantir a expansão missionária do evangelho (At 4.36-37). Essa história ilustra de modo admirável a consagração do dinheiro oferecido espontaneamente a serviço da obra de Deus e de seu reino (MARTIN, 2012, p. 108).

Martin (2012) aplica a experiência da adoração com ofertas da igreja primitiva para a contemporaneidade, afirmando que:

Nenhum ato do culto público pode significar tanto ou tão pouco quanto a entrega e a recepção de nossas dádivas na casa de Deus. Se contribuimos de modo impensado e formal, o ato está destituído de toda relevância e calor espiritual. Mas, se vemos a oferta como parte inseparável de nossa adoração coletiva e a ancoramos firmemente na resposta total que damos às novas do evangelho, ela assume significado novo e mais rico; e a dedicação de nosso dinheiro passa a ser o sinal externo e visível da graça interna e espiritual de um coração grato. Como toda adoração verdadeira, a oferta é sacramental (MARTIN, 2012, p. 108).

A igreja primitiva tinha um espírito de liberalidade diferenciado, provavelmente levavam muito a sério os ensinamentos de Jesus, dos apóstolos e de Paulo, como o que está escrito em 2 Coríntios 9:7. “A igreja dos apóstolos é um modelo de mordomia para todas as épocas” (BRADFORD, 2011, p. 730)

Adoração com dízimos e ofertas nas epístolas paulinas

O princípio da adoração com dízimos e ofertas é ratificado pelo apóstolo Paulo. Os dois textos bíblicos citados, a seguir, apontam para continuidade da adoração com dízimos no contexto do Novo Testamento: 1 Coríntios 9:13 e 14: “Não sabeis vós que os que prestam serviços sagrados do próprio templo se alimentam? E quem serve ao altar dali tira o seu sustento? Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho”. Este texto indica que os obreiros do evangelho têm direito ao sustento material daqueles que se beneficiam do seu ministério. 1 Timóteo 5:17 e 18: “Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem, com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino. Pois a Escritura declara: Não amordaces o boi, quando pisa o trigo. E ainda: O trabalhador é digno do seu salário”.

Rodriguez (1994), explica que Paulo instruiu os crentes a respeito da importância de prover as necessidades das pessoas dedicadas ao ministério do evangelho. Em I Coríntios 09.13, ele primariamente refere-se ao sistema utilizado no Antigo Testamento para prover as necessidades daqueles que oficiavam no templo. Isso foi feito, principalmente, através do dízimo e, de forma limitada, através de ofertas (Números 18:8-24). Paulo continua a traçar um paralelo entre sacerdotes e levitas e os que estavam proclamando o evangelho. Ele parece argumentar que os envolvidos no ministério do evangelho deveriam fornecer com a sua vida, pelo menos, na mesma forma como foi feito no sistema sacerdotal do Antigo Testamento. Em outras palavras, ele está usando a lei do dízimo do Antigo Testamento como um modelo para a doação cristã. O apóstolo está informando à igreja no que diz respeito ao apoio do ministério, “não devemos dar menos do que a lei judaica exige.” A implicação é que Paulo não considerava o dízimo incompatível com a vida cristã, mas

ele viu-o como útil e necessário no cumprimento da missão da Igreja para o mundo. Observe que a ideia é de que aqueles que anunciam o evangelho, deveriam ser apoiados por aqueles que acreditam que o evangelho não é a ideia de Paulo, mas do Senhor. O próprio Jesus, comandou. O verbo traduzido por “comandar” (diatasso), designa uma declaração oficial e autoritária dada, neste caso em particular, pelo Senhor para a igreja (RODRIGUEZ, 1994, P. 64). Paulo não utiliza a palavra dízimo, mas fortalece o seu princípio em seus escritos. Lopes (2017) afirma que:

Paulo não usou a palavra “dízimo” em suas epístolas, mas ensinou o seu princípio, quando diz que os obreiros no Novo Testamento devem ser sustentados da mesma forma que os levitas eram sustentados no Antigo Testamento (1 Co 9:1-14). Por outro lado, a prática do dízimo não dispensa os crentes de serem generosos nas ofertas. Os crentes devem semear com abundância na vida das pessoas, e isso não em substituição ao dízimo, mas além dele. Reafirmamos, portanto, que, embora o apóstolo Paulo não tenha usado o termo “dízimo” em suas epístolas, ensinou os princípios do dízimo. Quando se trata do sustento dos obreiros, o apóstolo Paulo recorreu ao mesmo princípio do sustento dos levitas. (LOPES, 2017, P. 49).

Portanto, pode-se concluir que o apóstolo Paulo traça um paralelo entre os levitas do Antigo Testamento e os obreiros do Novo Testamento, e implicitamente endossa a prática do dízimo. Desde o Antigo Testamento é designado por Deus para manter pessoas chamadas para apoiar em tempo integral a Sua obra salvação para a humanidade. Se não fosse o sistema de dízimos, não teríamos pastores e obreiros de dedicação exclusiva à pregação do evangelho, presidindo e conduzindo a igreja a cumprir a missão deixada por Cristo de ir e pregar o evangelho a toda gente, de todas as nações, tribos e línguas (Mateus 28:19, 20)

Em 2 Coríntios 8.1 – 9.15, encontramos um chamado de Paulo à doação e à generosidade. Ele traz orientações a respeito das doações efetuadas pelas igrejas gregas de Acaia e da Macedônia, para as congregações menos favorecidas financeiramente da Judeia. O apóstolo trata deste assunto também em Romanos 15, 1 Coríntios 16. Nesse contexto, Stott (2013) apresenta dez princípios da oferta cristã, baseando-se em 2 Coríntios 8 e 9: Princípio 1 - A oferta cristã é uma expressão da graça de Deus (2 Cor 8:1-6); Princípio 2 - A oferta cristã pode ser um dom do Espírito Santo (2 Cor 8:7); Princípio 3 - A oferta Cristã é inspirada na cruz de Cristo (2 Cor 8:8-9); Princípio 4 - A oferta cristã é uma oferta proporcional (2 Cor 8:10-12); Princípio 5 - A oferta cristã contribui para a igualdade (2 Cor 8:13 -15); Princípio 6 - A oferta cristã deve ser cuidadosamente supervisionada (2 Cor 8: 16-24); Princípio 7 - A oferta cristã pode ser estimulada por um pouco de competição amigável (2 Cor 9:1-5); Princípio 8 - A oferta cristã lembra uma colheita (2 Cor 9:6-11); Princípio 9 - A oferta cristã possui significado simbólico teológico – símbolo deliberado e consciente de solidariedade no corpo de Cristo (2 Cor 9:13); Princípio 10 - A oferta cristã promove gratidão a Deus (2 Cor 9: 11 – 15).

Filipenses 4.18 e 19: “Mas bastante tenho recebido, e tenho abundância. Cheio estou, depois que recebi de Epafrodito, o que da vossa parte me foi enviado, como cheiro de suavidade e sacrifício agradável e aprazível a Deus. O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus. Neste texto Paulo agradece pelas dádivas dos filipenses. Interessante como um assunto tão secular, e por vezes mundano, como o dinheiro, é relacionado a uma experiência espiritual. A designação tríplice está em terminologia bem sacra: *como aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus*. Estes termos de culto, associados ao sistema sacrificial do Antigo Testamento, são apresentados por Paulo como parte do seu ensino geral sobre o viver cristão ideal, que é ser aceito por Deus e procurar agradá-Lo na conduta diária (MARTIN, 1985, p. 182). Tudo isso pode apontar para a experiência de adoração que os

mordomos fiéis de Deus na Terra devem ter, inclusive ao entregar os seus recursos para a expansão do Seu Reino, como os filipenses fizeram. Neste sentido, Silva (2013) explica que:

Na Bíblia, o dinheiro dado para a obra do evangelho é descrito com a palavra grega *thusias*, que significa “sacrifício agradável” (Fl 4:18). Este significado atribuído ao dinheiro pelo apóstolo Paulo, aponta para a espiritualidade do dinheiro, não somente a parte que é destinada ao serviço espiritual, mas também a parte que ficou nas mãos do adorador. Afinal, uma parte é devolvida para Deus, mas tudo no mundo pertence a Ele (Sl 24:1). No dicionário de grego do Novo Testamento, *thusias* significa também “holocausto”, um sacrifício total, no qual a oferta era totalmente queimada. Nesse sentido, por extensão, a parte que damos representa um todo de onde a parte foi tirada... Assim, a parte ofertada representa o todo que o adorador possuía originalmente, e esse todo está representado na parte que foi entregue para o serviço de Deus. Desse modo, quem santifica uma parte, reconhece Deus como dono do todo. Sendo assim, a parte que é doada é santa para a obra de Deus, e a parte que o adorador fica é sagrada para ser usada de acordo com os princípios bíblicos da mordomia, a qual reconhece que tudo pertence a Deus (SILVA, 2013, p. 10).

O Dízimo em Hebreus 7

Um dos textos neotestamentários que menciona o dízimo é o de Hebreus 7. 4-17. Este texto é alusivo ao sacerdócio de Cristo, comparando-o ao sacerdócio de Melquisedeque. Nele, pode-se encontrar uma interpretação do sacerdócio de Melquisedeque: “Considerai, pois, quão grande era este a quem até o patriarca Abraão deu os dízimos dos despojos” (v.4), “E aqui certamente toam dízimos homens que, morrem; ali, porém aquele de quem se testifica que vive” (v.8). Estes textos bíblicos apontam para o sacerdócio supremo e exímio de Cristo: Porque dele (Cristo) assim se justifica: Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedeque” (v. 17). O verso 4 mostra que, no caso do dízimo de Abraão, uma coisa é certa: a relevância do sacerdócio de Melquisedeque. Este era o tipo de Cristo. Seu sacerdócio era da ordem do sacerdócio do próprio Cristo. Em Melquisedeque, quem realmente recebia o dízimo era a ordem sacerdotal que se alicerçava em Cristo, e da presença de Cristo se derivava sua superioridade. Quem foi de fato honrado naquela ocasião foi o sacerdote eterno da ordem: Cristo. O verso 8 diz que, naquela ocasião, tomou dízimo aquele de quem se testifica que vive. Ao dar o dízimo a Melquisedeque, Abraão não estava honrando o indivíduo historicamente obscuro, mas Seu sacerdócio. E desse sacerdócio, Cristo é a consumação. Ao entregar seus dízimos, Abraão realmente honrava Cristo, Sacerdote e Rei eterno. Outro texto bíblico que faz referência ao reino e ao sacerdócio do Messias é Salmo 110.4: “O Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”.

O exemplo de Melquisedeque, recebendo o dízimo de Abraão, confirma a sua validade, como afirma Silva (2008):

Na epístola aos Hebreus, capítulo sete, menciona-se exclusividade dos levitas para recolher o dízimo dentro do sistema mosaico. O autor de Hebreus aproveita a oportunidade para chamar a atenção de que em Abraão, Levi, seu bisneto e antepassado de todos os sacerdotes, havia dado os dízimos para um sacerdócio superior instituído por Deus. Este sacerdócio de Melquisedeque, que representava o sacerdócio de Cristo, era superior ao araônico e levita... Assim, embora não seja a intenção principal da passagem, mais uma vez o dízimo é mencionado em sua anterioridade ao sistema levítico e é declarada a sua natureza sagrada e exclusiva para o ministério, servindo, inclusive, para identificar a importância do ministério não levítico de Melquisedeque, pois que esse recebeu dízimos do próprio Abraão (SILVA, 2017, p. 35).

Pode-se concluir que na experiência de Abraão e Melquisedeque, encontramos um princípio para a validade permanente do dízimo. Neste caso, nosso sacerdócio não foi mudado. Abraão deu o dízimo a Melquisedeque, e nós somos representantes diante de Deus pelo Sacerdote Eterno da ordem se

Melquisedeque, Cristo. Portanto, permanece o dízimo como parte da nossa relação com Ele.

A ênfase do texto está no fato de que Abraão devolveu o dízimo a Melquisedeque. Embora o texto não afirme diretamente, nas entrelinhas está implícito que, assim como Abraão devolveu o dízimo a Melquisedeque (o tipo), os filhos espirituais de Abraão devem trazer seus dízimos a Cristo (o antítipo). Em última instância, quando devolvemos o dízimo, é a Cristo que o devolvemos.

Após esta panorâmica abordagem bíblica sobre adoração, com dízimos e ofertas, pode-se concluir que os princípios e as experiências de adoração financeira, encontrados nos dois Testamentos da Bíblia Sagrada, oferecem inspiração e fundamentos suficientes para a prática da adoração com os dízimos e ofertas na igreja contemporânea. Neste sentido, Rodriguez (1994) afirma que:

A evidência bíblica indica que a prática do dízimo não era limitada a um determinado período histórico ou a um grupo étnico específico. A teologia que isso incorpora e o seu impacto sobre a vida dos crentes e a sua relação e dependência em Deus transcende tempo e cultura. O Novo Testamento não rejeita o dízimo e, talvez mais significativamente, o próprio Jesus deixou sua marca de aprovação sobre ele. O sistema usado no Antigo Testamento para a arrecadação e distribuição dos dízimos pode ter variado ao longo do tempo, mas a alguns aspectos fundamentais do mesmo, que sempre permanecem válidos e que podem ser transferidos do sistema israelita para a igreja cristã (RODRIGUEZ, 1994, p. 70).

1.6 ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS NA HISTÓRIA

Este trecho da pesquisa expõe um breve panorama histórico do sistema de dízimos e ofertas no contexto do cristianismo. Bradford (2011), sistematiza tal panorama da seguinte forma:

Período pós-morte dos apóstolos

Após a morte dos apóstolos, o espírito de liberalidade enfraqueceu-se. Pouco a pouco, as boas obras, a beneficência para com os pobres e o sustento do ministério evangélico deixou de ser vista como uma expressão da graça de Jesus para ser um meio de alcançar a salvação (BRADFORD, 2011, P. 734).

Clemente (bispo de Roma), Irineu, Tertuliano e Epifânio fizeram declarações sobre dízimos e ofertas, sem colocar o princípio como um ato prático, regular e sistemático. Mas, no final do quarto século, começaram a se ouvir vozes exigindo dos cristãos a prática dos dízimos. Bradford (2011) afirma que:

Ambrósio de Milão (340 – 397) afirmava que Deus havia reservado um décimo do cereal, do vinho, das frutas, do gado, da horta, dos negócios e até da caça; não era “lícito para um homem conservar o que Deus tinha reservado para si” (*Sermões*, 33, 34). Agostinho (354-430) sustentava que é imprescindível aos cristãos devolverem os dízimos para que sua justiça exceda a dos escribas e fariseus (Mateus 5:20; Exposição sobre os Salmos, 146.7). Em 585, o Segundo Concílio de Macon prescreveu excomunhão para os que se recusavam a devolver o dízimo. O dízimo, no entanto, não constituía necessariamente um décimo da renda, mas uma doação estipulada (BRADFORD, 2011, P. 735).

Rodriguez (1994) assegura que durante o quarto século, o dízimo foi muito mais promovido do que no período dos escritores pós-apostólicos. Um bom exemplo disso é encontrado em uma coleção de leis eclesiásticas, que data a última data do quarto século, chamada Constituição Apostólica. Este promove o dízimo, alegando que as ordens clericais na igreja correspondem aos levitas, que os bispos são os sacerdotes e a igreja é o santuário. A conclusão apresentada é que “ofertas e dízimos pertencem a Cristo, nosso Sumo Sacerdote, e àqueles que ministram por Ele (RODRIGUEZ, 1994, p. 70). Rodriguez também afirma que,

apesar dos desafios para se manter o sistema dos dízimos, alguns cristãos o praticavam e que este nunca foi extinto da igreja cristã:

É verdade que durante o começo do período pós-apostólico houve certa relutância e até mesmo uma tendência de rejeitar o sistema de dízimo entre alguns pioneiros apostólicos, mas também encontramos evidências indicando que ainda era praticado por muitos cristãos. Este nunca foi considerado incompatível com a prática e a fé cristã, e nunca desapareceu totalmente da igreja cristã. Pode ser que a restauração do dízimo na igreja cristã logo após a conversão de Constantino, no quarto século foi baseada exclusivamente nos interesses e necessidades financeiras, mas para nós, há uma teologia inteira subjacente ao comando que pode enriquecer a vida intelectual e espiritual do crente (RODRIGUEZ, 1994, p. 70)

Período da Idade média

No sistema medieval de contribuição eclesiástica, a doação voluntária, como mordomia cristã dos recursos confiados por Deus ao ser humano, foi quase totalmente perdida de vista. Neste período, a contribuição se tornou uma exigência da igreja e do estado. Com isso, o espírito de mordomia cristã característico da igreja apostólica do primeiro século praticamente desapareceu.

A concepção medieval de salvação pelo mérito afetou grandemente a ideia de mordomia.... Instituíram-se diferentes taxas de serviços: para realizar casamento e funeral, fazer confissão, celebrar missa em intenção da alma do morto. A fim de levantar dinheiro, a instituição religiosa poderia se comprometer a ter mais missas do que sacerdotes podiam realizar. As taxas para celebrar missas, junto com a venda de indulgência, constituíram as principais queixas que desencadearam a Reforma protestante (BRADFORD, 2011, p. 735).

Bradford (2011) afirma que, a partir de Constantino em 337, a igreja cristã se tornou estatal. Ao passar os séculos, não se fazia mais distinção entre dízimos eclesiásticos e dízimos e impostos estatais. Carlos Magno (742-814) chegou a regulamentar a divisão do dízimo em três partes: para o clero, para o pobre e para o sustento da igreja. Quem não conseguia pagar, pagava multa. Em 787, na Inglaterra, se promulgou uma lei civil que prescrevia o pagamento do dízimo. Em 1295, surge uma lei que ordenava o pagamento de dízimos sobre o valor bruto de todas as colheitas. Exigiam-se também os dízimos pessoais dos lucros de negócios e comércios.

Período da Reforma

A reforma se caracterizou também como uma reação ao abuso do poder clerical com seu sistema de salvação pelo mérito. Contudo, não foi bem-sucedida em destruir a relação simbiótica entre igreja e Estado. Neste período, o dízimo foi imposto não tanto pela Igreja, mas pelo estado. Bradford (2011) informa que na Alemanha, de 1555 em diante, quando o luteranismo foi legalizado e protegido pelos príncipes luteranos, que se tornaram superintendentes eclesiásticos, o direito do dízimo passou para a autoridade secular. Nesse período, os dízimos arrecadados se destinavam ao sustento do ministério, à manutenção das escolas e ao cuidado dos pobres.

Alguns protestantes discordavam do poder estatal, fiscalizando o cumprimento da legislação eclesiástica e alguns até discordavam do dízimo eclesiástico.

Ulrico Zwínglio (1484 – 1531) discordava veementemente do sistema eclesiástico de dízimos, com base no princípio de que a oferta deve ser voluntária e não obrigatória. Outros grupos como os

anabatistas, os quakers e os separatistas ingleses, eram igualmente contra os dízimos eclesiásticos. Tais dissidentes, porém, constituíam a minoria. Compreendia-se e se aceitava em geral que o estado devia cuidar de suas obrigações, compartilhando sua liberalidade e usando seu poder para impor sobre os membros as arrecadações financeiras da igreja... Pelo lado católico, o Concílio de Trento (1545-1563) declarou que pagar o dízimo era uma obrigação para com Deus e todos quantos se recusassem a pagá-lo deviam ser excomungados. Essa regulamentação, porém, não chegou a ser posta em prática. A Revolução Francesa pôs fim ao dízimo na Igreja Católica (BRADFORD, 2011, P. 736).

O experimento Norte-Americano

As igrejas americanas, abandonadas aos seus próprios recursos, foram forçadas a reexaminar o modelo bíblico, mesmo sem experiência e sem tradição, através de seus líderes. Mesmo enfrentando grandes desafios, a igreja americana promoveu um reavivamento do interesse pela mordomia cristã, com ênfase nas finanças. BRADFORD (2011) descrevendo este período, afirma que:

Os historiadores da igreja apontam geralmente o fim dos anos 1800 como o início do movimento da mordomia na América. Desde o princípio, o movimento recebeu o estímulo do grande interesse em missões estrangeiras. Depois veio a tentativa de construir a base teológica e o esforço para conciliar a prática e a teoria da igreja local. Puseram-se em prática muitos programas e estratégias de treinamento, com graus variáveis de êxito. No ano de 1920, 29 denominações dos Estados Unidos e do Canadá se reuniram em Nova York, sob a convocação de um grupo de líderes de mordomia, para formar o Concílio Unido de Mordomia (BRADFORD, 2011, P. 736).

Rodriguez (1994) afirma que um levantamento dos primórdios da história do dízimo indica que, embora, num primeiro momento, dizimar não era aparentemente exigido pelos pioneiros pós-apostólicos, isso era não obstante, praticados por alguns crentes que nunca se desanimaram. Com o crescimento e o desenvolvimento da igreja, a necessidade de recursos financeiros aumentou e o sistema de dízimo foi completamente incentivado, aceito e impingido pela igreja. Está claro que o dízimo nunca desapareceu da igreja cristã (RODRIGUEZ, 1994, p. 70)

1.7 ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS NA ATUALIDADE

Como este trabalho descreve até aqui, dízimos e ofertas eram entregues como ato de adoração no contexto bíblico. Hoje não seria diferente. Os servos de Deus são orientados a entregarem não só os dízimos, mas também as ofertas, em adoração ao Senhor. Este ato espiritual deve fluir de uma experiência relacional com Deus. O que a Bíblia fala sobre dízimos e ofertas é mais que doação de recursos para a igreja. O verdadeiro sentido é de adoração ao Senhor. Caim e Abel nos lembram disso. Ao trazer uma oferta ao Senhor você traz para adorá-Lo (BERTOTTI, 2015, p. 114).

Relacionamento com Deus e adoração com dízimos e ofertas

Stott (2018) diz que quando nos tornamos cristãos, as nossas contribuições ganham um novo impulso. Somos chamados a contribuir com generosidade e alegria, como um fruto do Espírito dentro de nós. Neste sentido, a adoração com dízimos e ofertas é uma questão de espiritualidade prática e piedade de um autêntico e fiel discípulo de Cristo.

O chamado de Deus para nós é o de usar o dinheiro dentro dos limites de uma vida espiritual

corretamente disciplinada e de administrar para o bem de toda humanidade e para glória de Deus. E quando isso é feito, somos impulsionados mais profundamente para dentro do centro divino. Ficamos maravilhados com o fato de Deus usar nossos poucos esforços para realizar sua obra na Terra. Recursos são canalizados para ministérios que produzem vida. Os desamparados recebem ajuda. Projetos que promovem o reino de Deus são financiados. Muitos benefícios são realizados. O dinheiro é uma bênção quando usado dentro do contexto da vida e do poder de Deus. (FOSTER, 2005, p. 59).

Neste sentido, adorar com dízimos e ofertas deve ser algo natural na vida de um discípulo de Cristo, que vivenciou a conversão e vive uma experiência amorosa de santificação, preparatória para a eternidade com Ele. Kendal (1982) baseia-se em três pressupostos para a crença e a prática do princípio da adoração financeira de um discípulo de Cristo:

- 1- Você é nascido de novo.
- 2- Como cristão salvo pela graça de Jesus, você realmente está interessado em agradar ao seu Senhor.
- 3- Você crê que a Bíblia é a Palavra de Deus e deseja que sua vida seja governada por ela.

No contexto bíblico, os mandamentos divinos relacionados a dízimos e ofertas não visam só suprir materialmente os planos de Deus para o seu povo, mas, essencialmente, fortalecer o relacionamento com o Deus Criador e Mantenedor. Silva (2008) afirma que, na Bíblia, as ofertas não eram um mero fundo para fazer frente a projetos e despesas. Como o dízimo, elas retratavam o reconhecimento do senhorio de Deus na experiência do povo. Eram a expressão e o retrato da relação real com o criador de tudo. Toda doação era o sintoma da vida espiritual. Mantinha o Templo e os sacerdotes, mas a principal finalidade era manter a comunhão com o Senhor. Não é de admirar que, em Malaquias 3:8-10, a retenção das ofertas é igualmente ofensiva a Deus como o era reter o dízimo. (SILVA, 2008, P. 91).

O apóstolo Paulo, falando sobre a fidelidade dos macedônios em relação as ofertas, afirmou: “E não somente fizeram como nós esperávamos, mas a si mesmos se deram primeiramente ao Senhor” (2 Coríntios 8.5). Esta declaração paulina indica um princípio para uma autêntica adoração com dízimos e ofertas - Antes de entregarmos os dízimos e ofertas, precisa-se ter comunhão com Deus e entregar-se por completo a Ele, apresentando a vida como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o culto racional (Romanos 12.1). Isto significa que, ao adorar com os dízimos e as ofertas, o cristão afirma sua salvação em Cristo e O celebra como seu Redentor e Senhor.

Quando se compreende os dízimos e as ofertas como algo santo, pertencente a Deus, se reconhece o privilégio que Deus concede de se lidar com o que é santo. Para que isso seja feito corretamente, deve-se devolver os santos dízimos e ofertas num contexto de relacionamento diário com Ele, pois tal ato de adoração é consequência de um coração que cada dia se renova diante do altar do Senhor. Por isto, a entrega dos dízimos e das ofertas representam adoração quando o mordomo fiel mantém um relacionamento íntimo com o seu amorável dono e Senhor.

Esse ato de adoração ajuda o mordomo cristão a compreender melhor o direito de posse que Deus tem sobre nossa vida e lembrar de que tudo pertence a Ele, e que se faz necessário buscar sabedoria nEle para administrar o restante dos recursos que ficam sob a administração do adorador, e que deve ser para glorificá-Lo. A entrega dos dízimos e das ofertas, também, pode provocar a lembrança que Deus cuida dos Seus filhos; de que está intimamente envolvido em todos os detalhes da vida do discípulo de Cristo. Antes de entregarmos os dízimos e as ofertas, Ele já proveu todas as nossas necessidades, conforme a Sua soberana vontade. Primeiro, o cristão é abençoado e depois deve devolver os santos dízimos e ofertas, num ato de adoração em reconhecimento destas bênçãos.

A Bíblia declara que onde estiver o tesouro, ali estará o coração (Mateus 6:21). Os grandes reavivamentos espirituais relatados na Bíblia, inclusive o Pentecostes, resultou em generosidade para apoiar com recursos a manutenção e avanço do Reino de Deus, pois o desapego dos bens terrenos é proporcional à busca dos valores transcendentais (SOBRINHO, 2010, p. 5).

Portanto, a fidelidade na adoração com dízimos e ofertas deve fluir de uma experiência real com Deus, um relacionamento íntimo com Ele, um discipulado cristão saudável e fiel num contexto de vida em comunidade. “Quando a igreja é apaixonada por Cristo, a atmosfera da igreja torna-se: celebrativa, generosa na contribuição financeira e unida no evangelismo” (ABDALA, 2013, p. 52).

Romanos 12:1 indica que a melhor oferta que o cristão pode dar para Deus é ele mesmo como “sacrifício vivo”. Para Deus, seus filhos são mais valiosos do que o que tem para doar, pela graça e méritos de Jesus. Quando os discípulos se doam por completo ao seu Senhor, estão colocando-o em primeiro lugar como sua melhor oferta. Maria entendeu isto, quando ofereceu o melhor para Jesus (Mt 26.7,12). No século 21, o frasco de perfume que ela comprou valeria dezenas de milhares de reais. Ela compreendeu o sacrifício que Jesus logo faria. Aqueles que amam muito doam muito, e aqueles que amam pouco doam pouco. Quando ofertamos, devolvemos a Deus o que é Dele, em primeiro lugar (1Cr 29.14). Ele aceita isso de um coração grato (2 Cor 9.7) (MATHEWS, 2017, p. 63).

Dízimos e ofertas no culto público

A entrega de dízimos e ofertas não acontece única e exclusivamente em um culto público da igreja. Contudo, neste contexto mais estruturado e favorável para adoração deve-se oportunizar tal ato espiritual. Existe uma sólida fundamentação bíblica e teológica para entregarmos dízimos e ofertas no culto público que se presta a Deus. O ato de ofertar ou contribuir faz parte do culto. O ofertar sempre foi um elemento integrante da adoração a Deus e uma expressão de fidelidade - Dt 12.4-7; Mq 3.10; Mc 12.41-44; 2 Cor 8.5; Hb 13.16. Follis (2007) afirma que devolver nossos dízimos e ofertas a Deus é realmente um ato de adoração realizado durante o dia de culto, quando o povo de Deus se reúne para adorá-lo. Neste contexto, o Dr. Hernandez Dias Lopes afirma que:

O dízimo faz parte do culto. A devolução dos dízimos fazia parte da liturgia do culto. “A esse lugar fareis chegar os vossos holocaustos, e os vossos sacrifícios, e os vossos dízimos” (Deuteronômio 12.6). A devolução dos dízimos é um ato litúrgico, um ato de adoração que deve fazer parte do culto do povo de Deus. (LOPES, 2009, p. 91)

Nesse sentido, White (2004) comenta que no contexto bíblico judaico a entrega de dízimos e ofertas formavam uma parte essencial do culto a Deus. A referida autora também afirma que a expectativa Divina é que tal experiência de adoração seja vivenciada na atualidade.

Deus nos comunica Suas dádivas para que também demos, e deste modo revelemos Seu caráter ao mundo. Na dispensação judaica as dádivas e ofertas formavam uma parte essencial do culto a Deus. Os israelitas eram ensinados a consagrar ao serviço do santuário o dízimo de toda a renda. Além disso deviam trazer ofertas expiatórias, ofertas voluntárias e ofertas de gratidão. Estes eram os meios para sustentar o ministério do evangelho naquele tempo. Deus não espera menos de nós do que do povo antigamente. A grande obra da salvação das almas precisa ser levada avante. Pelo dízimo, ofertas e dádivas fez Ele provisão para esta obra (WHITE, 2004, p. 300).

Martin (2012) pontua que nenhum ato do culto público pode significar tanto, ou tão pouco, quanto a

entrega e a recepção de nossas dádivas na casa de Deus. Se a entrega de dízimos e ofertas for impensada e formal, o ato se torna destituído de toda relevância e calor espiritual. Mas, se vemos as dádivas como parte inseparável de nossa adoração coletiva e ancoramos firmemente na resposta total que damos às novas do evangelho, ela assume significado novo e mais rico; e a dedicação de nosso dinheiro passa a ser o sinal externo e visível da graça interna e espiritual de um coração grato. Como toda adoração verdadeira, a oferta é sacramental (MARTIN, 2012, p. 112).

No culto público de adoração, podemos expressar nosso louvor e compromisso com a missão. D'Araújo (1991), explica que a contribuição deve ser uma extensão do compromisso que se tem com o louvor a Deus, com a maturidade espiritual e com a propagação do Reino de Deus. Inicialmente, nossas ofertas devem ser extensão de nosso culto racional, que é a entrega das múltiplas dimensões da vida, no altar de Deus, como resposta humana às muitas misericórdias divinas que nos alcançaram (Rom. 12:1-3).

Essas contribuições devem vir a reboque dessas ações. Devem vir no rebojo desses movimentos, como consequência de tão grandes decisões e percepções. Foi assim que os macedônios fizeram: “Não somente fizeram como nós esperávamos, mas deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus” (8:5). Aliás, é também nesta mesma perspectiva litúrgica que Paulo alude às contribuições que recebera para sua manutenção pessoal: “Recebi tudo, e tenho abundância, estou suprido, desde que Epafrodito me passou as mãos o que me veio de vossa parte, como aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus” (Fp. 4:18). Quem não considera a dádiva devolvida como privilégio e como liturgia semelhante à gratidão manifestada nos muitos altares do Velho Testamento, ainda não compreende a significação do dar. É exatamente quando essa percepção teológica já nos impregnou que começamos a penetrar num nível de maior maturidade espiritual. Até esse momento a vida estava dividida em sacro e profano, religioso ou secular, espiritual ou material, litúrgico ou mundano. Mas quando se consegue olhar para o dinheiro e consagrá-lo a Deus, com gratidão, dando-o aos homens ou às causas de Deus realizadas por homens de Deus e pela igreja, então a vida passa a ser uma só, e as dicotomias departamentalizadoras da existência acabam. Compreender isso é em si mesmo um sinal de maturidade espiritual. (D'ARAÚJO, 1991, p.7)

Os reais motivos para adorar com dízimos e ofertas devem envolver um preparo especial. O cristão, antes ir adorar na igreja, deve pensar neste momento único com o seu Deus. Guadalini (2018) afirma que a motivação para a doação de dízimos e ofertas para a igreja deve envolver planejamento, honra e adoração.

Você já parou para pensar no motivo de sua doação? As pessoas têm diferentes razões para colocar dinheiro no envelope e chamar isso de dízimo ou oferta. Dizimar e ofertar para você são formas de honrar um compromisso com Deus ou um ato comercial? São atos de adoração ou de barganha? Não tem sentido espiritual estar numa igreja e no momento da oferta, como em um susto, tirar o “troco de gasolina” do bolso e jogar na salva do diácono. Se vamos adorar a Deus, devemos planejar e, logo após a entrega da oferta, fazer uma oração em reconhecimento a Ele como Criador e Salvador. Deus não precisa do seu dinheiro, pois é proprietário de toda riqueza. Ele quer o seu coração (GUANDALINI, 2018, S/N)

A adoração deve ser uma entrega de todo o ser ao Senhor. Pode-se expressar isto no culto público com louvores, oração, estudo da Bíblia e a própria entrega dos dízimos e ofertas. No livro *Ninguém apareça diante de mim de mãos vazias*, Gondin (2014) indica princípios para uma teologia da adoração com dízimos e ofertas, e descreve o significado e a relevância do reconhecimento da soberania Divina e do senhorio de Cristo sobre a vida do cristão. O referido professor de teologia aplica a experiência de adoração dos tempos bíblicos para a atualidade da seguinte forma:

Hoje, do mesmo modo, quando vamos a casa de Deus, devemos ter a consciência que não vamos ali não só para receber, mas também para dar; para levar, além de nossa estimada presença aos olhos de Deus, algo que lhe é precioso – nossas dádivas de gratidão... Por isso todas as vezes que nos dirigimos à igreja de Deus, devemos levar uma oferta e, quando for a ocasião, no final da lida, separar nosso

pacto regular e o dízimo da nossa renda mensal, contanto que não cheguemos ao Seu santuário sem nada para lhe oferecer. Nossas mãos vazias constituem um desvio ético e falta grave diante do Deus que entregou a própria vida por nós...De fato, não há como pensar em um culto de louvor sem esse momento solene de adoração. Muitos desconhecem o fato de que, em verdade, a é adoração efetivada por duas modalidades: a impressão e a expressão. Quando ouvimos um solo ou um grupo musical; quando assistimos a um sermão ou apresentações especiais, estamos adorando na forma de uma impressão caracterizada muito mais pela passividade. Mas quando no templo, oramos, lemos as Sagradas Escrituras, cantamos e entregamos nossas ofertas e dízimos, estamos adorando pela expressão – o sentido mais pleno da adoração, caracterizado por nossa vontade em ação. Por isso, é imprescindível que voltemos a incluir em todos os nossos cultos, o momento tão sagrado e significativo de entrega de nossas doações. (GONDIN, 2014, p. 8,9)

Neste sentido, pastor e demais líderes da igreja local devem viabilizar um momento especial de ofertório para a devida adoração. Macarthur (2018), em sua obra *Essência da Verdadeira Adoração*, apresenta um modelo de culto que contempla o momento do ofertório, oportunizando, assim, a adoração com dízimos e ofertas: 1 - Prelúdio; 2- Hino Congregacional; 3 - Leitura Bíblica Responsiva; 4 - Oração Invocatória; 5 - Boas-Vindas aos Visitantes; 6 – Cânticos; 7 – Oração; 8 -Música Especial; 9 – Ofertório; 10 - Hino Congregacional; 11- Mensagem; 12 - Música Especial; 13 - Oração e Bênção Araônica; 14 – Poslúdio.

A importância da adoração sistemática

Adorar é reconhecer quem é Deus (Sl 95:6) e louvar é reconhecer o que Ele tem feito, faz e fará (Sl 9:1). E a devolução dos dízimos e a entrega das ofertas é parte da adoração a Ele, por ser um reconhecimento de que Ele é o Criador e o dono de tudo, e por gratidão pelas bênçãos que Ele proporciona. Com a relação a periodicidade, tal experiência espiritual não deve ser esporádica, pois as bênçãos Divinas são contínuas e Deus sempre é o mesmo. Visto que os recursos que o Senhor nos dá são contínuos e diários, devemos cada dia separar o que pertence a Ele, porque a igreja e o campo têm também necessidades contínuas e diárias. Portanto, no atual contexto histórico e cultural, a adoração com dízimos e ofertas não deve ser eventual, esporádica, mês sim, mês não, mas, tem que ser pontual para ser uma bênção e demonstrar a fé e compreensão do seu significado nas prioridades da vida do cristão, por duas razões: primeira, porque o ganho é sistemático. Geralmente, não se recebe salário mês sim, mês não. Caso seja um trabalho por conta própria, também se recebe sistematicamente cada vez que se faz um negócio ou se presta um serviço. Em segundo lugar, as despesas da igreja são sistemáticas. Os pastores, obreiros, missionários, que trabalham exclusivamente para a obra de Deus, precisam receber a manutenção financeira todos os meses, como os demais trabalhadores. As contas da igreja, como: água, energia elétrica, telefone e limpeza também são mensais.

No livro *Chuva de Bênçãos* encontramos a resposta para pergunta “É correto devolver meu dízimo de uma só vez no final do ano?” White (1998):

Não é o melhor, por três razões:

- a) A Associação/Missão que recebe seus dízimos tem sérias obrigações para sustentar os pastores, e estas não podem esperar até o final do ano.
- b) Você necessita das bênçãos e da fortaleza Divinas em cada mês do ano.
- c) Devido a inflação, seu verdadeiro valor se reduz.

O Dom espiritual de contribuir

Adorar ao Senhor com dízimos e ofertas é uma função universal de cada discípulo de Cristo, contudo algumas pessoas recebem de Deus um dom específico neste aspecto. Schwarz (2003) explica a diferença entre dons espirituais e as funções universais do cristão. A expressão “funções universais” indica tarefas que são obrigações de todos os cristãos, independente de possuir dom espiritual nesta área ou não. Ele afirma que cada dom espiritual corresponde a uma função universal. A diferença entre os dois é que o exercício de um determinado dom não pode ser exigido de todos os cristãos. Deve-se exigir apenas daqueles que tem o dom específico. Entretanto, em relação às funções universais, é diferente: cada cristão deve desempenhá-la. Exemplo: nem todo cristão tem o dom de contribuir, mas todos os cristãos têm a função universal de adorar ao Senhor com os dízimos e as ofertas. A Bíblia indica que esse dom espiritual não se limita à gente rica (2 Coríntios 8:1-5).

“Tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da fé, se ministério, dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina esmere-se no fazê-lo; ou o que exorta faça-o com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria” (Romanos 12:6-8). O texto bíblico supracitado indica que todos os cristãos são chamados a serem generosos. A entrega de dízimos e ofertas é uma responsabilidade de todos os discípulos de Cristo, mas alguns podem receber o dom espiritual de contribuir ou repartir (outras referências bíblicas: Mateus 25: 1-30; Lucas 3:11; 8:1-3; João 12:3-8; At 4:32-37; Romanos 1:11 e Efésios 4:28). Trata-se uma transliteração da palavra grega: *metadidomi*. Transmitir, partilhar, compartilhar, doar uma parte, dar ou contribuir com generosidade. Tal capacidade espiritual promove uma inspiração para a edificação da igreja. Silva (2011) define o referido dom como a capacidade, dada por Deus a alguns membros, de doar dinheiro e recursos em montantes relativamente significativos e com certa frequência, à obra do Senhor ou a pessoas necessitadas, com alegria e liberalidade. Ele também afirma que:

As pessoas que possuem esse dom têm uma capacidade excepcional de desprendimento. São sensíveis às necessidades dos outros e da obra de Deus. Elas são dotadas de um senso refinado de seu papel como mordomos daquilo que Deus lhes outorgou. Administram seus dons tendo em vista principalmente o reino de Deus e Seus filhos necessitados. Convém observar que o dom de contribuir ou repartir não expressa apenas uma doação financeira, mas em diversos outros aspectos como tempo, atenção, dedicação, afeto, etc. (SILVA, 2011, P. 46).

O Dr. John Stott explica, este dom espiritual, da seguinte forma:

Muitos dos dons de Deus são tanto generosamente concedidos em alguma medida a todos os que creem quanto dados em medida especial para alguns. Por exemplo, todos os cristãos são chamados para compartilhar o evangelho com os outros, mas alguns tem o dom de evangelista. Todos os cristãos são chamados para exercer um cuidado pastoral para com os outros, mas alguns são chamados para serem pastores. Do mesmo modo, todos os cristãos são chamados para serem generosos, mas alguns recebem um dom especial de contribuir. Aqueles a quem foram confiados recursos financeiros substanciais têm uma responsabilidade especial de serem bons mordomos desses recursos. (STOTT, 2013, P. 112).

Adoração que gera a receita para a manutenção e expansão da obra de Deus

Ao adorar ao Senhor com os dízimos e as ofertas, o cristão contribui na multiplicação de discípulos de Jesus Cristo para o reino eterno de Deus em toda Terra, pois os recursos oriundos de tal ato de adoração são destinados para o cumprimento da missão de Deus neste mundo, por meio da instrumentalidade da igreja.

Sobrinho (2010) ratifica que a receita da igreja deve vir, por princípio, da adoração com dízimos e

ofertas. O sustento e a expansão da igreja devem depender somente dos dízimos e ofertas de amor e não de receitas outras para que, ao contribuírem, os cristãos cresçam espiritualmente, por se desapegarem dos seus bens terrenos.

O padre Jerônimo Gasques, Gasques (2017), na sua obra “As Cinco Leis do Dízimo”, advoga o compromisso com o dízimo em detrimento de outros meios para arrecadar fundos para a dinâmica da igreja. Ele afirma que a “cultura” enlatada de fazer festas e quermesses para manter a igreja, captar recursos necessários para a administração da igreja, através desses eventos, é uma tendência tão enraizada no povo e, particularmente, nos padres e bispos que quase ninguém pensa em questionar a sua validade. (GASQUES, 2017, p.12).

Neste contexto, White (2007) ratifica o mecanismo bíblico para a manutenção do evangelho, que envolve essencialmente adoração com dízimos e ofertas:

À medida que a obra de Deus se amplia, pedidos de auxílio aparecerão mais e mais frequentemente, Para que esses pedidos possam ser atendidos, devem os cristãos acatar a ordem: “Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na Minha casa” Mal. 3:10. Se os professos cristãos levassem fielmente a Deus os seus dízimos e ofertas, o divino tesouro estaria repleto. Não haveria então ocasião para recorrer a quermesses, rifas ou reuniões de divertimento a fim de angariar fundos para a manutenção do evangelho. (WHITE, 2007, p. 338)

Como vimos até aqui, dízimos e ofertas são santos ao Senhor. São uma resposta espiritual de um cristão autêntico. Atualmente, pode-se devolvê-los em forma monetária. É um ato de adoração em que reconhecemos Sua soberania e é uma expressão de fé, gratidão, confiança e fidelidade ao Criador e Mantenedor. É uma expressão de um relacionamento de honra com Deus. Além disso, os recursos oriundos deste ato de adoração é que viabilizam o avanço, a expansão do Reino de Deus. Lopes (2017) diz que precisamos pagar essa conta e os dízimos e ofertas são o método de manutenção da casa de Deus, em qualquer lugar, em qualquer tempo. Os tempos mudam, mas a palavra de Deus permanece para sempre.

A adoração com dízimos e ofertas não deve ter um fim em si mesma. Foi ordenada por Deus para fortalecer o crescimento espiritual dos discípulos e viabilizar, no aspecto financeiro, a grande comissão, que consiste em fazer discípulos de todas as nações (Mt 28:18-20). Quando a igreja vivencia uma espiritualidade saudável, um discipulado autêntico, então a fidelidade com o compromisso da pregação do evangelho em todo mundo é potencializada.

1.8 ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS NA IASD

Neste tópico são apresentadas as diretrizes denominacionais da IASD pertinentes à adoração com dízimos e ofertas. Tais princípios eclesiais podem corroborar com a fundamentação da prática do princípio bíblico e teológico da adoração financeira na atualidade.

As diretrizes da IASD para a adoração com os dízimos e as ofertas

A expectativa oficial da IASD é que todos os membros da denominação, como mordomos cristãos, adorem fielmente ao Senhor com os Dízimos e as Ofertas. Neste sentido, O Documento *Princípios e Diretrizes Sobre os Dízimos*, preparado pela Associação Geral da IASD, explica que devolver o dízimo e dar ofertas é parte da adoração, uma expressão gozosa de louvor, amor e adoração:

Devolver o dízimo e dar ofertas é parte da adoração, uma expressão gozosa de louvor, amor e adoração. “E eis que agora eu trouxe as primícias dos frutos da terra que tu, ó Senhor me deste. Então as porás perante o Senhor teu Deus, e te inclinarás perante o Senhor teu Deus. E te alegrarás por todo o bem que o Senhor teu Deus te tem dado a ti e à tua casa, tu e o levita, e o estrangeiro que está no meio de ti” (Dt. 6:10,11). “Deus nos comunica Suas dádivas para que também demos, e deste modo revelemos Seu caráter ao mundo. Na dispensação judaica as dádivas e ofertas formavam uma parte essencial do culto a Deus. Os israelitas eram ensinados a consagrar ao serviço do santuário o dízimo de toda a renda. Além disso deviam trazer ofertas expiatórias, ofertas voluntárias e ofertas de gratidão. Estes eram os meios para sustentar o ministério do evangelho naquele tempo. Deus não espera menos de nós do que do povo antigamente. A grande obra da salvação das almas precisa ser levada avante. Pelo dízimo, ofertas e dádivas fez Ele provisão para esta obra” Parábolas de Jesus, pág.300 (ASSOCIAÇÃO GERAL DAIASD, 1994, S/N).

No livro *Chuva de Bênçãos*, literatura da IASD, que descreve a prática da adoração financeira, encontra-se a resposta à pergunta: Devolver o dízimo é um ato de adoração? Tal indagação é respondida da seguinte forma:

Sim, é um ato de adoração. Ao Jacó devolver ao Senhor seus dízimos, ele estava adorando-O (Gênesis 28:22). O povo de Israel levava a Deus parte de seus bens, como um ato de adoração (Êxodo 23:15; Deuteronômio 16:16). Ao nos apresentarmos diante do Senhor com o dízimo, estamos identificando-nos como seus adoradores. Através da devolução do dízimo, entregamos a Deus não apenas dinheiro, mas, sobretudo, o coração, a própria vida como um reconhecimento de Sua propriedade. II Cor. 8:5. (WHITE, 2008, p. 75).

O Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia (2016) pontua que a oferta é uma parte vital da hora da adoração. Ao mesmo tempo que somos aconselhados a adorar ao Senhor “na beleza da sua santidade”, também somos exortados a trazer “oferendas” e entrar “nos seus átrios” (Sl 96: 8,9). Assim, a apresentação de nossas ofertas a Deus encontra seu lugar, como parte do culto de adoração, de forma bem natural (MANUAL DAIASD, 2015, p. 186). Sobre a forma do culto, o Manual da IASD orienta da seguinte forma:

À medida que os participantes entram e se ajoelham, a congregação deve, com a cabeça inclinada, implorar a presença e a benção de Deus. Um silêncio reverente prepara o caminho para os exercícios que vem a seguir. As duas partes principais do culto de adoração são: a. A resposta congregacional em louvor e adoração, expressos em hinos, oração e ofertas; b. A mensagem da Palavra de Deus. (MANUAL DAIASD, 2015, p. 185).

As formas de culto na IASD variam de um país para o outro e de uma cultura para a outra, por isso o Manual da IA0SD oferece duas formas sugestivas essenciais, e ambas contemplam o momento de adoração financeira, como aparece a seguir.

Ordem de Culto Mais Longa	Ordem de Culto Mais Curta
Prelúdio Musical	Anúncios
Anúncios	Hinos
Entrada dos participantes	Oração
Doxologia	Oferta
Invocação (oração)	Hino ou música especial
Leitura das Escrituras	Sermão
Hino de Louvor	Hino
Oração	Benção
Cântico ou música especial	Congregação fica em pé ou sentada para alguns momentos de oração silenciosa.
Oferta	
Hino de consagração	
Sermão	
Hino	
Benção	
Congregação fica em pé ou sentada para alguns momentos de oração silenciosa.	
Poslúdio musical	

O Guia Para Anciãos (2014) assegura que ofertar é parte fundamental do culto. Não é apenas levantamento de fundos, mas um chamado para a entrega de si mesmo. Apelos breves, reverentes, inteligentes e com motivação espiritual inspiram nos aforadores sentimentos de abnegação, sacrifício e confiança. No apelo para a oferta, deve ser incluída uma explicação o porquê do ofertar e o destino das ofertas...embora muitos na congregação participem dando ofertas fora do horário do culto, a ênfase no compromisso, nesse momento do culto, incentiva a fidelidade a Deus nas questões financeiras (GUIA PARA ANCIÃOS, 2014, p. 41).

O Guia Para Ministros (2010), descrevendo os elementos do culto de adoração, orienta os pastores a respeito de princípios e práticas essenciais para o bom andamento deste ato espiritual:

Como parte direta da adoração, as ofertas têm grande potencial para ensinar os conceitos cristãos de abnegação, sacrifício e confiança. O apelo para as ofertas deve enfatizar uma motivação espiritual. Também deve explicar a necessidade financeira e como apoiar o trabalho da igreja. Ele deve ser breve, inteligente e reverente. Mais que uma campanha para levantamentos de fundo, a oferta é uma oportunidade para que a congregação expresse louvor a Deus devolvendo a Ele um dízimo de suas bênçãos, e ofertas de apreciação por Sua graça mantenedora. Através dos dízimos e das ofertas, a congregação reconhece as bênçãos de Deus recebida durante a semana; que ele é Senhor e que tudo o que temos pertence a Ele. Essas dádivas indicam que nosso amor por Ele flui livremente de um coração

Os membros da IASD, no contexto brasileiro, são orientados a adorar com o dízimo regularmente (10% das rendas) e com um pacto de ofertas percentual. Neste pacto com Deus, o adorador decide, em oração, a porcentagem da sua renda que será entregue em honra e adoração a Deus regularmente (Ex: 5%, 10%, 20% ou outra porcentagem da renda). O adorador deve decidir também a validade deste pacto, ou seja, se o pacto é permanente ou mutável (Ex: 15% por determinado período, com possibilidade de acrescentar ou decrescer a porcentagem, ou, até mesmo, se será uma porcentagem vitalícia). Estes detalhes devem ser bem acordados com Deus, em oração.

O escritor adventista, Rodrigo Bertotti, em seu livro *Manual do Homem Cristão*, descreve sua experiência pessoal de adoração com dízimos e ofertas e apela ao leitor para aplicar tal princípio bíblico em sua vida.

Já faz mais de 10 anos que decidi viver com apenas 80% das minhas entradas. Tudo que recebo devolvo ao Senhor 10% de dízimo e 10% de oferta. Quero adorá-lo com minha vida financeira também. Isso significa que 20% da minha vida devolvo em dinheiro ao Senhor... Nesse período, aprendi que 80% com Deus valem mais que 100% sem Ele. Ele me abençoa grandemente, mesmo assim, o objetivo não é receber mais bênçãos e sim ser grato por tê-las recebido já... Faça um pacto com Deus e decida devolver os dízimos e também decida um valor mensal de ofertas. Faça um pacto em porcentagem com o Senhor, eu fiz 10%, decida você sua quantia e adore ao Deus Todo-Poderoso com sua vida financeira. (BERTOTTI, 2015, P. 114).

No contexto da IASD, membros efetivos e simpatizantes podem adorar com os dízimos e ofertas, presencialmente num culto público ou através do aplicativo *7me*, que é um espaço para membros e amigos da IASD. Por meio de seu sistema online e aplicativo pode-se: atualizar dados cadastrais; solicitar pedidos de transferência entre igrejas; acompanhar a situação financeira de sua igreja; adorar a Deus por meio dos dízimos e ofertas; conferir seus recibos e extratos.

Estes recursos, oriundos de um ato de adoração que começa na igreja local, são encaminhados para a sede administrativa regional da denominação, pois o “dízimo pertence ao Senhor e deve ser trazido para a tesouraria da Associação como um ato de adoração por meio da igreja que o membro pertence” (MANUAL DAIASD, 2015, p. 141).

Princípios para a adoração com dízimos e ofertas nos escritos de Ellen Gould White

A escritora norte-americana Ellen G. White, cofundadora da IASD, em seus escritos devocionais ratifica princípios bíblicos pertinentes a adoração com dízimos e ofertas:

A entrega de dízimos e ofertas é parte essencial do culto:

Deus nos comunica suas dádivas para que também demos, e deste modo revelemos seu caráter ao mundo. Na dispensação judaica, as dádivas e ofertas formavam uma parte essencial do culto a Deus. Os israelitas eram ensinados a consagrar ao serviço do santuário o dízimo de toda a renda. Além disso, deviam trazer ofertas expiatórias, ofertas voluntárias e ofertas de gratidão. Estes eram os meios para sustentar o ministério do evangelho naquele tempo. Deus não espera menos de nós do que do povo de antigamente. A grande obra da salvação das almas precisa ser levada avante. Pelo dízimo, ofertas e dádivas fez ele provisão pra esta obra (WHITE, 1976, P. 300).

Dízimos e ofertas devem ser entregues como primícias:

Não devemos apenas devolver fielmente a Deus os nossos dízimos, que Ele reclama como Seus, mas também devemos trazer à Sua tesouraria um tributo como oferta de gratidão. Com o coração alegre levemos ao nosso Criador as primícias de toda a Sua liberalidade – as nossas mais acariciadas posses, nosso melhor e mais santo serviço (WHITE, 2007, p. 18).

Dízimos e ofertas devem ser entregues regular e sistematicamente:

Essa questão de dar não é deixada ao impulso. Deus nos deu instrução a esse respeito. Especificou os dízimos e ofertas como sendo a medida de nossa obrigação. E Ele deseja que demos regular e sistematicamente. Examine cada qual suas rendas com regularidade, pois são todas bênçãos de Deus, e ponha de parte o dízimo como um fundo separado, para ser sagradamente do Senhor. Em caso algum deve ser esse fundo dedicado a qualquer outro uso; deve ser unicamente dedicado ao sustento do ministério do evangelho. Depois de ser o dízimo posto a parte, sejam as dádivas e ofertas proporcionais: “segundo a sua prosperidade” (WHITE, 2007, p. 81).

Dízimos e ofertas devem ser entregues estrita, honesta e fielmente:

O Senhor pede que seu dízimo seja entregue em seu tesouro. Estrita, honesta e fielmente, seja-lhe devolvida esta parte. Além disso, Ele pede vossas dádivas e ofertas. Ninguém é forçado a apresentar ao Senhor Seus dízimos e ofertas. Mas com a mesma certeza com que a Palavra de Deus nos é dada, com esta mesma certeza requererá Ele, com juro, de todo ser humano, o que lhe pertence. Se os homens forem infiéis em dar a Deus o que é seu; se desrespeitarem a ordem de Deus a Seus mordomos, não terão por muito tempo a benção daquilo que o Senhor lhes confiou (WHITE, 2007, p. 82).

Dízimos e ofertas devem ser usados no cumprimento da grande comissão:

Devemos fazer ao Senhor a primeira doação de todas as nossas receitas. No sistema de beneficência ordenado aos judeus, ou deles se exigia que levassem ao Senhor as primícias de todas as suas dádivas, fosse aumento de seus rebanhos e manadas como no produto dos campos, pomares ou vinhedos, ou deveriam eles redimi-las, dando em substituição o equivalente. Quão diversa é a ordem de coisas nos nossos dias! As reivindicações e exigências do Senhor são deixadas para o fim, se é que recebem alguma atenção. No entanto, nosso trabalho necessita de dez vezes mais meios agora do que necessitavam os judeus. A grande comissão dada aos apóstolos foi a de irem todo o mundo pregar o evangelho. Mostra isso a extensão da obra, e a crescente responsabilidade, que repousa sobre os seguidores de Cristo, nos nossos dias. Se a lei exigia dízimos e ofertas milhares de anos atrás, quão mais necessários são eles agora! Se ricos e pobres deviam dar uma importância, proporcional a sua prosperidade, na economia judaica, isso agora é duplamente indispensável.” (TESTEMOINES, S/D, p. 474).

Dízimos e ofertas devem apoiar a pregação do evangelho em todo mundo:

Obedeceremos a Deus trazendo todos os dízimos e ofertas, a fim de que haja mantimento para atender às necessidades das almas famintas do pão da vida? Deus vos convida a prová-Lo agora, ao chegar ao fim do ano velho, e permitir que o novo ano vos encontre com os tesouros de Deus repletos...Irmãos cumpríreis as condições? Ofertareis voluntária, alegre e abundantemente? As missões estrangeiras pedem meios da América do Norte. Pedirão em vão? As missões nacionais muito necessitam de dinheiro; foram estabelecidas pela fé, em diferentes partes do campo. Serão elas deixadas a definhar e perecer? Deus ajude Seu povo a fazer o melhor que possa (WHITE, 2007, p. 89).

O pastor deve educar a congregação para adorar com dízimos e ofertas:

Alguns deixam de educar o povo a cumprir com todo o seu dever. Pregam a parte de nossa fé que não cria oposição ou desagrada aos ouvintes, mas não declaram toda a verdade. O povo parecia-lhes a pregação, mas a falta de espiritualidade porque as exigências do Senhor não são atendidas. Seu povo não lhe dá em dízimos e ofertas o que lhe pertence. Esse roubo a Deus, praticado tanto pelos ricos como pelos pobres, traz trevas às igrejas; e o pastor com elas trabalha, e não lhes mostra a vontade de Deus claramente revelada, é condenado com o povo, por negligência ao seu dever (WHITE, 2007, p. 87).

Adoração e mordomia cristã

O significado de mordomia cristã é amplo e envolve o uso dos talentos e dons, do tempo, dos recursos materiais e do corpo. A maneira como o cristão prioriza as responsabilidades está diretamente relacionada à mordomia cristã. Ao se analisar a amplitude do significado da mordomia bíblica, pode-se perceber uma familiaridade entre o tema da mordomia cristã e o tema da adoração, que é o propósito essencial da vida humana. Os verdadeiros adoradores, são mordomos fiéis; porém se a forma e o objeto da adoração forem incorretos, não há possibilidade de experienciar a verdadeira mordomia cristã.

Em Apocalipse 14:7 encontra-se a primeira mensagem angélica, afirmando especificamente: “Temei a Deus e dá-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e a fonte das águas.” Destacamos nesse verso as expressões “Temei a Deus [...] Dai-lhe glória [...] adorai”. A partir desses imperativos, levantam-se algumas questões básicas: 1) o que é adoração? 2) Por que essa questão é tão importante ao tratarmos do assunto da mordomia cristã? As respostas são tão simples quanto essenciais: adoração é a homenagem máxima oferecida por uma criatura a seu Criador. A adoração é inerente ao ser humano; adoramos pela simples razão de existirmos. Em virtude dessa existência, nossa vida deve ser devotada ao Criador; dependemos dele, por isso podemos afirmar que mordomia cristã é sinônimo de adoração [...] Assim, adoração é a noção da presença de Deus em todos os aspectos da vida e uma resposta positiva a isso. E essa resposta positiva tem nome: mordomia [...] a mordomia não é parte da vida, ela é a própria vida. Somos mordomos porque temos vida. Tudo o que fazemos – leitura da Bíblia, orações, ofertas, louvor, serviço etc. – é adoração. É impossível ser mordomo e ao mesmo tempo servir a si mesmo; assim como é impossível adorar a Deus e a si próprio ao mesmo tempo (FOLLIS (org.), 2017, p. 248)

Mordomia cristã das finanças

A Bíblia Sagrada afirma que o “amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores” (1 Tm 6.10). O apóstolo Paulo apresenta este princípio num contexto de advertência relacionada aos falsos mestres e sua ganância pelas coisas materiais. Porém este texto pode ser aplicável a vida de todos os cristãos. A obsessão pelo sucesso financeiro e pela segurança pode levar muitas pessoas à decepção e a própria morte. Neste sentido, Jesus também alertou para o perigo do amor às riquezas: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar a outro, ou se devotará a um e desprezará a outro” (Mt 6.24). A tradução da palavra “riquezas” refere-se a *Mamon*, forma hebraica de referir-se a um deus personificando a riqueza (CABRAL, 2003, p.113). Contudo, Deus tem um plano financeiro para os Seus servos, a mordomia cristã das finanças.

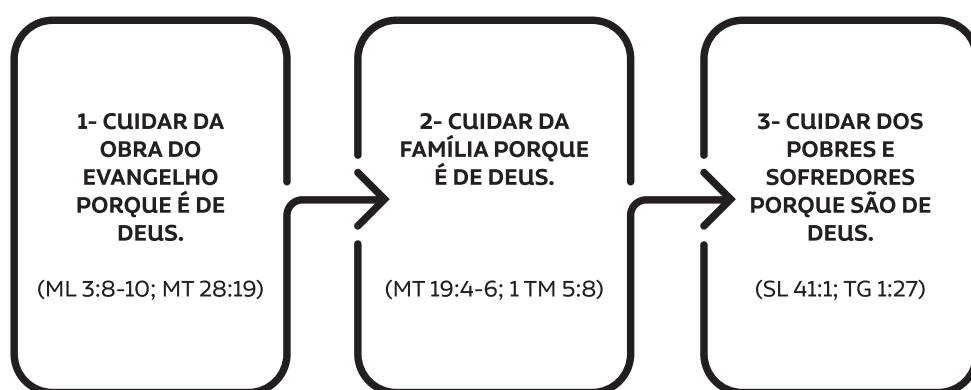
Na Bíblia encontram-se princípios para mordomia cristã das finanças. Inclusive, uma conotação destacada da palavra mordomia na Bíblia é relacionada à administração financeira. Kantonen (1965) explica que a palavra grega é um composto de *oikos*, que significa casa, e *nomos*, que significa lei. Refere-se, portanto, à administração de uma casa ou de assuntos domésticos. No grego clássico, possuía uma variedade de conotações, mas, principalmente, a da administração financeira, o significado retido em seus derivativos diretos, como economia. Neste sentido, Silva (2017) também aponta pra relação da palavra bíblica para mordomo com o aspeto específico da mordomia das finanças:

A palavra “mordomo” tem sido traduzida do texto original do Novo Testamento da palavra grega *oikonomos* (Lc 16), referindo-se a um administrador ou encarregado de bens materiais... A palavra grega *oikonomos* também foi transliterada direto para o português sem ser traduzida e aportuguesou-se como “ecônomo” que, depois, passou a ser “economista”. Assim o economista que é ecônomo, é também administrador, pois todos são *oikonomos*, ou guardiões das coisas e das regras de administração ou funcionamento da casa (SILVA, 2017, p. 09).

A mordomia cristã fiel, dos recursos pessoais e/ou familiares, deve ser uma tarefa fundamental na vida do cristão, porque na perspectiva bíblica, o mau uso dos bens materiais pode implicar em consequências eternas (Lc 18:18-23).

Administração financeira na Bíblia começa com honra e adoração, a partir do momento que se separa os dízimos e as ofertas (Pv 3:8-9). Não há como tratar do assunto administração de recursos, sob uma perspectiva cristã, sem se falar em dízimo. Este ensinamento está em todas as denominações cristãs (PEZINI, 2002, p. 23). O fato de entregar os dízimos e ofertas a Deus pode proporcionar uma reflexão sobre a espiritualidade do dinheiro como bênção Divina, a partir daí o adorador pode ser despertado para um melhor zelo no manuseio de tal recurso que vem do seu Criador e Mantenedor. Portanto, a adoração com dízimos e ofertas devem ser inseridos entre as despesas básicas das famílias cristãs, considerando que a finalidade do dinheiro na vida do cristão é atender três áreas: o serviço a Deus, à família e ao próximo em necessidade, como explica Silva (2017):

Sequencia dos deveres da mordomia das finanças



John Wesley orientava pastores, pregadores e membros da igreja, sobre como a relação que se tem com o dinheiro pode melhorar ou piorar a relação do cristão com Deus. O grande evangelista dava quatro conselhos a respeito das prioridades de Deus para o uso da renda pessoal do cristão, como descreve em Kopeska; Botelho (2018):

- 1- Supra o necessário para si mesmo e a família (1 Timóteo 5:8).
- 2- Tendo sustento e com que se vestir, esteja contente (1 Timóteo 6:8).
- 3- Procure as coisas honestas perante todos os homens (Romanos 12:17) e a ninguém fique devendo coisa alguma (Romanos 13:8). Depois de cuidar das necessidades básicas, a próxima prioridade é pagar os credores ou providenciar que todos os negócios sejam feitos de forma honesta, sem incorrer em dívidas.
- 4- Faça o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé (Gálatas 6:10). Depois de prover para a família, credores e negócios, Deus espera que você Lhe devolva o restante por meio do hábito de doar aos necessitados.

Wesley também sugeria algumas perguntas que os cristãos deveriam fazer quando estivessem em situações, não, tão claras em relação a algum bem que quisessem adquirir:

- 1- Em gastar este dinheiro, estou agindo como se eu fosse dono dele ou como despenseiro de Deus?
- 2- Que ensino da Escritura me orienta a gastar dinheiro desta forma?
- 3- Posso oferecer esta aquisição como oferta ao Senhor?
- 4- Deus haverá de me elogiar na ressurreição dos justos por este dispêndio?

O assunto do dinheiro é vital na mordomia cristã, porque se trata de uma das dimensões mais fugazes da vida. A administração desta área, rapidamente, reflete e influi na vida espiritual da própria pessoa. Deus estabeleceu o sistema de dízimo e ofertas com o mesmo propósito. Através dos dízimos e ofertas, adoramos a Deus e O reconhecemos como nosso Senhor. Reconhecemos que tudo o que somos e temos pertencem a Ele. Deus pede que a primeira porção de nossas possessões materiais Lhe sejam dadas, como um sinal de que o crente aceita uma relação de pacto com Ele. Então, Deus convida a pessoa para viver o resto de sua vida em sociedade com Ele.

Deste modo, a mordomia cristã permeia cada área da vida de uma pessoa e, por conseguinte, da Igreja. Provê o fundamento e a motivação para ministrar e testemunhar. Viver em sociedade com Deus é modelar as prioridades e o enfoque. À medida que os crentes crescem nessa sociedade, o Espírito Santo os guia para prover o apoio financeiro para a Igreja, como corpo de Cristo.

2 – BENEFÍCIOS DA ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS PARA A VIDA CRISTÃ.

Quais são os benefícios espirituais desfrutados pelo cristão que adora ao Senhor com os dízimos e as ofertas, fielmente?

Considerando a fundamentação bíblica, teológica, histórica e eclesiástica apresentada até aqui, pode-se sugerir que uma benção essencial decorrente da autêntica e amorosa adoração com dízimos e ofertas é o desenvolvimento da fé do discípulo de Cristo.

A entrega de dízimos e ofertas deve ser um ato muito íntimo e espiritual. Ele deve envolver fé, confiança e gratidão pelo que o cristão recebe de Deus. E como ocorre em qualquer experiência de fé, tal ação faz com que a fé seja acrescida, pois, como escreveu Tiago, “a fé sem obras é inoperante” (Tiago 2:20). Sendo assim, não há melhor maneira de aumentar a fé do que vivê-la. Nesse sentido, a adoração com dízimos e ofertas potencializa a confiança em Deus e oportuniza ao mordomo fiel provar que o “Senhor é bom” (Salmo 34:8).

A Bíblia, a literatura cristã e testemunhos pessoais de cristãos, na contemporaneidade, indicam benefícios decorrentes da adoração com dízimos e ofertas.

2.1 PROMESSAS BÍBLICAS PARA OS QUE ADORAM COM DÍZIMOS E OFERTAS

George Muller, evangelista e missionário inglês, que teve uma experiência extraordinária de fé, deixou um exemplo de confiança na Palavra de Deus e em Sua providência, tendo a certeza e o pleno conhecimento que o Criador e Mantenedor não desampara seu povo. Muller tinha uma perspectiva acerca das finanças simples, mas profunda, como descreveu em sua autobiografia:

Dinheiro não tem valor para mim a menos que eu possa usá-lo para Deus. Quanto mais pago para a obra de Deus, mais probabilidade tenho de ser ainda mais suprido por ele. Quanto maior a quantia que recebo dele, como resposta a oração, maior a prova da benção e da realidade de se negociar diretamente e apenas com Deus por aquilo que preciso. Portanto tenho tanta alegria em dar como em receber (MULLER, 1984, p. 197).

A Bíblia descreve promessas de bênçãos especiais para os que adoram fielmente ao Senhor com

dízimos e ofertas. Contudo, Hinn (2005) afirma que muitos crentes nunca vivenciaram a alegria e a realização que vêm como resultado de se dar dízimos e ofertas para a obra do Senhor. Nunca conheceram a satisfação de honrar a Deus através daquilo que dão. Como resultado, também nunca conheceram as bênçãos que podem vir sobre todas as áreas de suas vidas, como resultado desta obediência (HINN, 2005, p. 62). Provérbios 28:20 afirma que o homem fiel será cumulado de bênçãos. Num sentido específico, alguns textos bíblicos indicam benefícios espirituais e físicos, decorrentes da fidelidade na adoração com dízimos e ofertas.

Promessa em Provérbios 3:9 e 10: “Honra ao Senhor com os teus bens e com as primícias de sua renda; e se encherão fartamente os teus celeiros, e transbordarão de vinho os teus lagares”. Podemos dizer que o que os Salmos são para a vida devocional, os Provérbios são para a vida prática. A lei de Deus, dada no Pentateuco, é reforçada pela admoestação de Provérbios. No contexto de Provérbios 3:1-12, encontramos uma lista de seis ordens e sua explicação ou motivo. O texto que lemos (Prov. 3. 9 e 10) apresenta a quinta ordem e a razão para ela. Este texto bíblico pode ser dividido em duas grandes partes: 1 - O que nós temos que fazer 2 - O que Deus fará depois que fizermos a nossa parte. Os celeiros eram locais empregados para depósito de alimentos, lagares locais usado para a prensa do vinho. Isso indica bênçãos divinas que suprem necessidades básicas do ser humano. White (2007) afirma que este texto ensina que Deus, como doador de todos os nossos benefícios, tem uma reivindicação sobre todos eles; que seu pedido deve ser nossa primeira consideração; e que uma benção especial sobrevirá a todo aquele que honrar este pedido (WHITE, 2005, p 65).

Promessa em Malaquias 3:10 – 12: “Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa; e provai-me nisto, diz o Senhor do Exércitos, se eu não vos abrir as janelas dos céus e não derramar bênçãos sem medida. Por vossa causa repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; a vossa vide no campo não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos. Todas as nações vos chamarão felizes porque vos sereis uma terra deleitosa, diz o Senhor dos Exércitos”. Este texto, clássico da mordomia cristã, indica que bênçãos abundantes, da parte de Deus, se seguem à nossa fidelidade na adoração com os dízimos e as ofertas. Tal ato já é uma resposta às bênçãos de Deus sobre nós. Lopes (2009), comentando o referido texto, afirma que o profeta Malaquias aponta quatro bênçãos que acompanham a restauração Divina sobre aqueles que são fiéis, na adoração com os dízimos e as ofertas (LOPES, 2009, p.101):

1 – “Janelas abertas do céu” (Ml 3.10).

É do céu que procede toda boa dádiva. Deus promete, claramente, derramar sobre os fiéis, torrentes caudalosas de suas bênçãos! Janelas abertas falam não apenas de bênçãos materiais, mas de toda sorte de benção espiritual (Ef 1.3). Nós precisamos evitar dois extremos: a teologia da prosperidade e a teologia da miséria. A teologia da prosperidade limita as bênçãos de Deus ao terreno material; a teologia da miséria não enxerga a benção de Deus nas suas dádivas materiais.

2 - “Bênçãos sem medida de Deus” (Ml 3.10).

A benção de Deus enriquece e com ela não traz desgosto. A Bíblia diz que o que plantamos, isso também colhemos. Mas colhemos sempre mais que plantamos. “(...) o que semeia com fartura com abundância também ceifará” (2 Co 9:6). Deus promete, literalmente, fazer prosperar quem dá com liberalidade (2 Co 9.6-11).

3 – “O devorador repreendido” (Ml 3.11).

Deus não age apenas ativamente, derramando bênçãos extraordinárias, mas também inibe, proíbe e

impede a ação do devorador na vida daqueles que lhes são fiéis. Alguns podem objetar dizendo que há muitos crentes não dizimistas que são prósperos financeiramente, enquanto há dizimistas que enfrentam dificuldades econômicas. Todavia, a riqueza sem fidelidade pode ser maldição e não bênção. As bênçãos, decorrentes da obediência, não são apenas materiais, mas toda sorte de bênção espiritual em Cristo Jesus.

4 – “Uma vida feliz” (Mt 3.12)

Há grande alegria na obediência a Deus. O senso de dever cumprido e a confiança em um Deus provedor, bem como a satisfação de corroborar com a expansão do Reino de Deus, produz felicidade. Quando a igreja é fiel, a Casa de Deus é suprida, a obra de Deus cresce, o testemunho da igreja resplandece, os povos conhecem ao Senhor e a glória de Deus resplandece entre as nações. Ser cooperador de Deus é fazer um investimento para a eternidade (1 Co 3.9).

Promessa em Filipenses 4.18 e 19. “Recebi tudo e tenho em abundância; estou suprido, desde que Epafrodito me passou às mãos o que me veio de vossa parte como aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus. E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades”. Paulo elogia os filipenses pela liberalidade financeira em prol da Obra de Deus. O apóstolo indica que as dádivas dos discípulos de Filipo foram observadas por Deus e que o trabalho confiado em suas mãos, eles ajudaram a prosperar. Agora, de modo recíproco, Deus há de suprir as necessidades dos Filipenses, provavelmente em uma época de crise econômica. Os filipenses entregaram recursos em adoração fiel ao Senhor e por isso receberam a garantia das bênçãos especiais dEle.

Quando liberamos o nosso melhor, em atitude de fé, como Cristo fez, experimentamos do agir criativo de Deus para nossa provisão e somos abençoados por um crescimento sobrenatural. Foi essa mesma garantia que Paulo deu aos crentes da igreja de Filipo: “E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades” (Fp 4:19). Quando você estabelece um plano financeiro com Deus, investe em sua conta celestial, pois a Bíblia diz para não juntarmos tesouros aqui na terra, e sim no céu (Mt 6:19-20). Isso não quer dizer que você é proibido de guardar recursos ou de ter caderneta de poupança, etc. O problema é que sua conta bancária terrena ter saldo elevado, mas você não ter nada para sacar no céu...quando você entrega que está em suas mãos, Deus lhe entrega o que está nas mãos dEle. Quando você se envolve com o sonho de Deus, Ele se envolve com o seu sonho (GONDIM, 2015, p. 49).

Estas promessas não se referem apenas a prosperidade material. Deus concede a medida certa do que que o mordomo fiel precisa para a manutenção da vida e da família. Ele permite que a prosperidade material seja proporcional as necessidades, e cuida para que essa prosperidade não prejudique a vida espiritual do cristão. Tais promessas envolve primeiramente a vida espiritual, mas Deus deseja abençoar a saúde, o casamento, os filhos, bem como as finanças dos Seus filhos (TOSTES, 2012, p.55).

2.2 A PROSPERIDADE BÍBLICA

Na contemporaneidade, há cristãos e denominações que só reconhecem as bênçãos Divinas quando constatarem prosperidade em bens materiais, dinheiro e saúde. Contudo, a Bíblia aponta para uma prosperidade que não se limita a coisas materiais. A verdadeira prosperidade, envolve muitas bênçãos essenciais, que Deus nos concede com Suas misericordiosas mãos e que não podem ser compradas em lugar algum, como:

- Salvação (João 3:16)
- Perdão e purificação moral (1 João 1.9)
- O privilégio de ter comunhão com Deus (João 15:4-7)

- A presença do Espírito Santo na vida (1 Coríntios 6:19)
- A misericórdia e a fidelidade de Deus (Salmo 117:2)
- A verdade que liberta (João 8:32)
- Necessidades materiais supridas (Provérbios 3:8 e 9)
- Sabedoria e conhecimento (Provérbios 24:3 e 4)
- Uma herança eterna (Salmo 37:18)
- Proteção (2 Crônicas 16:9)
- Resposta a oração (Salmo 20:6)
- Preservação (Salmo 145:20)
- A vitória (1 Coríntios 15:57)
- Força (Salmo 18:2)
- O muito da eternidade (Mateus 25:21)

Portanto, na Bíblia, prosperidade material e cura não são as únicas formas de Deus abençoar as pessoas. Ele pode abençoar Seus filhos “infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós” (Efésios 3:20).

A Bíblia também indica que, mesmo envolvidos por aflições, os cristãos precisam se manter animados no Cristo vitorioso (João 16:13).

Os servos de Deus precisam confiar em Suas promessas e cuidado. Sua fidelidade não falha. Assim precisamos lembrar que (1) Deus sempre dá primeiro, pois antes de pedirmos ou de fazer qualquer coisa por Sua causa Ele já fez muito mais por nós; (2) nem sempre a resposta tem que ser aquilo que o crente espera, Deus sabe melhor o que é melhor para Seus filhos; (3) como Ele é soberano é Ele quem determina de fato, porque as determinações humanas não tem poder algum em si mesmas; e (4) a prosperidade completa, de acordo com a Bíblia, somente ocorrerá na volta de Jesus, por isso Ele jamais prometeu mar de rosas, ao contrário, garantiu que “no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (Jo 16:13) (SILVA, 2015, p. 157).

Valloton (2018), ao descrever a prosperidade a luz da Bíblia Sagrada, não a define como riqueza do mundo, mas como a verdadeira prosperidade do Reino. Segundo ele, as definições de Deus para a prosperidade são:

1. Prosperidade é a aptidão (recursos, força e sabedoria) para criar resultados positivos em meio à falta, à pobreza e ao vazio.
2. Prosperidade é luz na escuridão, cura para a doença, abundância na pobreza, completude na falta, benevolência da obscuridade, amor para os não amados, beleza entre cinzas e vencedores entre vítimas.
3. Prosperidade é uma atitude de “eu posso fazer”, uma mentalidade de “mais que necessário” e um sistema de crença de que “nada é impossível”.
4. Prosperidade é generosidade radical, compaixão extraordinária, doação sacrificial e profunda humildade.
5. A prosperidade é sempre grata e nunca invejosa; ela não se vangloria, mas celebra os outros e olha para o futuro. (VALLOTON, 2018, p. 23)

Valloton (2018) também afirma que a generosidade é a chave para a prosperidade:

Um dos segredos mais bem-guardados da prosperidade é a generosidade, porque ela determina a

capacidade do sistema de distribuição que retribui seu investimento no Reino... Ele será generoso, e as bênçãos que Ele lhes dará serão tantas, que vocês não poderão segurá-las nas suas mãos... Toda prosperidade começa com o *dar*, o que significa que todos no mundo têm o potencial de serem prósperos... Se a prosperidade começasse com *receber* em vez de *dar*, então todos nós seríamos incapazes de produzir riquezas até alguém decidir contribuir para o nosso bem-estar. Em outras palavras, nessa situação, seria lógico culpar as ações de outros por sua condição de pobre. Mas, porque você inicia toda a prosperidade em sua vida com o *dar*, você determina quando ativará seu dom divino para, assim, receber o poder celestial de Deus para produzir prosperidade (VALLOTON, 2018, p. 64).

Tal generosidade, deve começar com adoração a Deus ao entregar dízimos e ofertas para a expansão do Seu Reino. Valloton (2018) pontua que o dízimo já é de Deus, é um “pagamento” pela parceria com Ele na vida. Com o restante (90%), Ele deseja que os cristãos sejam generosos assim como Ele é.

A palavra dízimo significa dez, já que é 10% de sua renda. Um dos princípios mais importantes do dízimo, no entanto, é que não são apenas 10% - são os primeiros 10%. Em outras palavras, Deus desafia você e ofertar seu dízimo antes de pagar contas ou gastar dinheiro em qualquer outra coisa. Lembrem-se, os santos do Antigo Testamento deveriam dar os *primeiros frutos* de seus campos (Ex 23:16). Quando você dá dinheiro a mais que o dízimo, que é qualquer coisa acima dos 10%, isso é chamado *oferta*. Sua generosidade começa acima do dízimo... Ele quer que você seja generoso com seu dinheiro (os 90%) assim como Ele é com a porção dele. (VALLOTON, 2018, p. 83).

Princípios de prosperidade na vida de José

A prosperidade bíblica pode ser bem ilustrada, e exemplificada, por meio da experiência de José, um fiel mordomo de Deus. A Bíblia informa que José foi um homem próspero, alguém que obteve notável e surpreendente sucesso (Gn. 39:2, 23 e 52). Em uma sociedade materialista, da atualidade, a história de alguém que saiu de um poço miserável para se tornar o governador de uma nação poderosa é um exemplo fantástico de prosperidade. Contudo, a prosperidade de José não era a prioridade da sua vida, mas, sim, o fruto da permanência do Senhor em seu viver. José, o mordomo fiel, foi agraciado com a prosperidade verdadeira, a prosperidade que vem de Deus. No relato bíblico a respeito da sua vida, pode-se constatar princípios Divinos da verdadeira prosperidade:

Princípio 1 - A prosperidade bíblica é aquela que é concedida por Deus, conforme a Sua soberana vontade (Gn 39: 2, 23; 41:52). Cinco termos hebraicos que descrevem a prosperidade no Antigo Testamento, o que se aplica a José é *Tsālēach*: a prosperidade como fruto de uma vida bem-sucedida. No Antigo Testamento a palavra hebraica mais comum para descrever a prosperidade é *tsālēach*, isto é, "ter sucesso", "dar bom resultado", "experimentar abundância" e "fecundidade". Esse termo é usado em relação ao sucesso que Deus deu a José (Gn 39.2,3,23; 41:52). José se tornou próspero porque “O Senhor era com José”, esta é a principal chave da prosperidade deste fiel servo de Deus. A prosperidade verdadeira consiste em ter Deus conosco, abençoando Seus filhos, conforme a sua vontade para vida deles. A parte do ser humano é desenvolver fidelidade total a este Deus criador, mantenedor, redentor e amoroso, o Deus que abençoa diariamente a partir do ar que se respira. José foi próspero, mas sua prioridade e foco não estavam na prosperidade, mas sim na fidelidade a Deus, ele queria praticar a vontade do seu Senhor, independente da circunstância. A prosperidade bíblica vem de Deus, conforme sua vontade.

Princípio 2 - A prosperidade bíblica visa servir melhor a Deus e ao próximo. José alcançou o mais alto nível de liderança e poder do seu contexto, ficando abaixo apenas do Rei do Egito, Faraó. Isto, certamente, o colocou em um padrão social e financeiro muito favorável, contudo José não se perdeu no egoísmo e nem na avareza; pelo contrário, José usou sua influência e recursos para poder glorificar a Deus e

servir ao próximo. O Senhor hoje também chama pessoas para servi-lo em três níveis, como José serviu:

(1) José prosperou e serviu a Deus. Embora os textos bíblicos relacionados à vida de José não o mencione como um colaborador financeiro direto de uma igreja estabelecida, podemos deduzir que a sua contribuição por meio de influência e recursos, apoiou o povo de Deus, a “Igreja” naquele contexto. Mesmo não existindo nenhuma informação bíblica sobre adoração financeira na vida de José, a Bíblia mostra que o princípio de adoração com Dízimos era praticado pelo pai de José, Jacó (Gn. 28:20). Provavelmente, era um assunto familiar. O dízimo é mencionado nessa história num contexto de adoração. Jacó confrontou-se com a presença gloriosa de Deus e O adorou. Isso é o que a adoração é – uma resposta reverente à presença de Deus. O local em que ele teve o sonho tornou-se um lugar de adoração, a casa do Senhor. Entregar dízimos e ofertas é parte integrante da adoração. Deus deseja ser Senhor de todas as áreas da vida do ser humano, inclusive do aspecto financeiro. Na atualidade, o Senhor requer dos Seus filhos fidelidade na adoração financeira, em dois níveis: dízimos e ofertas.

(2) José prosperou e serviu a sua família. Os capítulos 46 e 47 descrevem como José pode servir a sua família em um período tão difícil, quando ela precisava realmente de sua ajuda. O apóstolo Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, apresenta o princípio de sustentar parentes, especialmente viúvas: “Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente” (1 Timóteo 5:8). Aqui a preciosa palavra de Deus traz orientação ao cuidado que se deve ter com os que são “nossos”, ou seja, com a própria família, aqueles a quem Deus confiou as Suas criaturas para zelar e amar. A palavra está dizendo que o que conheceu a verdade de Deus, mas não tem demonstrado cuidado para com a sua família não é comparado ao incrédulo, mas é pior do que ele. Pior do que não conhecer a verdade, é conhecê-la e não a praticar (II Pedro 2:21). Quando a Bíblia nos fala do cuidado para com a própria família, ela está, na verdade, falando primeiramente do cuidado com a manutenção e o sustento das coisas básicas como roupas e alimentos, o que se chama de cuidado material. Às vezes, no contexto familiar, surgem necessidades materiais reais de pais, irmãos ou outros parentes. José pode ser um instrumento de bênção nas mãos de Deus para ajudar sua família, num momento tão delicado. Todavia, o cuidado que se deve ter com os familiares não se resume apenas em apoio material, pois a necessidade de cuidado emocional e espiritual também pode ser real.

(3) José prosperou e serviu aos necessitados. Gênesis 41: 54 – 57; 47: 24 – 25, estes textos informam como Deus usou José para servir aos necessitados em todo mundo, naquele período crítico de fome. Provavelmente, José esteve repleto do amor e da bondade de Deus e buscou atender cada caso da melhor maneira possível. Na atualidade, os discípulos de Cristo também possuem a responsabilidade de usar o dinheiro para ajudar os necessitados. Generosidade faz parte do caráter do cristão verdadeiro. Os servos de Deus devem trabalhar para ter condições para ajudar outros (Efésios 4:28), como José ajudou. Os que são abençoados com coisas materiais devem as usar para boas obras de caridade (1 Timóteo 6:17-18). Cada cristão tem a responsabilidade de ajudar as viúvas e os órfãos (Tiago 1:27). Entre as coisas que Jesus vai examinar no julgamento é a benevolência para com outros (Mateus 25:35-46). Cada um responderá pelas coisas feitas nessa vida. Pode-se aprender como mostrar esse cuidado para os outros (Salmo 112:5-6; Mateus 19:21; 1 João 3:17). O segundo grande mandamento é amar ao próximo (Mateus 22:39). Sendo assim, o mordomo cristão deve ter uma reserva financeira específica para ajudar os necessitados que estão ao seu redor, levando o pão material e o Pão da Vida, Jesus Cristo.

Princípio 3 – A prosperidade financeira bíblica envolve atitude do ser humano (Gn. 41:33-36; 47-

57). No atual contexto histórico e cultural, praticamente tudo custa dinheiro. A realidade apresentada pelo profeta bíblico Jeremias parece ser a nossa atualmente: “A nossa água por dinheiro bebemos, por preço vem a nossa lenha” (Lm 5:4). Nesse contexto se torna fundamental desenvolver sabedoria financeira, pois na atualidade questões relacionadas a finanças podem impactar, positiva ou negativamente, aspectos importantíssimos da vida, como relacionamento familiar, saúde, amizade, trabalho e, sobretudo, o espiritual. Billy Graham afirmou que: “Se a pessoa mantém uma atitude correta diante do dinheiro, isso contribuirá para colocar em ordem praticamente todas as demais áreas de sua vida”. A habilidade de José em relação a gestão e prosperidade financeira é uma inspiração para lidarmos sabiamente com os recursos hoje. Ele desenvolveu três princípios fundamentais de prosperidade financeira, conforme a vontade de Deus, que são:

a) José buscou sabedoria financeira em Deus (41:33,38). A sabedoria financeira que José desenvolveu, foi Deus que concedeu para ele. Faraó reconheceu: “Acharíamos, porventura, homem como este, em que há o Espírito de Deus? Depois, disse Faraó a José: Visto que Deus te faz saber tudo isto, ninguém há tão ajuizado como tu”. Deus está disposto a conceder sabedoria para aqueles que o pedem com fé (Tg. 1: 5 e 6).

Biblicamente, sabedoria é uma qualidade concedida, por Deus, para saber julgar ou discernir corretamente. A sabedoria envolve prudência, moderação, temperança, sensatez, reflexão e conhecimento justo das coisas. Esta virtude Divina se torna fundamental na administração dos recursos que Deus confia nas mãos de suas criaturas. A Palavra de Deus diz: “Com a sabedoria se edifica a casa, e com a inteligência ela se firma; pelo conhecimento se encherão as câmaras de toda sorte de bens, preciosos e deleitáveis” (Pv. 23:3 e 4). Assim como Deus capacitou José para lidar, sabia e prosperamente, com as finanças, Ele também pode e deseja te capacitar. Basta buscá-lo, sinceramente, em oração e estar disposto a ser um instrumento em Suas mãos.

b) José prosperou porque trabalhou com eficácia (Gn. 41: 46-49). O sucesso financeiro de José e do Egito, sob seu governo, não veio por acaso. José realizou a parte humana no processo da prosperidade financeira que obteve. Ele sempre trabalhou com eficácia por onde passou: na casa de Potifar como escravo e mordomo, no serviço na prisão e também com Faraó. “A assinalada prosperidade, que acompanhava todas as coisas postas aos cuidados de José, não era resultado de um milagre direto; mas sim sua operosidade, zelo e energia eram coroados pela benção divina” (WHITE, 2007, p. 126).

A Bíblia condena a preguiça, a ausência de trabalho (1Ts 4:11; Ef.4,28; 1Tm 5:13). O próprio Jesus trabalhou como carpinteiro. Paulo era orgulhoso de dizer que se sustentava trabalhando com as suas mãos, até mesmo para servir como exemplo (At. 18:3). O Salmo 128 nos dois primeiros versículos afirma: “Bem-aventurado aquele que teme ao Senhor e anda nos Seus caminhos! Do trabalho de tuas mãos comerás, feliz serás e tudo te irá bem”.

c) José prosperou porque fez provisão e poupou (Gn. 41:34-36). A Bíblia mostra que José usou o princípio do poupar para resolver o problema do Egito durante a época das "vacas magras" que eles iriam viver. Poucos dão valor à poupança, mas ela é muito importante. O ideal, é poupar o máximo que puder. Não importa se é R\$ 100 ou R\$ 200 por mês, mas guardar. O que se poupa hoje poderá suprir as necessidades de amanhã. José definiu que o Egito poupasse 20% de tudo o que colhia. Especialistas orientam poupar pelo

menos 20% por mês. Se conseguir poupar 20% do que ganha mensalmente, em cinco meses consegue-se o equivalente a um mês de salário. Isso fará muita diferença quando os tempos de crise vierem. Para os que desejam sucesso na administração das finanças, o ideal é possuir um orçamento. As vantagens são: organização, controle (planejamento), prevenção (reserva), previne dívidas, ajuda a visualizar as prioridades e necessidades reais. Hoje, mais do que nunca, precisamos obter conhecimentos técnicos, ainda que básicos, sobre administração financeira pessoal e familiar.

Pode-se concluir que a Bíblia Sagrada e a própria vida de José revelam a prosperidade material como bênção que pode emanar de Deus para Seus filhos, conforme a Sua amorosa e soberana vontade. Contudo, o ser humano também precisa aplicar os princípios Divinos de prosperidade sabiamente, efetuando a parte que lhe corresponde, como ganhar (trabalho), guardar (poupança) e gastar (compras/investimentos) com inteligência. Como sugeriu o ex-presidente americano Abraham Lincoln, nos mandamentos da prosperidade:

Não criarás prosperidade se desestimulares a poupança.

Não criarás estabilidade permanente baseada em dinheiro emprestado.

Não evitarás dificuldades financeiras se gastares mais do que ganhas.

Não poderás ajudar os homens de maneira permanente, se fizeres por eles aquilo que eles podem e devem fazer por si próprios. (SILVA, 2006, p. 48).

A experiência marcante de adoração e prosperidade de Milton Afonso

Um exemplo contemporâneo de alguém que afirma receber bênçãos especiais de Deus por conta de ser fiel na adoração com dízimos e ofertas encontra-se na experiência do Dr. Milton Afonso, o fundador da Golden Cross. Com os recursos que o Senhor o confiou, Ele tem ajudado, de maneira significativa, a expansão do Seu reino aqui na terra. No livro *Um Homem Rico em Israel*, Santos (2013), apresenta sete segredos bíblicos para o seu sucesso espiritual e financeiro do referido empresário:

- Prosperou porque aprendeu desde jovem a depender de Deus, colocando-o em primeiro lugar em sua vida;
- Viveu a prosperidade financeira porque sempre foi um receptor e distribuidor das bênçãos de Deus;
- Obteve sucesso em sua vida financeira porque adotou o sistema financeiro de Deus, não do mundo;
- Recebeu bênçãos materiais porque viveu na prática a fidelidade a Deus nos dízimos, bem como nos mandamentos de Deus, como o sábado.
- Prosperou porque disponibilizou seus bens para ajudar os pobres, viúvas e órfãos; (SANTOS, 2013, p. 52).

Milton Afonso prosperou financeiramente e já disponibilizou um montante significativo de recursos financeiros para promover a adoração a Deus e a pregação do evangelho.

2.3 BENEFÍCIOS DA ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS INFERIDOS NA LITERATURA CRISTÃ

Um autor cristão que descreve amplamente os benefícios, decorrentes da adoração com dízimos e ofertas para a vida cristã é Kluth (S/D). Ele apresenta dez razões bíblicas para fazermos dos 10% ou mais da renda que recebemos nossa principal prioridade financeira, contribuindo com a causa de Deus. Nove destas

razões (a partir da razão 2) indicam benefícios decorrentes do ato de adorar com dízimos e ofertas traz para a vida cristã e para a coletividade do Corpo de Cristo, como pode-se constatar a seguir.

1. É um padrão consagrado de contribuição, que vem sendo observado pelos cristãos há várias gerações. Em 1899, compilou-se uma bibliografia de livros relacionados à contribuição sistemática cristã. Havia mais de 500 livros com mais de 100 anos de publicação listados, e mesmo assim, os cristãos de hoje não compreendem a importância da doação fiel. Versículos: Gênesis 14.17-20, 28.16-22, Levítico 27.30, Provérbios 3.9,10, Malaquias 3.7-15, Mateus 23.23.

2. O ato de dar nos ajuda a reverenciar mais a Deus. Se o leitor me mostrasse seu talão de cheques, poderia lhe dizer rapidamente quem ou o quê é importante em sua vida. Quando damos a Deus o melhor daquilo que nos foi dado, expressamos nossa aliança com Ele e respeito por Sua pessoa. O operar do Senhor em nossa vida crescerá de maneira consistente. Versículos: Deuteronômio 14.23, Malaquias 1.6-8.

3. O ato de dar nos traz sabedoria divina e ordem às nossas finanças. Se, ao me vestir pela manhã, eu abotoar o primeiro botão da camisa fora do lugar, todos os demais serão abotoados errados. Em se tratando de finanças, o primeiro botão a ser colocado no lugar certo é o da contribuição. Ao colocá-lo em ordem, todo o restante entra em seu devido lugar. Contribuir é também o único antídoto conhecido contra a ganância que permeia o mundo de hoje. Versículos: Mateus 6.19-21, 24-34, Lucas 12.16-21, 1 Timóteo 6.6-10, 17-19, Eclesiastes 5.10.

4. A prática da contribuição serve como um lembrete prático de que Deus é o dono de tudo o que possuímos. Quando contribuímos, fielmente, dando os 10% ou mais de tudo o que recebemos ao Senhor, reconhecemos ativamente que Ele é o dono da nossa vida. Versículos: 1 Crônicas 29.11-18, Salmos 24.1,2, 50.10-12, Ageu 2.8.

5. Permite-nos vivenciar as provisões criativas de Deus. Uma das coisas maravilhosas no aprendizado da contribuição fiel é a alegria que tantas pessoas experimentam ao receberem bênçãos inesperadas em sua vida. Quando reconhecemos, através da nossa contribuição generosa, que Deus é o dono de tudo, passamos a experimentar a Sua provisão criativa de maneira maravilhosa. Versículos: 1 Reis 17, Provérbios 3.9,10, Malaquias 3.7-15, Ageu 1.4-11, 2.15-19, Lucas 6.38, Deuteronômio 28, Filipenses 4.15-19, Marcos 12.41-44.

6. Traz confiança ao nosso crescimento espiritual em Deus. Haverá momentos em que decidiremos ser um doador fiel daquilo que está em nossas mãos, mesmo quando não temos a mínima ideia de como será o nosso próximo dia, semana ou mês. Porém, ao continuarmos contribuindo, nossa confiança no Senhor aumentará e cresceremos na habilidade de vê-lo nos suprindo em tudo. Versículos: Deuteronômio 14.23, Provérbios 3.5,6, Malaquias 3.8-10, Ageu 1.4-11, 2.15-19, 2 Coríntios 8.5.

7. É uma confirmação de que nosso tesouro está no céu. Jesus nos encoraja a acumular tesouros no céu. A única maneira de fazermos isso é através de um viver generoso hoje. Alguém disse certa vez: “Não podemos levar o dinheiro conosco, mas podemos mandá-lo para o céu com antecedência.” Versículos: 1 Timóteo 6.18,19, Mateus 6.19-21, Hebreus 6.10, 3 João 1.8, 1 Samuel 30.22.

8. Fortalece o trabalho em nossa igreja local. Muitas igrejas sofrem com a falta de recursos financeiros. Porém, quando os membros de uma congregação adquirem a visão de doar fielmente ao Senhor, todo o espírito da igreja começa a mudar: as necessidades passam a ser supridas, as pessoas recebem cuidados, a igreja começa a sair das quatro paredes, e melhorias há muito esperadas começam a acontecer. Deus começa a operar à medida que as pessoas O honram, contribuindo com a igreja. Versículos: Atos 2.42-

9. O ato de dar ajuda a prover os meios para o sustento do(s) pastor(es) e missionário(s), que servem a Deus em tempo integral. O plano do Senhor sempre foi o de que seus servos fossem supridos por Seu povo. Por todo os Estados Unidos e pelo mundo, muitos pastores e missionários têm enfrentado dificuldades financeiras ou estão abandonando o ministério por falta de suprimento financeiro. Nossa contribuição fiel pode ajudar a assegurar que isso não aconteça entre pastores ou missionários que conhecemos. Versículos: 1 Coríntios 9 9-11,14, 1 Timóteo 5.17,18, 3 João 5-8, Filemom 4.15-19, Gálatas 6.6, Lucas 8.3, 2 Reis 4.8-10.

10. A contribuição ajuda na conclusão de projetos e reformas necessárias na igreja. Um dos momentos mais empolgantes na vida de uma congregação ou ministério é quando ocorrem melhorias e aumento em seu espaço físico. Contudo, para que os projetos de construção sejam bem-sucedidos, são necessárias grandes doações. Os projetos de construção logram êxito somente com doações extraordinárias, que vão além das doações normais dos membros. Versículos: 2 Crônicas 24.4-14, Êxodo 35 e 36, 2 Reis 12.2-16, Esdras 1.4-6, 1 Crônicas 29.2-19 (KLUTH, S/D, p. 37-38)

Dayton (2015) é outro autor cristão que pontua benefícios decorrentes da adoração com dízimos e ofertas. Ele cita Atos 20:35: “Lembre-se das palavras do Senhor Jesus que disse: 'Mais bem-aventurado é dá do que receber’”, e nesse contexto afirma que um presente beneficia aquele que o recebe, mas de acordo com a economia de Deus, quando um presente é dado com a atitude apropriada, o doador beneficia-se mais que o receptor. O referido autor também chega a afirmar que ao examinarmos as escrituras em quatro áreas importantes encontramos os benefícios daquele que contribui, que são:

1. Aumento da intimidade. Dayton (2015) afirma que acima de tudo o ato de contribuir dirige nossa atenção e nosso coração para Cristo, e cita Mateus 6:21: “Porque onde está o teu tesouro, aí está também o teu coração”. É por essa razão que é tão necessário passar pelo processo de contribuir, com a consciência de que cada presente é dado a pessoa de Jesus Cristo. Quando você dá a Ele, seu coração se volta, automaticamente, ao Senhor (DAYTON, 2015, p. 83).
2. Desenvolvimento do caráter. Dayton (2015) explica que o Pai celestial deseja que Seus filhos desenvolvam a imagem e o caráter altruísta de Seu filho Jesus Cristo. O ser humano, por natureza é egoísta. Por meio das ofertas contínuas o caráter pode entrar em conformidade com o de Cristo. O referido autor chega a citar 1 Timóteo 6:17-19: “Exorta... que pratiquem o bem, sejam ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir... a fim de se apoderarem da verdadeira vida” (DAYTON, 2015, p. 83).
3. Investimentos para a eternidade. Dayton (2015) ilustra este benefício afirmando que o Senhor nos diz que há, de fato, algo como “O Primeiro Banco Nacional do Céu”. Ele deseja que saibamos que podemos investir para a eternidade. Nesse sentido ele cita Mateus 6:20: “Mas ajuntai para vós outros tesouros nos céus, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam nem roubam”. Dayton também afirma que há, literalmente, uma conta para cada um de nós no céu, da qual teremos o privilégio de desfrutar dela para sempre. Nesse sentido o referido autor cita Filipenses 4: “Não que eu procure o donativo, mas que realmente me interessa é o fruto que aumente o vosso crédito”. Ele assegura que as Escrituras nos ensinam que não podemos levar nada conosco, mas que podemos fazer depósitos em nossa conta celestial, antes de morrermos.
4. Aumento das bênçãos materiais. Dayton (2015) afirma que contribuir com atitude apropriada, resulta também em aumento material que flui para o doador e cita Provérbios 11:24 e 25: “A quem dá

liberalmente ainda se lhe acrescenta mais e mais, ao que retém mais do que é justo, ser-lhe-á em pura perda. A alma generosa prosperará, e quem dá a beber será dessedentado”. Nesse contexto o autor assegura que o Senhor produz um aumento para que possamos dar mais e, ao mesmo tempo, tenhamos também nossas necessidades satisfeitas (2 Coríntios 9:6-8).

Portanto, este capítulo, o referencial teórico do presente trabalho, aponta para uma constatação de que na teologia bíblica, na história da igreja, na literatura cristã e nas diretrizes eclesiais, encontram-se princípios que fundamentam, sustentam, inspiram e orientam a prática da adoração com dízimos e ofertas na atualidade. Esta fundamentação bibliográfica também sugere que há benefícios decorrentes da adoração com dízimos e ofertas para a vida cristã. Tais benefícios foram verificados também na pesquisa de campo, como descreve o capítulo seguinte.

2.4 BENEFÍCIOS DA ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS INDICADOS NA PESQUISA ETNOGRÁFICA E INFERIDOS NA LITERATURA CRISTÃ

Nesta parte do trabalho são apresentadas as principais descobertas, devidamente fundamentadas nos autores estudados e nas informações coletadas na pesquisa de campo.

Considerando que o presente trabalho teve como um dos objetivos averiguar os benefícios da adoração com dízimos e ofertas para a vida cristã, foram analisadas todas as respostas de todas as perguntas, tanto das entrevistas pessoais, como do questionário. Um cuidadoso exame das respostas aponta para cinco destacados benefícios. Abaixo descrevemos os benefícios descobertos na pesquisa de campo, com as respectivas menções dos entrevistados e fundamentações literárias.

1 - Intensifica o compromisso missionário. A fiel adoração com dízimos e ofertas fortalece o senso missionário do cristão, levando-o a se comprometer com a pregação do evangelho.

Seis pessoas, 40% dentre as entrevistadas do Grupo 1 e Grupo 2, indicaram este benefício e 391 (97.8 %) dentre as que responderam ao questionário confirmaram este benefício. Segue frases dos entrevistados que apontam para o referido benefício:

“O sentimento de estar participando do grande plano do Criador de pregar o evangelho a todo mundo e sentir o amor de Deus a nos guiar e o maior dos benefícios; sem contar com vontade de cada vez mais forte de amar o nosso semelhante, por quem Cristo morreu, de servir aos que precisam de ajuda e trabalhar para que cheguem ao conhecimento da verdade!”

“Estar atuante na pregação do evangelho”

“O sistema de dízimos e ofertas não é invenção dos homens, mas foi criado por Deus para desenvolver no ser humano altruísmo, abnegação, solidariedade e ser coparticipante da missão a ele confiada.”

“Penso no crescimento da igreja aqui e no mundo.”

“Me preocupo também com a missão, ganhar pessoas pra Cristo. As ofertas têm seu papel na pregação do evangelho em todo o mundo, isso é um motivo de manter esse foco e dedicação neste aspecto (fidelidade nos dízimos e ofertas). Dedicar esforços para salvar pessoas é o que agrada a Deus. Dízimos e ofertas é uma forma fundamental de Deus nos envolver na missão.”

“Estes recursos servirão para aumentar o número daqueles que serão salvos para o reino de Deus. Ela também (adoração com dízimos e ofertas) também pode nos manter com o senso de humildade, simplicidade de que nós não somos daqui, não devemos 'finçar' o nosso coração na Terra, isso nos leva a pensar na utilização dos recursos, pois se estamos vivendo com perspectiva da volta de Jesus e numa vida eterna, e o nosso foco é aplicar recursos só pra nós e se satisfazer com prazeres, estaremos com um problema grave. O compromisso voluntário de dízimar e ofertar impacta na forma de viver, de gastar, de investir... Tudo isso nos ajuda a estar mais comprometidos com a missão de salvar. Ensina a se importar com o semelhante.”

No aspecto missional, alguns autores sugerem que a fidelidade na adoração com dízimos e ofertas pode fortalecer no cristão o devido compromisso da pregação do evangelho.

No aspecto missional, alguns autores cristãos sugerem que a fidelidade na adoração com dízimos e ofertas pode fortalecer no cristão o devido compromisso com a pregação do evangelho.

Junqueira (2010) descreve como a falta de liberalidade, nos dízimos e nas ofertas, pode gerar prejuízos espirituais e missionários para o corpo de Cristo, pois a receita pecuniária para a manutenção e expansão da obra de Deus deve fluir da adoração financeira. Isso indica que a fidelidade do discípulo na mordomia cristã das finanças intensifica o seu compromisso com a grande comissão, que Cristo incumbiu à Sua igreja.

Quando não há liberalidade nas contribuições, a igreja fica sem recursos. Deixa de desempenhar sua obra evangelística, contentando-se com trabalhos rotineiros de atividades internas. Normalmente, essas igrejas são anêmicas e fracas. Para compensar a falta de liberalidade de seus membros, adotam métodos de arrecadação de dinheiro totalmente inadequado, tais como coletas dominicais, cofres de bênçãos, bazares, cantinas e outros similares, sob a camuflagem de objetivos considerados nobres. Esses expedientes acabam sendo adotados como substitutos dos dízimos e das ofertas. Tudo isso traz prejuízo espiritual para as igrejas. Como um abismo chama outro abismo, a situação vai se agravando cada vez mais, levando algumas ao estado de letargia total, pela falência de seu próprio testemunho. É uma pena que isso aconteça em algumas igrejas (JUNQUEIRA, 2010, p. 106).

White (2007) pontua que Deus supre as necessidades dos Seus filhos e requer que todos eles cooperem com a salvação de almas em todo mundo, também por meio da fidelidade na adoração com dízimos e ofertas.

Deus vos está constantemente concedendo as bênçãos desta vida; e se vos pede que repartais Seus dons ajudando os vários ramos desta obra, é do vosso próprio interesse temporal e espiritual fazê-lo, e assim reconhecer a Deus como doador de toda bênção. Como Obreiro Mestre, Deus coopera com o homem ao fornecer os meios necessários para a sua manutenção; e requer que com Ele coopere na salvação de almas. Colocou nas mãos de Seus servos os meios pelos quais levar avante Sua obra, tanto nas missões nacionais como nas estrangeiras. Mas se apenas a metade do povo cumprir o seu dever, não serão supridos ao tesouro os meios necessários, e muitas partes da obra de Deus terão de ficar incompletas (WHITE, 2007, p. 47).

Sobrinho (2010) afirma que o dízimo cristão une os salvos no desempenho da missão, dada por Deus, para alcançar toda a humanidade com a notícia do seu amor para construir a nova humanidade, em comunhão de santidade e amor.

A comunhão entre os salvos não é o fim, mas tem como propósito estender a graça de Deus e todos os povos da terra. Quando igreja põe a sua confraternização, o seu “fellowship”, acima do propósito redentivo de Deus, está desfigurando a natureza da verdadeira comunhão. Era o que estava acontecendo em Corinto. A igreja se reunia para se banquetear e os pobres eram humilhados pela soberba dos ricos (1 Co 11.22). Foi preciso que Paulo lhes lembrasse que a sua comunhão no partir do pão e no beber do cálice, longe de ser apenas ágape, tinha como propósito anunciar a morte do Senhor “até que ele venha” (v. 26). A comunhão dos salvos é a comunhão em Cristo. O dízimo cristão é um dízimo para Cristo, para cumprir a grande comissão dada por Jesus à igreja, para que homens e

2 - Potencializa o relacionamento com Deus, aumentando a confiança e a dependência. A fiel adoração com dízimos e ofertas é uma maneira do cristão se relacionar com Deus, e desta forma, ter sua fé na provisão divina intensificada.

Onze pessoas, 73% dentre as entrevistadas do Grupo 1 e Grupo 2, indicaram este benefício e 404 (98.8 %) das que responderam ao questionário confirmaram este benefício. Segue frases dos entrevistados que apontam para o referido benefício:

“Ajuda a desenvolver a minha intimidade com Deus. A visão de Deus como sócio. Faço minha parte, Ele faz a dele.”

“fidelidade, senso de reconhecimento da dependência de Deus.”

“Ajuda na confiança e dependência de Deus.”

“Confiança em Deus que ajuda tornar-se fiel.”

“Dependência de Deus, confiança em Deus e obediência a Deus.”

“Me ajuda muito. Tenho a certeza absoluta de que Deus está provendo tudo em minha vida (ao entregar dízimos e ofertas). Vejo isso por coisas que acontece na minha vida. Tenho fé em Deus e entregando o dízimo e as ofertas me sinto mais fortalecida ainda. Aumenta minha confiança que Deus está do meu lado.”

“Melhora a comunhão, nos faz ter mais convicção do que Deus quer de você, se sentir útil por colaborar com a pregação do evangelho. Sensação que não está só, Deus está com você. Quando entrego dízimo e oferta, entendo que Deus está em mim. O ser humano comum não tem isso. Bênçãos no ministério, poder atuar como líder de jovens da minha igreja.”

“Reconhecer cada mês que Deus é meu criador e Ele que me deu a benção. Poder ofertar e dizimar, em si, já é a maior evidência que sou abençoada, porque se tenho um montante de onde tirar uma parte é porque Deus na frente já me deu essa benção. É Maravilhoso se sentir amada e amparada por Deus!”

“Dependência em tudo de Deus, e entendo como uma forma de se relacionar. Quando se tem um vínculo de fidelidade... Sempre faço a analogia como o casamento, quando se tem um vínculo de fidelidade com a pessoa, você se relaciona com ela em todos os aspectos da vida humana. Quando a gente se relaciona com Deus através da fidelidade dos recursos financeiros, você demonstra que você é de Deus, que Deus é o seu Deus, que você tem uma ligação fundamental pra nossa vida. E nesse contexto agente não deixa de ter Deus como nosso Deus, criados por Ele... Ele nos instituiu, nos orientou a dizimar. Isto não é só um ato monetário, entrega de recursos financeiros, mas uma forma de manter uma relação com Deus.”

“Pensei em três coisas: obediência, dependência e confiança. Vejo como oportunidade de a gente está exercitando estas três coisas, até porque Deus não precisa do nosso recurso material, mas Ele quer minha obediência, minha dependência e a minha confiança. Acho que isso nos mantém em ação.”

“Sinto que fico mais perto de Deus.”

No tocante a espiritualidade, alguns autores sugerem que a fidelidade na adoração com dízimos e ofertas pode potencializar o relacionamento do cristão com Deus.

Navac (2000), ao descrever a respeito da fiel mordomia cristã das finanças como parte vital da experiência cristã, afirma que tal experiência gera uma dependência profunda do Senhor.

Essa dependência de Deus certamente quebra todo o condicionamento do desvio da própria fé. Se

podéssemos usar um linguajar popular diríamos: Essa posição jamais permitirá que o trem que conduz a nossa abundância seja descarrilhado dos seus trilhos. Ele segue em frente sem quaisquer acidentes ou contratempos. Ele não tem a raiz que o condiciona a perder a própria fé. O crente sábio sabe onde deve aplicar o seu dinheiro. Sempre é melhor o pouco que se tem com Deus e sua benção do que o muito sem Deus e sem a sua gloriosa presença. (NAVAC, 2000, p. 26)

Mclver (2016) desenvolveu uma pesquisa que gerou o livro *Práticas do dízimo entre adventistas do sétimo dia: um estudo sobre demografia e motivos dos dízimos na Austrália, Brasil, Inglaterra, Quênia e Estados Unidos*. Ele cruzou hábitos espirituais com hábitos de mordomia cristã das finanças, e detectou hábitos das pessoas que são fiéis na devolução do dízimo:

- 1- Vão a presença de Deus todos os dias
- 2- Tem um momento regular de oração todos os dias
- 3- Estudam regularmente a Lição da Escola Sabatina
- 4- São presentes na Escola Sabatina
- 5- Guardam o sábado de pôr-do-sol a pôr-do-sol

Mclver concluiu que adorar com dízimos é parte do pacote de comunhão com Deus.

Gasques (2017) afirma que a experiência espiritual do dízimo traz ânimo, conforto, contentamento e motivação para a comunhão com Deus.

Falar dessa espiritualidade é pensar em qual espírito o dízimo está assentado, em que ele se projeta e por quais caminhos tem andado. Essa espiritualidade dá a sensação de contentamento ao dizimista fiel; sintetiza uma forma de experiência... o dízimo transmite surpreendente alegria ao contribuinte. Aqueles que se devotam a essa causa se sentem mais animados, confortados e motivados para viver a comunhão. O dízimo certamente não é uma questão de dinheiro, contrariando o que muitos podem pensar. Ele só tem sentido quando nasce de uma proposta para se fazer a experiência de Deus na vida cristã. Somos chamados e convocados a esse desafio (GASQUES, 2017, p.117).

3 – Aperfeiçoa o caráter e a integridade para com o próximo. A fiel adoração com dízimos e ofertas aprimora o caráter do cristão e o impeli a agir com retidão nos relacionamentos interpessoais.

Nove pessoas, 60% dentre as entrevistadas do Grupo 1 e Grupo 2, indicaram este benefício e 389 (96,5%) das que responderam ao questionário confirmaram este benefício. Segue frases dos entrevistados que apontam para o referido benefício:

“Melhora o caráter, a honestidade, a ética, a sensibilidade com o próximo.”

“Diante da crise manter a fidelidade me mostra que estou no caminho certo para desenvolver o caráter de Cristo. Como seres humanos, é mais fácil errar do que acertar. Em meio à crise, quando tomamos uma posição de ser fiel, mostra que estou no caminho certo, para que eu tenha o caráter igual ao de Cristo. São nos pequenos detalhes que se mostra a fidelidade a Deus.”

“Para mim o maior benefício da adoração a Deus através dos dízimos e ofertas vem por meio do desenvolvimento do nosso caráter. Quando devolvemos os dízimos e ofertas o egoísmo, ligado aos recursos financeiros, vai sendo arrancado de nossa vida e isso nos ajuda a crescer espiritualmente e termos o caráter transformado a semelhança de Cristo.”

“Dízimo e oferta vão fortalecendo nosso caráter no que diz respeito a honestidade, porque ninguém tem como controlar. É um exercício de honestidade.”

“Se formos fiéis a Deus, teremos temor a Ele, pois Ele sabe de todas as coisas.”

“Se sou honesto com Deus preciso ser com meu próximo. Tudo que eu faço está sob os olhos de Deus.”

“Nos ensina a ser fiéis, verdadeiros nas palavras. Quem é fiel nos dízimos e ofertas, é fiel em outras coisas.”

“Promove socialmente o desenvolvimento da empatia, pois a doação perpassa pelo reconhecimento de responsabilidade pelo bem-estar do outro, pela salvação do outro (Amor ao próximo), tendo como gatilho o amor.”

“Ajuda a nos fazer o que é certo, pois estamos praticando o que Deus manda, e na vida a gente faz o possível para fazer as coisas corretas. Vive na honestidade, é honesto com Deus, tem que ser honesto com todos.”

No aspecto do desenvolvimento do caráter, alguns autores sugerem que a fidelidade na adoração com dízimos e ofertas pode aperfeiçoar o caráter do cristão.

Kantonen (1965) explica a mordomia cristã como sendo uma experiência de total devoção a Cristo, que leva à prática da religião cristã que se expressa no caráter e na conduta dos autênticos servos de Deus. Isto envolve o propósito de glorificar a Deus, através da salvação de almas.

A mordomia cristã é a prática da religião cristã. Não é nem um departamento da vida nem uma esfera de atividade. É o conceito cristão sobre a vida, como um todo, manifestado em atitudes e ações. A teologia que sublinha essa posição é sumariada noutra declaração concisa: “o motivo de todo serviço cristão é o amor e a gratidão; o propósito é glorificar a Deus através da salvação de almas; o guia é a vontade revelada de Deus; a medida é a habilidade, no espírito de sacrifício exemplificado por Cristo; a eficiência é o poder da graça de Deus, que opera através de agentes humanos obedientes; a recompensa é uma sã consciência e o antecipado “bem feito” proferido pelo Senhor. A vida de um mordomo cristão é nada menos do que a total devoção a Cristo, que é conhecido como uma presença pessoal, viva e real, nos corações dos crentes, uma lealdade genuína que se expressa não em mera opinião e sentimento, mas igualmente no caráter e na conduta (KANTONEN, 1965, p. 17).

White (2007) sugere que a maneira como o cristão administra as finanças e os bens materiais, incluindo a fidelidade nos dízimos e ofertas, impacta positiva ou negativamente no desenvolvimento do seu caráter e na sua integridade para com o próximo, no sentido da responsabilidade cristã de aliviar as necessidades da humanidade sofredora, à medida que faz avançar causa do evangelho.

Não devem os seguidores de Cristo desprezar a riqueza; devem considerá-la como talento confiado pelo Senhor. Pelo uso sábio de Seus dons, podem eles ser eternamente beneficiados, mas devemos sempre ter em mente o fato de que Deus não nos deu riquezas para usá-las justamente como imaginamos, para satisfazer o impulso, para as conferirmos ou retermos de acordo com a nossa vontade. Não devemos usar as riquezas de maneira egoísta, empregando-as simplesmente para nossa satisfação. Tal atitude não seria correta nem para com Deus nem para com nossos semelhantes, trazendo, por fim, perplexidade e dificuldades...Estão revelando se será ou não seguro confiar-lhes riquezas eternas... Tantos os pobres como os ricos estão decidindo o seu próprio destino eterno e provando se são súditos aptos para a herança dos santos na luz. Os que fazem de sua riqueza uso egoísta neste mundo revelam atributos de caráter que mostram o que fariam se tivesse maiores vantagens e possuíssem os tesouros imperecíveis do reino de Deus. Os princípios egoístas exercidos na Terra não são os princípios que prevalecerão no Céu. Todos os homens estão em pé de igualdade no Céu...Deus tem dado instruções quanto a maneira em que devem usar Seus bens aliviando as necessidades da humanidade sofredora, fazendo avançar Sua causa, edificando Seu reino neste mundo, enviando missionários para regiões distantes, disseminando o conhecimento de Cristo em todas as partes do mundo. Se os meios confiados por Deus não são assim aplicados, não julgará certamente Deus por essas coisas? (WHITE, 2007, p. 133).

A referida autora também assegura que os que contribuem por meio da adoração, com dízimos e ofertas, não receberam a graça de Deus em vão. Pontua, também, que um exemplo vivo de um caráter generoso, que está de acordo com o exemplo de Cristo, exerce grande poder sobre os homens. Os que não vivem para o eu, não usarão os recursos para atender às suas supostas necessidades, e suprir seus confortos

materiais, mas terão em mente que são seguidores de Cristo, e que precisam ajudar a outros (WHITE, 2007, p. 133).

Cabral (2003), abordando o tema da mordomia cristã do dinheiro, afirma que a igreja de Cristo tem sofrido na Terra por causa daqueles cristãos que se entregam à ganância e avareza. O referido autor pontua a integridade como uma qualidade importante para vida cristã, especialmente no contexto da vida financeira.

Um outro exemplo de “integridade moral e espiritual” é o patriarca Jó, que não se rendeu ao sofrimento que estava passando, mesmo quando sua mulher o desafiou a mudar de atitude para com Deus, dizendo: “ainda reténs a tua sinceridade? Amaldiçoa a Deus e morre” (Jó 2.9). Jó não se rendeu as circunstâncias negativas do momento, mas manteve-se fiel a Deus. Nos dias atuais a palavra “integridade” aparece com uma roupagem que desvia o seu sentido original. São as roupagens da duplicidade e da hipocrisia, duas atitudes que permeiam a vida de muitos cristãos hoje. Uma pessoa íntegra não é dividida, isto é, não age com duplicidade de atitude. Não finge; não faz de conta; não age com duas caras. Uma pessoa íntegra nada tem a esconder nem a temer, porque sua vida é “livro aberto”. Em Mateus 6.19-24, Jesus ensinou que a integridade envolve três elementos da vida de uma pessoa, isto é, seu coração, sua mente e sua vontade. Esses elementos íntimos de cada pessoa revelam o seu nível de integridade. Mostram a inteireza ou não do seu coração. Um coração íntegro revela o amor que a pessoa tem para com Deus. Ela não ama a Deus e ao mesmo tempo a Mamom, símbolo da riqueza material (CABRAL, 2003, p. 129).

Sobrinho (2010) aponta para o impacto da adoração com dízimo e ofertas na integridade do caráter do cristão, levando-o a servir aos necessitados.

Dízimo é integridade. Belo exemplo de integridade do caráter cristão vemos nos cristãos macedônios. A respeito deles, diz Paulo: “*Primeiramente a si mesmos se deram ao Senhor; e a nós pela vontade do Senhor*”. Paulo está escrevendo aos coríntios a fim de encorajá-los a levantar uma generosa oferta para ajudar os crentes da Palestina, além do socorro do amor fraternal que representava, servia também a outros nobres objetivos... Aquela oferta servia, também, para aumentar a união entre Paulo e os Coríntios (2 Co 15.30) e para consolidar a universalidade do evangelho da graça (SOBRINHO, 2010, p. 81)

4 – Impacta positivamente na administração das finanças pessoais e familiares. A fiel adoração com dízimos e ofertas pode gerar sabedoria espiritual para o cristão planejar e gerir as finanças com êxito. Segue frases dos entrevistados que apontam para o referido benefício:

Cinco pessoas, 33% dentre as entrevistadas do Grupo 1 e Grupo 2 indicaram este benefício e 386 (96%) das que responderam ao questionário confirmaram este benefício.

“É uma forma de promover a organização financeira. Quando a gente recebe uma renda e começa a separar para o que a gente precisa, a gente está se organizando pra não faltar pra nenhum lugar. Então, a prática de ofertar também ajuda nesta questão de exercitar o orçamento”

“Orientações do Espírito Santo ao gastar o meu salário: quando o recebo sei, exatamente, o que fazer: pago tudo e ainda sobra!”

“Com os homens temos compromisso de pagar coisas, cumprir prazos, não falhar. Para com Deus eu procuro o mesmo nível de seriedade porque Deus não menos do que homens para gente. E não tenho me cobrando, um boleto chegando (para pagar oferta) ...Procurro me organizar pra ofertar, porque sei quem é Deus em minha vida. Por isso me organizo para adorar com dízimos e ofertas.”

“Organiza minha vida financeira”

“O compromisso voluntário de dizimar e ofertar impacta na forma de viver, de gastar, de investir...”

No aspecto da administração das finanças do cristão, alguns autores sugerem que a fidelidade na adoração com dízimos e ofertas pode influenciar positivamente na gestão das finanças pessoais e familiares.

Silva (2017) descreve a sequência dos deveres da mordomia das finanças da família como um ciclo, de três círculos, que são: Cuidar da obra do evangelho (círculo 1), cuidar da família (círculo 2) e cuidar dos pobres e necessitados (círculo 3). Cada um dos círculos é uma parte relevante da mordomia cristã das finanças. Em cada círculo do ciclo da mordomia financeira, Deus, os indivíduos na família e sociedade se integram e harmonizam. Estes deveres, da mordomia cristã das finanças, despertam economia, cuidado, equilíbrio e zelo na atualização do dinheiro:

O fato de dizimar e ofertar proporciona consciência sagrada do dinheiro como concessão divina. Se desperta o cuidado e zelo na sua utilização...A economia torna-se virtude, o uso equilibrado e bem-sucedido do dinheiro e da vida um alvo a ser alcançado diariamente. A fidelidade da família a Deus a abençoa, e a lealdade da família aos seus deveres, como mordomos uns dos outros, glorifica a Deus e abençoa outros e a obra de Cristo. Assim, a fidelidade na família nos dízimos e ofertas é uma bênção para a família, a igreja e o mundo, pela pregação do evangelho (SILVA, 2017, p. 20).

O mesmo autor chega afirmar que a infidelidade na entrega de dízimos e ofertas, e na ajuda aos necessitados, influencia no endividamento.

Quando os mordomos são fiéis e não vacilam em seu dever, quando não se omitem, não roubam o dinheiro que deveria suprir os pobres e aliviar o sofredor, ou quando são fiéis em suas dádivas à igreja, a vontade de Deus é cumprida. Quando possuem orçamento e destinam uma parte para os pobres, sabem que ali está a resposta à oração de necessitados, como nos dízimos e ofertas estão resposta a almas que esperam pelo evangelho da salvação... muitas famílias são fracas espiritualmente porque tem, muitas folhas, e não dão fruto para a obra do Senhor, e nem para os pobres, no tempo certo, mas consomem toda sua energia para si mesmas...Por isso, algumas famílias estão sempre gastando e se endividando. Assim trazem dificuldades sobre si mesmas, são infiéis no dízimo e não ajudam os campos missionários com suas ofertas. Esquecem ou se omitem de ajudar os pobres, porque não são solidários, ou porque estão exauridos no desperdício do dinheiro que o Senhor depositou em suas mãos (SILVA, 2017, p. 22).

Sobrinho (2010) descreve a importância de os pais ensinarem os filhos a respeito da mordomia bíblica e do orçamento financeiro familiar. Tal ensino deve começar pelo exemplo de fidelidade a Deus e do uso sábio dos recursos que Ele os confia.

Como podem os pais ensinar sobre o dízimo aos seus filhos? Em primeiro lugar, é preciso que os pais deem o exemplo. Que chamem os filhos para participar da elaboração do orçamento familiar. Além de poderem dar boas ideias e de apreenderem a ficar dos limites do orçamento, sem exigências de qualquer gasto que extrapole o planejamento econômico da família, os filhos estarão aprendendo a construir a economia dos seus próprios lares no futuro. Os pais devem ensinar os seus filhos sobre mordomia bíblica, tomando por exemplos personagens bíblicos como Moisés, Davi, Neemias, Ester, Daniel, o menino que ofereceu seu lanche para ser multiplicado por Jesus e outras muitas histórias de pessoas que consagraram as Deus os seus bens e suas vidas (SOBRINHO, 2010, p. 79)

Tostes (2012), descrevendo sobre a devida relação entre as finanças familiares e o relacionamento com Deus, sugere que a pessoa/família que é fiel na adoração com dízimos e ofertas, e desprendida das coisas materiais, tende a ter uma vida estável e equilibrada financeiramente.

Os pais têm a solene responsabilidade de educar e ensinar os filhos, em todos os aspectos da vida, inclusive o financeiro. A forma mais eficaz de ensinar é através do exemplo...Se queremos que nossos filhos tenham uma vida financeira estável no futuro, temos que dar o exemplo. Se queremos que nossos filhos reconheçam a dependência de Deus e sejam submissos a Ele, temos que demonstrar-lhes que nós o somos. Mais do mostrar aos nossos filhos que somos dizimistas e ofertantes, devemos ensinar-lhes também, desde muito pequeninos. Quando uma pessoa é dizimista e ofertante, ela demonstra o desprendimento das coisas materiais. Uma pessoa desprendida dos bens materiais terá muito mais possibilidade de ter uma vida estável e equilibrada financeiramente do que uma pessoa materialista e ambiciosa (TOSTES, 2012, p. 57)

5 – A prometida provisão material de Deus. A fiel adoração com dízimos e ofertas resulta no cumprimento das promessas bíblicas de provisão que Deus faz para os Seus mordomos fiéis.

Nove pessoas, 60% dentre as entrevistadas do Grupo 1 e Grupo 2, indicaram este benefício e 401 (99,5%) das que responderam ao questionário confirmaram este benefício. Segue frases dos entrevistados que apontam para o referido benefício:

“A gente não devolve a Deus para ter coisas materiais, porque a gente recebe muito mais. Só o fato de estar vivi já é um símbolo da bênção de Deus. Ele pede pra provar. Deus nos mantém materialmente. É impossível está perto de Deus e não ser beneficiado por suas bênçãos.”

“Me dá a certeza de que Deus provê todas as coisas.”

“Muitos pensam que bênçãos na vida da pessoa é prosperar financeiramente. E pode ser, acredito que Deus concede pra algumas pessoas bênçãos materiais, mas pra algumas pessoas bens materiais podem ser “laços”. Acho que as bênçãos da saúde, família, filhos, longevidade, são bênçãos que Deus nos concede, se formos olhar de forma criteriosa, seremos gratos, e uma forma de expressar gratidão é através dos dízimos e ofertas.”

“Bênçãos materiais, pra mim: veículo, emprego, construir uma casa própria, terreno...”

“Sinto que esta casa que moro foi uma benção de Deus, o meu trabalho.

Não devemos entregar dízimos e ofertas esperando algo em troca. Recebo bênçãos especiais e ajudo aos necessitados.”

“O dinheiro é multiplicado; não falta”

No aspecto da provisão, alguns autores sugerem que a fidelidade na adoração com dízimos e ofertas traz o cumprimento das promessas específicas de Deus pertinentes a este princípio.

Lopes (2017) pontua que se os cristãos cuidarem das coisas de Deus, do Seu reino e da Sua justiça, como prioridade da vida, inclusive sendo fiéis na entrega dos dízimos e ofertas, terão suas necessidades supridas.

Quando cuidamos das coisas de Deus, ele cuida de nossas coisas. Jesus ordenou: Buscai, pois em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas (Mt 6:33). Quando somos fiéis a Deus, ele promete suprir nossas necessidades. O rei Davi dá o seu testemunho: Fui moço e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência mendigar o pão (Sl 37:25). O que Deus promete é multiplicar nossa sementeira, para continuarmos semeando generosamente: Ora, aquele que dá semente ao que semeia e pão para alimento também suprirá e aumentará a vossa sementeira e multiplicará os frutos da vossa justiça; enriquecendo-vos, em tudo, para toda generosidade, a qual faz que, por nosso intermédio, sejam tribuladas graças a Deus (2 Co 9:10,11). O que a Palavra de Deus nos ensina é sermos ricos para com Deus em vez de retermos tudo em nossas mãos com avareza (Lc 12:15-21). (LOPES, 2017, p. 62).

Stott (2018) explica que a contribuição cristã se assemelha a uma colheita (2 Coríntios 9:6-11). Quando o cristão entrega suas ofertas sistematicamente, como fruto de uma decisão ponderada, e dá com alegria e contentamento, pode esperar a provisão material de Deus.

Se contribuirmos nesse espírito, o que acontecerá? Que colheita podemos esperar? Há duas respostas a essa pergunta: (1) “Deus é poderoso para fazer que toda a graça seja acrescentada, de modo que: “em todas as coisas” (não necessariamente nas coisas materiais) você tenha tudo que necessita; (2) transborde “em toda boa obra”, porque suas oportunidades de continuar servindo aumentarão (v.8). Como diz o salmista, a consequência de contribuir para os pobres é ter uma justiça que dura para

sempre (v. 9; 112:9) ... Aquilo que colhemos tem duplo propósito. Serve para comer e para semear de novo. O Deus da colheita não se preocupa apenas em aliviar nossa fome atual, mas também em fazer provisão para o futuro. Por isso, ele supre “o pão que come” (consumo imediato) e “a semente ao que semeia” (plantar quando a próxima estação chegar). Da mesma forma, Deus “suprirá e multiplicará a semente e fará crescer os frutos da sua justiça” (v.10). (STOTT, 2018, p. 39)

White (2007), Abordando o assunto da provisão material de Deus como decorrência da fidelidade e obediência a Ele, especialmente no aspecto de dízimos e ofertas, aconselha:

Não devem os cristãos permitir serem perturbados por ansioso cuidado quanto às necessidades da vida. Se os homens amarem e obedecerem a Deus e fizerem a sua parte, Ele proverá tudo aquilo que necessitam. Embora vossa subsistência tenha que ser alcançada no suor do rosto, não deveis descrever de Deus, pois no grande plano de providência, suprir-vos-á, dia a dia, as necessidades...cumpri com o vosso dever e confiai em Deus, pois Ele sabe do que necessitais. (WHITE, 2007, p. 227).

White (2007), também afirma que:

Todos que assumirem a posição sincera e decidida de obedecer a Deus; que não tomarem os fundos de reserva do Senhor – Seu dinheiro – para liquidar os débitos; que derem ao Senhor a parte que ele reclama como Sua, receberão as bênçãos de Deus prometidas a todos que Lhe obedecem (WHITE, 2007, p. 93).

Barro (2001) descreve o significado e a relevância da fidelidade nos dízimos e nas ofertas para vida pessoal e familiar dos cristãos. Menciona sua própria experiência na adoração financeira, pontuando a sua certeza da provisão divina.

Creio que deu pra perceber que eu sou um fervoroso defensor do dízimo. Eu o sou porque eu experimentei e tenho experimentado a grande bênção que é ser fiel ao Senhor. Eu tenho provado as verdades de Malaquias 3.10 e Deus tem sido fiel em todas as minhas necessidades e mais ainda: ele tem provido a minha vida com coisas que eu nunca pensei que um dia viesse a ter. Todavia mesmo que eu nunca viesse a ter nada extra, isto jamais me levaria ou me levará a desistir do dízimo. Eu sou dizimista porque eu sou obediente a Deus e não porque eu quero receber mais e mais do Senhor (BARRO, 2001, p. 58)

Hinn (2005), chega a firmar que prosperidade é a abundante e permanente presença do Senhor na vida. A plenitude de bênçãos do Pai se manifestando no cotidiano. O Senhor derrama está prosperidade sobre seus filhos obedientes, e uma área de obediência extremamente importante é toda a área de dar (dízimos, ofertas e outros donativos). O referido autor também descreve a prosperidade concedida por Deus, na narrativa bíblica, envolvendo tanto experiências de riquezas, posição social e influência, como experiências de sofrimento e crises, pois, assegura Hinn, a prosperidade bíblica é muito mais do que dinheiro. A verdadeira prosperidade, baseada na Bíblia, não está centralizada em dinheiro. Em seu mais completo sentido, ela significa, na realidade, “nenhuma necessidade”, como promete a Bíblia. Nenhuma necessidade significa ter as suas necessidades supridas, em cada área de sua vida (HINN, 2005, p. 86).

Conclusão

Visando atender a escassez de conteúdo acadêmico e pastoral sobre dízimos e ofertas na perspectiva da adoração e de suas decorrentes bênçãos espirituais e físicas, a presente pesquisa buscou entender, de forma teórica e prática, os fundamentos e os benefícios da adoração com os dízimos e as ofertas na

contemporaneidade.

No aspecto bibliográfico, a presente pesquisa descreveu bíblicamente, e por meio da literatura cristã, o significado geral de adoração e o conectou ao tema específico da adoração com dízimos e ofertas. Foram apresentados princípios bíblicos, teológicos, históricos e diretrizes eclesiais (estas mais específicas a realidade da IASD, denominação cujo autor exerce o ministério pastoral). Nesse contexto, também, se construiu uma linha argumentativa a respeito da validade da adoração com dízimos e ofertas, na contemporaneidade, fundamentada na literatura cristã. Considerando que o princípio doutrinário da mordomia cristã envolve a adoração com dízimos e ofertas, o presente trabalho também descreveu o seu significado bíblico e a sua devida prática eclesiológica, que é fundamental na inspiração e instrução deste tema tão essencial para a vida cristã. Na revisão literária, se constatou que a devida adoração ao Senhor, com dízimos e ofertas, se sustenta em sólidas e consistentes bases bíblicas, teológicas, históricas e eclesiais.

Mediante a investigação direta, por meio de observação e entrevistas etnográficas, realizadas com cristãos que são regulares no ato de adorar a Deus com os dízimos e as ofertas, constatou-se que tal ato de adoração resulta em benefícios para vida cristã. Ao se analisar as respostas dos entrevistados e ao se observar a dinâmica cotidiana deles, pôde-se descobrir cinco características sobre os benefícios decorrentes da fidelidade na adoração com dízimos e ofertas em suas vidas, como pôde-se visualizar acima. Tais benefícios levantados na pesquisa etnográfica, foram ratificados com citações extraídas da literatura cristã, fortalecendo assim o relato da experiência dos entrevistados com teóricos do tema em estudo. Nessa correlação entre teoria e realidade, pôde-se constatar que a entrega de dízimos e ofertas, fielmente, como parte da adoração, resultou em benefícios reais para os cristãos que participaram desta pesquisa de campo, o que pode indicar, de alguma forma, a realidade de outros cristãos em todo mundo.

Em contrapartida, observou-se que a quantidade de membros que não pratica a adoração com dízimos e ofertas é bem significativa. Considerando este cenário local e mundial composto por cristãos que por algum motivo não praticam o referido princípio bíblico, extraiu-se da pesquisa cinco lições para a elaboração de um projeto que visa potencializar a adoração com dízimos e ofertas em igrejas cristãs.

(1) Integrar mordomia cristã e discipulado. Sugerimos que a liderança da igreja local, sob a coordenação do pastor, trabalhe no sentido de consolidar o discipulado cristão na igreja, fazendo a devida integração com a visão bíblica de mordomia cristã, que envolve: fidelidade na adoração; relacionamento autênticos; saúde física e mental; testemunho missionário e serviço;

(2) As frentes evangelísticas e discipuladoras da igreja devem instruir a respeito da mordomia cristã das finanças. A devida instrução da mordomia cristã das finanças deve acontecer desde as frentes evangelísticas e discipuladoras da igreja (Estudos Bíblicos, Classes Bíblicas, Séries de Evangelismo Público e Classe Pós-Batismo). Além disso, a liderança da igreja local, sob a coordenação do pastor, pode viabilizar orientação sobre planejamento e gestão de finanças pessoais e familiares para toda a congregação, na perspectiva cristã (discipulado financeiro), incluído adoração com dízimos e ofertas, bem como ajuda aos necessitados;

(3) Pregar mais sermões a respeito da mordomia cristã das finanças. Sugerimos um planejamento homilético pastoral e da igreja local que contemple a mordomia cristã das finanças, numa perspectiva cristocêntrica, apelando à fidelidade amorosa na adoração, com foco na Grande Comissão, que envolve necessariamente sustentabilidade pecuniária para a manutenção e expansão da igreja em todo o mundo.

(4) Necessidade de diagnóstico e plano de visitação com foco na fidelidade integral do discípulo. Sugerimos que a liderança da igreja local, sob a coordenação do pastor, estabeleça uma subcomissão que viabilize um diagnóstico da adoração financeira de cada membro da igreja e, a partir desta realidade, elabore um plano e um “time” (treinar outros líderes para a visitação) visando consolidar a fidelidade cristã integral de cada membro da congregação;

(5) O plano de ação de mordomia cristã deve ser coordenado pelo pastor. Sugerimos que o pastor, com apoio dos demais líderes da igreja, coordene eficaz e eficientemente o plano do Ministério de Mordomia Cristã anual da denominação. No contexto da IASD, o pastor deve estabelecer/consolidar uma equipe de ministério que auxilie o Pastor nas demandas do Ministério de Mordomia Cristã. O ideal é que a Equipe Distrital de Mordomia Cristã (EDMC) possa ir, sob a coordenação do pastor, em cada congregação do distrito para inspirar e instruir os membros a respeito dos princípios da mordomia cristã.

A partir destas lições levantadas na pesquisa sugerimos as seguintes ações que podem potencializar a adoração com Dízimos e Ofertas na Igreja local.

3 – AÇÕES QUE PODEM POTENCIALIZAR A ADORAÇÃO COM DÍZIMOS E OFERTAS NA IGREJA LOCAL.

Visando fortalecer a experiência da adoração com dízimos e ofertas como disciplina espiritual na vida de cada membro da igreja, pode-se sugerir as seguintes ações:

- Sermões inspiradores e convincentes sobre a mordomia cristã das finanças;
- Visitação pastoral com ênfase na fidelidade cristã.
- Comissão de Mordomia Cristã da igreja local e Diagnóstico Espiritual.
- Equipe Distrital de Mordomia Cristã (EDMC).
- Programas especiais do Ministério de Mordomia Cristã.
- Potencialização do momento do ofertório.
- Encontro com recém-batizados.
- Orientação sobre gestão das finanças pessoais e familiares.

3.1 SERMÕES INSPIRADORES E CONVICTENTES SOBRE A MORDOMIA CRISTÃ DAS FINANÇAS

“Pregue a Palavra, esteja preparado a tempo e for a de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina” (II Timóteo 4:2). O Pr. Juan Prestol, atual Tesoureiro da Associação Geral da IASD (2020), diz ter um sonho: “I have a dream. It is nothing extraordinary. I dream that each pastor will preach one

sermon –one, truly convincing sermon about tithe and offering, once a Year” (Dynamic Steward: October – December 2016, p. 15). Tradução: “Eu tenho um sonho. Não é nada extraordinário. Sonho que cada pastor irá pregar um sermão verdadeiramente convincente sobre dízimos e oferendas, uma vez por ano”.

Como obter êxito nos sermões de Mordomia Cristã? (adaptado do Pr. Bob Russel).

Tudo depende da sua abordagem

Durante anos me orgulhei diante da nossa igreja de que só pregava sobre a mordomia uma vez ao ano. Quando chegava aquele sermão, desculpava-me no começo: “Se você está nos visitando hoje, por favor, entenda que só pregamos sobre as contribuições uma vez ao ano”. Em resumo, estava dizendo: “Que pena que vocês vieram justo hoje - sei que esse é um tópico desastroso. Mas, por favor, mesmo assim voltem, e prometo que vocês não vão ouvir outro sermão sobre o dinheiro nas próximas 51 semanas!”.

É fácil entender por que andamos em volta do tema da mordomia na ponta dos pés. O dinheiro ainda é um deus para muitos membros da igreja, e muitos visitantes suspeitam da motivação da igreja. Alguns vigaristas espirituais tosquiam suas igrejas e espalharam uma má reputação dos pregadores, e não queremos ser identificados com eles.

Mesmo que a pregação sobre o dinheiro choque algumas pessoas, outras se chocam quando pregamos sobre o adultério ou perdão também. Mas não pedimos desculpas: “Se você está vivendo um caso extraconjugal, entenda, por favor, que raramente falamos sobre a pureza sexual. Volte na próxima semana e você vai se sentir mais confortável”. Não colocamos um pedido de desculpas no boletim: “Hoje o pregador vai falar sobre liberar a mágoa. Por favor, entenda que esse sermão é para membros somente. Se você está nos visitando hoje, não esperamos de você que libere perdão. Se no momento você está guardando um ressentimento, temos tampões de ouvido à disposição”.

A melhor hora para ensinar

A escolha do momento do sermão sobre adoração financeira influencia, dramaticamente, como ele é recebido. Se as pessoas estão reconsiderando suas prioridades de gastos, estão mais propensas a aceitar o ensino bíblico sobre o dinheiro. Mas, se estão sobrecarregadas com eventos, gastos com a escola, por exemplo, provavelmente também se ressentirão de que a igreja esteja pedindo mais dinheiro.

Em nossa realidade, janeiro acabou se mostrando como um mês muito melhor para considerar a mordomia. Durante janeiro, as pessoas fazem propósitos de ano novo, são perseguidas pelas contas do Natal e, assim, consideram a possibilidade de ser mais sábias na administração do seu dinheiro, e sentem pouca pressão de outras atividades da igreja e da comunidade.

Não queremos que as pessoas considerem os sermões como campanha de angariação de fundos. Queremos que elas vejam a sua atitude para com as posses como uma questão pessoal e espiritual, algo vital para o seu relacionamento com Deus. Para nós, o começo do ano é a melhor época para isso. As pessoas querem doar, quando parei de pedir pelas promessas de contribuições, isso sinalizou uma mudança em como prego sobre dinheiro. A maioria das pessoas não está motivada a dar do seu melhor para que possam fechar o orçamento da igreja. Em vez de dizer: “Precisamos que cada membro aumente as suas contribuições para que

possamos fechar o nosso orçamento”, agora digo: “Quando você contribui, o seu dinheiro é usado para levar o evangelho a povos não alcançados de países do Terceiro Mundo; é usado para comprar comida e roupa para os pobres no centro da cidade; vai fazer com que nossas crianças aprendam mais de Jesus no acampamento cristão”. Lembro as pessoas repetidamente de que elas estão dando para o ministério de Cristo não só para fechar um orçamento.

Os exemplos que uso são, com maior frequência, acerca de pobres que deram com sacrifícios, e não de ricos que deram enormes quantias. Até os abastados são motivados mais pelo sacrifício genuíno do que pelas ofertas grandes dos ausentes.

Há alguns anos, Jackie Nelson deu um testemunho comovente que tenho repetido muitas vezes. Jackie disse: “Sou mãe e crio sozinha meus três filhos adolescentes. Meu ex-marido não ajuda em nada. Malmente fecho as contas. Nós realmente queremos fazer a nossa parte nessa campanha de três anos para que esse prédio novo possa ser construído. Mas quando discutimos o assunto em família, percebemos que não poderíamos dar mais do que o dizimo. Assim decidimos que a nossa oferta seria orar todos os dias pelo sucesso desse programa. “Mas no meio da nossa conversa, o meu filho mais velho disse: 'Mãe, nós temos TV por assinatura. Nós não precisamos disso'. Assim, decidimos renunciar à nossa TV por assinatura por três anos para podermos fazer a nossa parte”.

A igreja concluiu: “Se ela pode fazer esse tipo de sacrifício para dar um pouco, nós que somos tão abençoados podemos fazer ainda mais”. Como os cinco pães e os dois peixes que Jesus usou para alimentar uma multidão, Deus tomou a pequena oferta de Jackie e a multiplicou muitas vezes.

A maioria das pessoas quer ser generosa. Assim, não hesito em usar isso como motivação para a mordomia sábia. Quando digo: “Quando você é um mordomo sábio, isso honra a Deus, alivia a tensão, dá a você autoconfiança, elimina a culpa reforça o seu testemunho e capacita você a dar mais generosamente”, as pessoas não se sentem ofendidas. Elas entendem que não estou falando acerca de angariação de fundos, mas de uma melhor mordomia da vida.

Quando ainda eles se queixam

Não importa quanto você se esforce para tentar tornar o tema da mordomia útil e palatável, algumas pessoas ainda se opõem. Muitas pessoas simplesmente amam demais o dinheiro, e quando você toca esse nervo sensível, provoca emoções fortes. Mas muitas vezes lembro um antigo provérbio: “Quando você joga pedra em um bando de cachorros, o que sai uivando geralmente é o que levou a pedrada”.

As críticas precisam ser avaliadas o mais objetivamente possível, mas elas não devem nos desencorajar a pregar a verdade. Ao contrário, a crítica com frequência ilustra a necessidade de pregarmos sobre a mordomia mais vezes.

Jesus falou muito sobre dinheiro, mas nem todos reagiram de forma favorável. Quando o jovem rico perguntou: “Mestre, que farei de bom para ter a vida eterna?”, Jesus não tentou desenvolver um relacionamento de longo prazo com ele antes de discutir o tema da generosidade. Ele disse de cara: “*Vá, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro nos céus. Depois, venha e siga-me*” (Mc 10.21). Isso não foi muito simpático para com uma pessoa em busca da vida eterna, e o jovem se virou e foi embora, porque tinha muitas posses. Mas, o problema estava na ganância do jovem, não na mensagem de Jesus.

Jesus deixou claro que há um elo próximo entre o bolso das pessoas e seu coração. Ele não disse: “Se o coração de uma pessoa está certo, ela vai dar”. Ele disse: “Quando você investe o seu dinheiro em algo, o seu coração vai seguir.” Quando motivamos as pessoas a contribuir, estamos ajudando-as a colocar o seu coração no lugar certo. Apesar das críticas, algumas das experiências mais gratificantes que tive no ministério ocorreram durante períodos em que ressaltamos a mordomia. Depois de fazer um compromisso sacrificial para uma grande campanha evangelística, vi um irmão secando as lágrimas dos olhos e dizendo: “Acabei de dar dinheiro que não tenho, para pessoas que nunca vi, por um Deus que amo demais”.

Prepare-se: estou pregando sobre dízimos e ofertas

Aqui estão dez maneiras de preparar o seu povo para o sermão sobre a adoração financeira:

- (1) Não peça desculpas. Somos embaixadores de Cristo, não negociantes.
- (2) É um tema Bíblico - Assegure-se de que pregar sobre fidelidade nas finanças é a vontade de Deus e que isso fortalecera o relacionamento das pessoas com Cristo. Deixe claro que sua intenção é salvífica e não monetária.
- (3) Inclua fidelidade em todos os temas - Inclua exemplos relativos à mordomia em sermões que não falam de mordomia. Uma linha ou duas em um sermão não relativo à mordomia lembra os membros que a vida sempre inclui a contribuição. A mordomia é uma parte tão vital da vida que deveria ser incluída naturalmente de forma regular.
- (4) Ressalte que o dinheiro da igreja é administrado com integridade. *“Queremos evitar que alguém nos critique quanto ao nosso modo de administrar essa generosa oferta, pois estamos tendo o cuidado de fazer o que é correto, não apenas aos olhos do Senhor, mas também aos olhos dos homens”* (2Co 8.20,21). Durante cada campanha de mordomia, explico como as doações são administradas. As pessoas se sentem motivadas a dar quando têm certeza que estão dando diretamente para necessidades legítimas.
- (5) Dê títulos aos sermões que mostrem que o seu conteúdo ultrapassará o tema das contribuições. Títulos de mensagens que tem uma ênfase em ajudar as pessoas a compreender o dinheiro, em vez de em dar mais dinheiro, tiram o pavor das mensagens sobre dinheiro. Uma série sobre “Questões relativas ao dinheiro” poderia incluir: “Como você pode extrair o máximo do que você tem?”; “Onde está o limite?”; “Você pode ganhar mais do que o seu vizinho e ainda assim ser cristão?”; “Quando nove é mais do que 10?”.
- (6) Tenha um calendário homilético equilibrado e diversificado – Não permita que todas as vezes que se pregue sobre mordomia na igreja o assunto seja dízimos. A mordomia é ampla e deve apresentar temas sobre fidelidade no uso do tempo, dons, influência, corpo etc.
- (7) Destaque à fidelidade não a infidelidade – Veja alguns exemplos: Em I REIS 19:13-18, o Profeta estava com a visão apenas na infidelidade do povo de Deus e isso o deixava desanimado. Deus o levou a enxergar Seu povo sob a ótica da fidelidade, e lhe apresentou o número de fiéis. SALMO 101:6 diz: *“Os meus olhos estão sobre os fiéis da terra, para que se assentem comigo; o que anda num caminho reto, esse Me servirá.”* Em II Coríntios 8:1-5 Paulo quer incentivar a Igreja de Corinto a ser generosa. Ele poderia ter usado diversos argumentos para incentivá-los à fidelidade, mas neste texto ele usa o exemplo de fidelidade dos Irmãos da Macedônia. Pois a fidelidade gera fidelidade.
- (8) Espere críticas – Certo dia um homem perguntou a George White porque ele pregava tanto sobre a necessidade de nascer de novo. O pregador olhando bem para ele respondeu: por que você precisa nascer de novo! A crítica sobre mensagens de fidelidade denota a necessidade de pregar sobre esse assunto.
- (9) Espere conversões e transformações – Em várias ocasiões eu percebi que esse tema era o único que faltava para alguém tomar sua decisão por Cristo. Em outros momentos eu percebi que membros que já haviam feito uma reconciliação espiritual com Deus necessitavam desses temas para fazer uma reconciliação financeira com Deus.

- (10) Apresente uma causa não apenas necessidades – As pessoas estão dispostas a envolver-se com a causa de Deus e não com pedidos para angariar fundos para necessidades momentâneas. Por isso, apresente a grandeza da causa da salvação das pessoas.

Exemplos de sermões de mordomia cristã

A VERDADEIRA PROSPERIDADE

Introdução

Na atualidade, há casos de cristãos que só reconhecem as bênçãos Divinas quando prosperam nos bens, no dinheiro e na saúde. Contudo, a Bíblia aponta para uma prosperidade que não se limita a coisas materiais e físicas. A verdadeira prosperidade, conforme a Palavra de Deus, pode ser bem exemplificada, por meio da experiência de José, um fiel mordomo de Deus que prosperou. A Bíblia informa que José foi um homem próspero, alguém que obteve notável e surpreendente sucesso (Gn. 39:2, 23 e 52). Hoje, em uma sociedade onde o materialismo é valorizado por muitos, a história de alguém que saiu de um poço miserável para se tornar o governador de uma nação poderosa é um exemplo fantástico de prosperidade. Contudo, a prosperidade de José não era a prioridade da sua vida, mas, sim, o fruto da permanência do Senhor em seu viver. José, o mordomo fiel, foi agraciado com a verdadeira prosperidade, a prosperidade que vem de Deus. No relato bíblico a respeito da sua vida, pode-se encontrar princípios da verdadeira prosperidade.

1 - A verdadeira prosperidade é concedida por Deus, conforme a Sua soberana vontade (Gn 39: 2, 23; 41:52).

Cinco termos hebraicos que descrevem a prosperidade no Antigo Testamento, o que se aplica a José é Tsālēach: a prosperidade como fruto de uma vida bem-sucedida. No Antigo Testamento a palavra hebraica mais comum para descrever a prosperidade é tsālēach, isto é, "ter sucesso", "dar bom resultado", "experimentar abundância" e "fecundidade". Esse termo é usado em relação ao sucesso que Deus deu a José (Gn 39.2,3,23; 41:52). José se tornou próspero porque “O Senhor era com José”, esta é a principal chave da prosperidade deste fiel servo de Deus. A prosperidade verdadeira consiste em ter Deus conosco, abençoando-nos, conforme a sua vontade.

A verdadeira prosperidade, envolve muitas bênçãos essenciais, que Deus nos concede com Suas misericordiosas mãos e que não podem ser compradas em lugar algum, como: Salvação (João 3:16); Perdão e purificação moral (1 João 1.9); O privilégio de ter comunhão com Deus (João 15:4-7); A presença do Espírito Santo na vida (1 Coríntios 6:19); A misericórdia e a fidelidade de Deus (Salmo 117:2); Necessidades materiais supridas (Provérbios 3:8 e 9); Sabedoria e conhecimento (Provérbios 24:3 e 4); Uma herança eterna (Salmo 37:18); Proteção (2 Crônicas 16:9); Resposta a oração (Salmo 20:6); Preservação (Salmo 145:20); A vitória (1 Coríntios 15:57); Força (Salmo 18:2); O muito da eternidade (Mateus 25:21). Portanto, na Bíblia, prosperidade material e cura não são as únicas formas de Deusabençoar as pessoas. Ele podeabençoar Seus filhos “infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós” (Efésios 3:20). A Bíblia também indica que, mesmo envolvidos por aflições, os cristãos precisam se manter animados no Cristo vitorioso (João 16:13). A prosperidade a luz da Bíblia Sagrada, não é como a

riqueza do mundo, mas como a verdadeira prosperidade do Reino de Deus.

A parte do ser humano é desenvolver fidelidade total a este Deus criador, mantenedor, redentor e amoroso, o Deus que abençoa diariamente a partir do ar que se respira. José foi próspero, mas sua prioridade e foco não estavam na prosperidade, mas sim na fidelidade a Deus, ele queria praticar a vontade do seu Senhor, independente da circunstância.

2- A verdadeira prosperidade envolve atitude do ser humano (Gn. 41:33-36; 47-57).

No atual contexto histórico e cultural, praticamente tudo custa dinheiro. A realidade apresentada pelo profeta bíblico Jeremias parece ser a nossa atualmente: “A nossa água por dinheiro bebemos, por preço vem a nossa lenha” (Lm 5:4). Nesse contexto se torna fundamental desenvolver sabedoria financeira, pois na atualidade questões relacionadas a finanças podem impactar, positiva ou negativamente, aspectos importantíssimos da vida, como relacionamento familiar, saúde, amizade, trabalho e, sobretudo, o espiritual. Billy Graham afirmou que: “Se a pessoa mantém uma atitude correta diante do dinheiro, isso contribuirá para colocar em ordem praticamente todas as demais áreas de sua vida”. A habilidade de José em relação a gestão financeira é uma inspiração para lidarmos sabiamente com os recursos hoje. Ele desenvolveu três princípios fundamentais de prosperidade financeira, conforme a vontade de Deus, que são:

José buscou sabedoria financeira em Deus (41:33,38). A sabedoria financeira que José desenvolveu, foi Deus que concedeu para ele. Faraó reconheceu: “Acharíamos, porventura, homem como este, em que há o Espírito de Deus? Depois, disse Faraó a José: Visto que Deus te faz saber tudo isto, ninguém há tão ajuizado como tu”. Deus está disposto a conceder sabedoria para aqueles que o pedem com fé (Tg. 1: 5 e 6). Biblicamente, sabedoria é uma qualidade concedida, por Deus, para saber julgar ou discernir corretamente. A sabedoria envolve prudência, moderação, temperança, sensatez, reflexão e conhecimento justo das coisas. Esta virtude Divina se torna fundamental na administração dos recursos que Deus confia nas mãos de suas criaturas. A Palavra de Deus diz: “Com a sabedoria se edifica a casa, e com a inteligência ela se firma; pelo conhecimento se encherão as câmaras de toda sorte de bens, preciosos e deleitáveis” (Pv. 23:3 e 4). Assim como Deus capacitou José para lidar, sabia e prosperamente, com as finanças, Ele também pode e deseja te capacitar. Basta buscá-lo, sinceramente, em oração e estar disposto a ser um instrumento em Suas mãos.

José prosperou porque trabalhou com eficácia (Gn. 41: 46-49). O sucesso financeiro de José e do Egito, sob seu governo, não veio por acaso. José realizou a parte humana no processo da prosperidade financeira que obteve. Ele sempre trabalhou com eficácia por onde passou: na casa de Potifar como escravo e mordomo, no serviço na prisão e também com Faraó. “A assinalada prosperidade, que acompanhava todas as coisas postas aos cuidados de José, não era resultado de um milagre direto; mas sim sua operosidade, zelo e energia eram coroados pela benção divina” (WHITE, 2007, p. 126). A Bíblia condena a preguiça, a ausência de trabalho (1Ts 4:11; Ef.4,28; 1Tm 5:13). O próprio Jesus trabalhou como carpinteiro. Paulo era orgulhoso de dizer que se sustentava trabalhando com as suas mãos, até mesmo para servir como exemplo (At. 18:3). O Salmo 128 nos dois primeiros versículos afirma: “Bem-aventurado aquele que teme ao Senhor e anda nos Seus caminhos! Do trabalho de tuas mãos comerás, feliz serás e tudo te irá bem”.

José prosperou porque fez provisão e poupou (Gn. 41:34-36). A Bíblia mostra que José usou o princípio do poupar para resolver o problema do Egito durante a época das "vacas magras" que eles iriam

viver. Poucos dão valor à poupança, mas ela é muito importante. O ideal, é poupar o máximo que puder. Não importa se é R\$ 100 ou R\$ 200 por mês, mas guardar. O que se poupa hoje poderá suprir as necessidades de amanhã. José definiu que o Egito poupasse 20% de tudo o que colhia. Especialistas orientam poupar pelo menos 20% por mês. Se conseguir poupar 20% do que ganha mensalmente, em cinco meses consegue-se o equivalente a um mês de salário. Isso fará muita diferença quando os tempos de crise vierem. Para os que desejam sucesso na administração das finanças, o ideal é possuir um orçamento. As vantagens são: organização, controle (planejamento), prevenção (reserva), previne dívidas, ajuda a visualizar as prioridades e necessidades reais. Hoje, mais do que nunca, precisamos obter conhecimentos técnicos, ainda que básicos, sobre gestão das finanças pessoais e familiares.

3 - A verdadeira prosperidade deve ser para servir melhor a Deus e ao próximo.

José alcançou o mais alto nível de liderança e poder do seu contexto, ficando abaixo apenas do Rei do Egito, Faraó. Isto, certamente, o colocou em um padrão social e financeiro muito favorável, contudo, José não se perdeu no egoísmo e nem na avareza; pelo contrário, José usou sua influência e recursos para poder glorificar a Deus e servir ao próximo. O Senhor hoje também chama pessoas para servi-lo em três níveis, como José serviu:

José prosperou e serviu a Deus. Embora os textos bíblicos relacionados à vida de José não o mencionem como um colaborador financeiro direto de uma igreja estabelecida, podemos deduzir que a sua contribuição por meio de influência e recursos, apoiou o povo de Deus, a “Igreja” naquele contexto. Mesmo não existindo nenhuma informação bíblica sobre adoração financeira na vida de José, a Bíblia mostra que o princípio de adoração com Dízimos era praticado pelo pai de José, Jacó (Gn. 28:20). Provavelmente, era um assunto familiar. O dízimo é mencionado nessa história num contexto de adoração. Jacó confrontou-se com a presença gloriosa de Deus e O adorou. Isso é o que a adoração é – uma resposta reverente à presença de Deus. O local em que ele teve o sonho tornou-se um lugar de adoração, a casa do Senhor. Entregar dízimos e ofertas é parte integrante da adoração. Deus deseja ser Senhor de todas as áreas da vida do ser humano, inclusive do aspecto financeiro. Na atualidade, o Senhor também requer dos Seus filhos fidelidade na adoração com dízimos e ofertas.

José prosperou e serviu a sua família. Os capítulos 46 e 47 de Gênesis descrevem como José pode servir a sua família em um período tão difícil, quando ela precisava realmente de sua ajuda. O apóstolo Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, apresenta o princípio de sustentar parentes, especialmente viúvas: “Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente” (1 Timóteo 5:8). Aqui a preciosa palavra de Deus traz orientação ao cuidado que se deve ter com os que são “nossos”, ou seja, com a própria família, aqueles a quem Deus confiou as Suas criaturas para zelar e amar. A palavra está dizendo que o que conheceu a verdade de Deus, mas não tem demonstrado cuidado para com a sua família não é comparado ao incrédulo, mas é pior do que ele. Pior do que não conhecer a verdade, é conhecê-la e não a praticar (II Pedro 2:21). Quando a Bíblia nos fala do cuidado para com a própria família, ela está, na verdade, falando primeiramente do cuidado com a manutenção e o sustento das coisas básicas como roupas e alimentos, o que se chama de cuidado material. Às vezes, no contexto familiar, surgem necessidades materiais reais de pais, irmãos ou outros parentes. José pode ser um instrumento de benção nas mãos de Deus para ajudar sua família, num momento tão delicado. Todavia, o cuidado que se deve ter com os

familiares não se resume apenas em apoio material, pois a necessidade de cuidado emocional e espiritual também pode ser real.

José prosperou e serviu aos necessitados. Gênesis 41: 54 – 57; 47: 24 – 25, estes textos informam como Deus usou José para servir aos necessitados em todo mundo, naquele período crítico de fome. Provavelmente, José esteve repleto do amor e da bondade de Deus e buscou atender cada caso da melhor maneira possível. Na atualidade, os discípulos de Cristo também possuem a responsabilidade de usar o dinheiro para ajudar os necessitados. Generosidade faz parte do caráter do cristão verdadeiro. Os servos de Deus devem trabalhar para ter condições para ajudar outros (Efésios 4:28), como José ajudou. Os que são abençoados com coisas materiais devem usá-las para boas obras de caridade (1 Timóteo 6:17-18). Cada cristão tem a responsabilidade de ajudar as viúvas e os órfãos (Tiago 1:27). Entre as coisas que Jesus vai examinar no julgamento é a benevolência para com outros (Mateus 25:35-46). Cada um responderá pelas coisas feitas nessa vida. Pode-se aprender como mostrar esse cuidado para os outros (Salmo 112:5-6; Mateus 19:21; 1 João 3:17). O segundo grande mandamento é amar ao próximo (Mateus 22:39). Sendo assim, o mordomo cristão deve ter uma reserva financeira específica para ajudar os necessitados que estão ao seu redor, levando o pão material e o Pão da Vida, Jesus Cristo.

A generosidade é uma chave para a verdadeira prosperidade. Uma das chaves para a verdadeira prosperidade é a generosidade, porque ela determina a capacidade do sistema de distribuição que retribui seu investimento no Reino de Deus. Ele será generoso, e as bênçãos que Ele lhes dará serão tantas, que vocês não poderão segurá-las nas suas mãos... Toda prosperidade começa com o dar, o que significa que todos no mundo têm o potencial de serem prósperos... Se a prosperidade começasse com receber em vez de dar, então todos nós seríamos incapazes de produzir riquezas até alguém decidir contribuir para o nosso bem-estar. Em outras palavras, nessa situação, seria lógico culpar as ações de outros por sua condição de pobre. Mas, porque você inicia toda a prosperidade em sua vida com o dar, você determina quando ativará seu dom divino para, assim, receber o poder celestial de Deus para produzir prosperidade, como indica Ellen G. White: “Quereis tornar segura vossa propriedade? Ponde-a na mão que traz a marca dos cravos da crucificação. Retende tudo que possuis e isso será para vossa perda eterna. Dai-o a Deus, e desse momento em diante trará Sua inscrição. Está selada com Sua imutabilidade. Quereis desfrutar vossos bens? Então os usai para fazer a felicidade dos que sofrem. Quereis aumentar vossas posses? 'Honra ao Senhor com a tua fazenda, e com as primícias de toda a tua renda e se encherão os teus celeiros abundantemente, e transbordarão de mosto os teus lagares'.... Daí o que puderes agora, e ao cooperardes com Cristo, vossa mão se abrirá para conceder ainda mais. E Deus vos tornará a encher a mão, para que o tesouro da verdade possa ser levado a muitas almas. Ele vos dará, para que possais dar aos outros.”. (Conselhos Sobre Mordomia, p. 49). Na vida do mordomo fiel, a generosidade, deve começar com adoração a Deus ao entregar dízimos e ofertas para a manutenção e expansão do Seu Reino. O dízimo já é de Deus, pela parceria com Ele na vida. Com o restante (90%), Ele deseja que os cristãos sejam generosos assim como Ele é. A palavra dízimo significa dez, já que é 10% de sua renda. Um dos princípios mais importantes do dízimo, no entanto, é que não são apenas 10% - são os primeiros 10%. Em outras palavras, Deus desafia você a adorar com o dízimo antes de pagar contas ou gastar dinheiro em qualquer outra coisa. Lembrem-se, os santos do Antigo Testamento deveriam dar os primeiros frutos de seus campos (Ex 23:16). Quando você dá dinheiro a mais que o dízimo, que é qualquer coisa acima dos 10%, isso é chamado oferta. Sua generosidade começa acima do dízimo... Ele quer que você seja generoso com seu dinheiro (os 90%) assim como Ele é com a porção dele.

Conclusão

Como vimos, a Bíblia Sagrada descreve a verdadeira prosperidade como bênção que emana de Deus para Seus filhos, conforme a Sua amorosa e soberana vontade. O ser humano, por sua vez, precisa aplicar os princípios divinos sabiamente, e principalmente ser fiel e generoso na adoração a Deus e no auxílio ao próximo que precisa da nossa ajuda e da salvação de Cristo Jesus. É seu desejo buscar no Senhor a verdadeira prosperidade? Vamos suplicá-la agora em oração?

SÓCIOS DA ESPERANÇA

Introdução

Quem é a pessoa mais bem-sucedida na vida pessoal e financeira que você conhece e admira? Se você tivesse oportunidade de manter uma participação societária com esta pessoa, seria bom, não é? Como você reagiria diante da oportunidade de se tornar sócio de Deus, que é o governador do universo? A ideia de uma sociedade com Deus pode parecer ousada ou até pretenciosa, mas a Bíblia trata de um Deus que além de estar vivo, deseja se relacionar com o ser humano que Ele mesmo criou e mantém. Ele deseja ter-nos como sócios fiéis dEle.

II – Deus é proprietário e mantenedor de sua criação

Para que uma autêntica sociedade com Deus se desenvolva e perdure, devemos estabelecê-la e mantê-la sobre certas realidades inalteráveis. Uma delas, que é fundamental, consiste em crermos que Deus é proprietário de todas as coisas. A Bíblia ensina que Deus é dono de todas as coisas, conforme Salmo 24:1,2 “Do Senhor é a terra e sua plenitude”, Ageu 2:8 “Minha é a prata e meu é o ouro, diz o Senhor”, esta ideia também se encontra em outros trechos sagrados como Salmo 50:10-12 e Salmo 147:8. Além disso a Bíblia indica que Ele é nosso criador, proprietário, sustentador e redentor, conforme Colossenses 1:13 - 17 “Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados. Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda criação; pois nEle foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberania, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dEle e para Ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele tudo subsiste.

III – O plano de sociedade com Deus

Sociedade com Deus é o estilo de vida de um discípulo que reconhece e aceita o senhorio de Jesus Cristo e trabalha em sociedade com Deus, atuando como seu agente na administração de seus negócios na terra. Isso inclui fidelidade na administração pessoal do corpo, do tempo, dos dons espirituais, dos talentos, dos recursos, do meio ambiente, do testemunho cristão, da família e da própria igreja. Sobre esta experiência de sociedade com Deus, Ellen G. White declara que: “Os membros do reino de Cristo são os filhos de Deus,

sócios de sua grande firma. Os eleitos de Deus são uma geração escolhida, um povo peculiar, uma nação santa, para manifestar os louvores daquele que os chamou das trevas para Sua maravilhosa luz. São o sal da terra, a luz do mundo. São pedras vivas, sacerdócio real. Estão em sociedade com Jesus Cristo. Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vai” Testemunhos para Ministros p. 422. “Em vista a garantia de Cristo de que Ele retornará quando o evangelho do reino tiver sido pregado 'em testemunho a todas as nações' (Mateus 24:14), todos são convidados a ocupar a posição de mordomos e cobreiros Seus. Desse modo o testemunho da igreja será uma poderosa bênção para o mundo, e seus fiéis mordomos ficarão felizes quando perceberem as bênçãos do evangelho sendo estendidas a outras pessoas” (Nisto cremos, 2009, p. 344).

IV- Sócios da Esperança

Em Mateus 28: 18-20 encontramos a grande incumbência que Jesus outorgou a sua igreja, que é bem expressa através da declaração de missão da IASD: “A missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia é fazer discípulos de todas as nações, comunicando o Evangelho eterno no contexto das mensagens dos três anjos do Apocalipse 14:6-12, convidando-as a aceitar a Jesus como seu Salvador pessoal e unir-se à Sua Igreja remanescente, instruindo-as para servi-Lo como Senhor e preparando-as para Sua breve volta.”. Sociedade com Deus inclui parceria na expansão do seu reino aqui na terra. Os dízimos e as ofertas fazem parte do plano divino para levar avante a obra mundial de salvação da humanidade. “As ofertas voluntárias e os dízimos constituem o meio da manutenção da obra do Senhor” (Atos dos Apóstolos, p. 74).

As profecias escatológicas se cumprem de maneira precisa evidenciando a brevidade da volta de Cristo e a necessidade da pregação do evangelho a todo mundo (Mateus 24:14), estamos vivenciando o momento ideal para mantermos uma sociedade com alguém que está no controle de tudo. “Deus pede que o reconheçamos como o Doador de todas as coisas; e, por essa razão, diz: 'de todas as vossas posses reserva a décima parte para mim, além das dádivas e ofertas, que devem ser trazidas à Casa do Meu Tesouro. É essa a provisão que Deus fez para levar avante a obra do evangelho” (Conselhos sobre Mordomia, p.67). Há promessas bíblicas especiais para os sócios fiéis, como: “Honra ao Senhor com os teus bens e com as primícias de toda a tua renda; e se encherão fartamente os teus celeiros, e transbordarão de vinhos os seus lagares” (Provérbios 3:9 e 10), e a que está registrada em Malaquias 3:6-12. Precisamos investir hoje no que é eterno, buscar prioritariamente o reino de Deus e sua justiça (Mateus 6:33). Ser “Sócio da Esperança” envolve fidelidade na adoração com Dízimos e Ofertas.

Adorando ao Senhor com Dízimos - A palavra dízimo significa “décima parte”. Ele é santo e pertence ao Senhor (Lv. 27:30; Ml 3:8-11)). Ao devolvermos a Deus o dízimo das nossas rendas, reconhecemos que todas as coisas pertencem a Ele e participamos do cumprimento da missão de pregar o evangelho a todo o mundo (Salmo 24:1; Ageu 2:8; Mateus 24:14). A entrega dos dízimos e das ofertas na igreja não é apenas uma doação, dizimar é um ato de adoração e honra a Deus.

Adorando ao Senhor com as Ofertas - “O Dízimo não deve ser um teto que paramos de contribuir, mas um piso a partir do qual começamos” (J. Blanchard). Além do Dízimo devemos levar ao Senhor as Ofertas (Sl. 96:8; Mal. 3:8). Assim como o Dízimo deve ser levado para a igreja, as ofertas voluntárias também devem ser conduzidas à presença de Deus. O dízimo reflete nossa fidelidade a Deus. As ofertas expressam nossa gratidão por tudo o que Ele nos dá. O Dízimo é um percentual definido (10%). As ofertas são proporcionais as bênçãos divinas, segundo o valor que o doador tiver proposto em seu coração (Deuteronômio 16:17; 2 Coríntios 9:7).

No plano de Deus as ofertas, assim como os Dízimos, devem ser: De boa vontade (2 Cor. 8:12); De forma generosa (2 Cor. 8:20); Com alegria (2 Cor. 8:2); Com prontidão (2 Cor. 8:11); De forma voluntária (2 Cor. 8:3); Sem tristeza, sem avareza e nem por obrigação (2 Cor. 9:7); Com gratidão (2 Cor. 9:11,12); Com regularidade (1 Cor. 16:2); Proporcional as bênçãos (Dt.16:17). O ideal é que se estabeleça, um pacto de ofertas percentual. O adorador decide, em oração, a porcentagem da sua renda (receita) que será entregue em honra e adoração a Deus regularmente (Exemplo: 5%, 10% ou 20%), como entregamos o santo Dízimo. Deve-se decidir também a validade deste pacto, ou seja, se o pacto é permanente ou mutável (Ex: 15% por determinado período com possibilidade de acrescentar ou decrescer a porcentagem, ou até mesmo se será uma porcentagem vitalícia). Estes detalhes devem ser bem acordados com o Senhor.

Ellen White afirma que: “Há apenas dois lugares no universo onde poderemos colocar nossos tesouros – no celeiro de Deus ou no de Satanás; e tudo que não é dedicado ao serviço de Deus é contado ao lado de Satanás, e vai fortalecer a sua causa (Conselho Sobre Mordomia, p. 35).

Conclusão

Um exemplo contemporâneo de alguém que estabeleceu uma sociedade com Deus e ajuda de maneira significativa a expansão do seu reino aqui na terra encontra-se na vida do Dr. Milton Afonso, o fundador da Golden Cross. No livro Um Homem Rico em Israel ele apresenta sete segredos bíblicos para o seu sucesso espiritual e financeiro, que são:

- Prosperou porque aprendeu desde jovem a depender de Deus, colocando-o em primeiro lugar em sua vida;
- Viveu a prosperidade financeira porque sempre foi um receptor e distribuidor das bênçãos de Deus; Obteve sucesso em sua vida financeira porque adotou o sistema financeiro de Deus, não do mundo;
- Recebeu bênçãos materiais porque viveu na prática a fidelidade a Deus nos dízimos, bem como nos mandamentos de Deus, como o sábado.
- Prosperou porque disponibilizou seus bens para ajudar os pobres, viúvas e órfãos; Viveu a prosperidade financeira porque tinha a preocupação de usar os recursos que tinha em mãos para promover a adoração a Deus;
- Prosperou financeiramente porque confiou na provisão de Deus.

Você deseja hoje estabelecer (ou consolidar) uma sociedade com Deus? Ser um discípulo fiel do Mestre Jesus, em todas as áreas de sua vida? Venha ao altar do Senhor agora para suplicarmos que nos esvazie de nós mesmos e nos encha com o Seu poder, para que pela sua graça sejamos sócios fiéis do Seu reino eterno! Faça a vida valer a pena, sendo um Sócio da Esperança!

Introdução

Vivemos em um mundo em que muitos priorizam os bens materiais em detrimento de princípios divinos de finanças. Contudo, o reino eterno de Deus deve ser prioridade na vida dos Seus servos (Mt. 6:33). Deus, por meio da Bíblia Sagrada, estabeleceu princípios para desenvolvermos as finanças pessoais e familiares saudavelmente, isto inclui necessária e prioritariamente honrá-Lo com as primícias. Vamos juntos ouvir a voz de Deus a respeito deste tema por meio da Sua Palavra. Abramos o nosso coração para a influência sublime e transformadora do Espírito Santo. Por gentileza, localize o texto bíblico, sagrado, inspirado pelo Espírito Santo - como cremos em nossa cosmovisão cristã - que se encontra em Provérbios 3: 9 e 10. Leiamos: “Honra ao Senhor com os teus bens e com as primícias de sua renda; e se encherão fartamente os teus celeiros, e transbordarão de vinho os teus lagares”. Podemos dizer que o que os Salmos são para a vida devocional, os Provérbios são para a vida prática. A lei de Deus dada no Pentateuco é reforçada pela admoestação de Provérbios. No contexto de Provérbios 3:1-12 encontramos uma lista de seis ordens e sua explicação ou motivo. O texto que lemos (Pov. 3. 9 e 10) apresenta a quinta ordem e a razão para ela. Este texto bíblico pode ser dividido em duas grandes partes: 1 - o que nós temos que fazer 2 - o que Deus fará depois que fizermos a nossa parte. Dele podemos extrair maravilhosas lições para crescermos em comunhão e fidelidade diante do nosso Salvador e Senhor Jesus Cristo.

1 - O que devemos fazer

A - Sabemos que tudo vem das mãos do Senhor e não existe nada que possamos dar a Deus que não tenhamos primeiramente recebido d'Ele (1 Cr. 29:10-22). Essa compreensão traz ao nosso coração uma disposição tão grande, profunda e gloriosa de sempre vivermos para honrá-lo. As vezes parece ser tão simples honrarmos a Deus como nossos lábios, e até mesmo de outras maneiras; mas a Bíblia fala de modo especial sobre honrarmos ao Senhor com nossos bens e primícias da renda, essencialmente, desde a experiência de Abel: “Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho... Agradou-se o Senhor de Abel e de sua oferta” (Gn 4: 4). A supremacia de Deus e seu domínio completo sobre todas as coisas são reconhecidos, no contexto do Antigo Testamento desta forma, seja com a primeira parte da colheita (Lv. 23:16 e 17), ou com o primogênito dos seres humanos ou animais (Ex. 13:1-3; Num. 3:13). Este princípio de honrar a Deus com bens e primícias da renda não ocorre só no contexto veterotestamentário, mas também no conteúdo do Novo Testamento, por exemplo, em Marcos 12:41-44, no relato da oferta da viúva pobre, onde encontramos uma serva fiel priorizando a adoração sincera e autêntica a Deus, apesar da dificuldade financeira que ela experimentava. O modelo de como os nossos bens devem servir aos propósitos do Reino de Deus pode ser visto também no próprio ministério do Senhor Jesus (Lc. 8:1-13) e na dinâmica da igreja primitiva descrita no livro de Atos.

B – Hoje, Deus solicita esta mesma atitude de Seus filhos, como resposta ao Seu amor e a Sua graça por nós. O dom profético ratifica a validade deste ato de honra na atualidade: “Devemos fazer ao Senhor a primeira doação de todas as nossas receitas. No sistema de beneficência ordenado aos judeus, ou deles se exigia que levassem ao Senhor as primícias de todas as suas dádivas, fosse aumento de seus rebanhos e

manadas como no produto dos campos, pomares ou vinhedos, ou deveriam eles redimi-las, dando em substituição o equivalente. Quão diversa é a ordem de coisas nos nossos dias! As reivindicações e exigências do Senhor são deixadas para o fim, se é que recebem alguma atenção. No entanto, nosso trabalho necessita de dez vezes mais meios agora do que necessitavam os judeus. A grande comissão dada aos apóstolos foi a de irem todo o mundo pregar o evangelho. Mostra isso a extensão da obra, e a crescente responsabilidade, que repousa sobre os seguidores de Cristo, nos nossos dias. Se a lei exigia dízimos e ofertas milhares de anos atrás, quão mais necessários são eles agora! Se ricos e pobres deviam dar uma importância, proporcional a sua prosperidade, na economia judaica, isso agora é duplamente indispensável.” (Testimonies, vol. 4, pág. 474). Portanto, na atualidade, também, quando entregamos os dízimos e ofertas, por consequência da nossa comunhão com o Senhor, estamos honrando-o. Honrar a Deus com os bens e com as primícias da renda deve ser uma atitude de adoração natural na vida de um discípulo verdadeiramente convertido e fiel que mantém intimidade com o seu Senhor, a quem ama de todo coração, de toda alma e de todo entendimento.

2 - O que Deus fará depois que fizermos a nossa parte

A - A promessa bíblica é clara e explícita, fartura, conforme a bênção e a vontade do Senhor, para os que O honram. O celeiro era o local empregado para depósito de alimento e os lagares o local usado para prensa do vinho. Isso indica a provisão e o cuidado divino para com os Seus servos fiéis. Hoje também somos alvo desta maravilhosa promessa do nosso soberano criador e mantenedor. “Eu honro aqueles que me honram, porém os que me desprezam serão desmerecidos” (1 Sam. 2:30). Não há nada mais precioso sobre a face da terra do que sermos honrados por aquele que merece honra e toda glória. Sobre Provérbios 3:8-9, Ellen White afirma: “Este texto ensina que Deus, como doador de todos os nossos benefícios, tem uma reivindicação sobre todos eles; que seu pedido deve ser nossa primeira consideração; e que uma bênção especial sobrevirá a todo aquele que honrar este pedido” (Conselhos Sobre Mordomia, 2007, p. 65).

B - Todos os seres humanos, até os que afirmam ser ateus, recebem as bênçãos gerais de Deus, como o Ar que respira, habilidade etc. Porém as bênçãos especiais somente os servos fiéis recebem. Há bênçãos especiais reservadas para o discípulo fiel que permite que Deus ocupe o primeiro lugar em sua vida (Mt. 6:33; Mal. 3:10-12; Is. 58:13 e 14). “O Senhor cumpre Suas promessas em proporção ao lugar que Lhe designamos em nossa vida. 'Os que são prontos e dispostos a empregar seus recursos na causa de Deus, serão abençoados em seus esforços por ganhar dinheiro' (Nossa Alta vocação, pág. 192).” (O Sábio Uso da Vida / Paul G. Smith. Tatuí - SP: CPB, p. 83). As principais bênçãos consequentes deste ato de honra, são as espirituais. Um estudo etnográfico com mais de quatrocentos cristãos indicou cinco grandes benefícios da fidelidade na adoração com dízimos e ofertas para o desenvolvimento da vida cristã:

- **Intensifica o compromisso missionário.** A fiel adoração com dízimos e ofertas fortalece o senso missionário do cristão, levando-o a se comprometer com a pregação do evangelho.
- **Potencializa o relacionamento com Deus, aumentando a confiança e a dependência.** A fiel adoração com dízimos e ofertas é uma maneira do cristão se relacionar com Deus, e desta forma, ter sua fé na provisão divina intensificada.
- **Aperfeiçoa o caráter e a integridade para com o próximo.** A fiel adoração com dízimos e ofertas aprimora o caráter do cristão e o impeli a agir com retidão nos relacionamentos interpessoais.
- **Impacta positivamente na administração das finanças pessoais e familiares.** A fiel adoração com

dízimos e ofertas pode gerar sabedoria espiritual para o cristão planejar e gerir as finanças com êxito.

- **A prometida provisão material de Deus.** A fiel adoração com dízimos e ofertas resulta no cumprimento das promessas bíblicas de provisão que Deus faz para os Seus mordomos fiéis.

3 - Como honrar ao Senhor com as primícias da renda na atualidade?

A - Renda no Dicionário Aurélio é sinônimo de importância recebida como resultado de atividade econômica, rendimento, receita. Na atualidade Deus também requer honra com as primícias de nossa renda por meio da adoração com os dízimos e as ofertas, como afirma Ellen White: “Não devemos apenas devolver fielmente a Deus apenas os nossos dízimos, que ele reclama como seus, mas também devemos trazer a sua tesouraria um tributo como oferta de gratidão com o coração alegre levemos ao nosso criador as primícias de toda a sua liberalidade, as nossas posses, nosso melhor e mais Santos serviço (Conselhos Sobre Mordomia p.18). Este texto indica que o princípio das primícias pode ser aplicado a entrega de dízimos e ofertas hoje, pois tal contribuição dos servos de Deus deve ser entregue em caráter de primazia, ou seja, o mordomo cristão fiel separa dízimos e ofertas antes de utilizar os recursos adquiridos em outras questões pessoais. Nesse sentido, honrar a Deus com as primícias da renda pode significar separar a parte do Senhor primeiro. Ellen G. White afirma: “Mas o dízimo foi separado para o sustento dos que ministravam no santuário. Deveria ser dado das primícias de todas as suas rendas, e, juntamente com as dádivas e ofertas, prover abundantes meios para a manutenção do ministério do evangelho para aquele tempo. Deus não requer menos de nós do que requeria de Seu povo, na antiguidade. Suas dádivas a nós não são menores, mas maiores que as concedidas do antigo Israel. Seu serviço exige agora, e sempre exigirá, recursos. A grande obra missionária para a salvação de almas deve ser levada avante. Com os dízimos e as dádivas e ofertas... Diz Ele: Eu sou o dono do mundo; meu é o Universo, e quero que consagreis ao Meu serviço as primícias de tudo o que eu, com as Minhas bênçãos, faço chegar às vossas mãos. Declara a Palavra de Deus: 'As tuas primícias, não retardarás.' 'Honra ao Senhor com a tua fazenda, e com as primícias de toda tua renda.' Exige Ele esse tributo como prova de nossa fidelidade a Ele” (Conselhos Sobre Mordomia, 2007, p. 71 e 72).

Honrando ao Senhor com Dízimos. A palavra hebraica para “dízimo” מַעֲשֵׂר (ma'aser) significa, literalmente, a décima parte. A palavra grega é δεκάτη (dekate) que significa “décimo”, “dízimo”. Portanto, na Bíblia, dízimo é a décima parte da renda de alguém, a qual Deus afirma ser Sua (Levíticos 27:30). A palavra dízimo ocorre 35 vezes no Antigo Testamento e 10 vezes no Novo Testamento. Devolver o dízimo é entregar a Deus, em adoração, a décima parte (10%) de todos os rendimentos financeiros. É um sinal de aliança e de sociedade com Ele, reconhecendo-O como o Criador e Proprietário de todas as coisas. (Gênesis 14:18; levítico 27:30 e 32; Malaquias 3:7-10). No Novo Testamento, Jesus Cristo ratificou a importância do dízimo (Mateus 23:23), o que indica a continuidade e a relevância desta prática. O fato da palavra “dízimo” ter pouca menção no Novo Testamento não anula um princípio que existe antes da própria Lei (Gênesis 14:20; 28:22). O princípio do dízimo se baseia em princípios tão duradouros como a Lei de Deus.

Honrando ao Senhor com as Ofertas - “O Dízimo não deve ser um teto que paramos de contribuir, mas um piso a partir do qual começamos” (J. Blanchard). No contexto bíblico, a oferta envolvia um animal ou coisa que se oferecia a Deus, no culto (embora, de fato, tudo pertença a Ele). No Antigo Testamento, as ofertas eram de dois tipos: animais (holocaustos, expiações, ofertas pacíficas) e de grãos, cereais, frutas e dízimos. Todas estas ofertas apontavam para o nosso senhor Jesus Cristo que, ao se oferecer, cumpre todo sistema de

ofertas do AT e apresenta a oferta e o sacrifício definitivos (Hb 7: 27; 9:14). Em união com Cristo, os cristãos também devem oferecer a si mesmos, em sacrifício vivo, a Deus (Rm 12:1; 15:16; Fp 2:17, 4:18; 1 Pe 2:5). Portanto, um profundo significado de oferta na Bíblia está no termo sacrifício. O apóstolo Paulo utiliza expressões do sistema cerimonial do Antigo Testamento para se referir à oferta que os filipenses entregaram para a pregação do evangelho. Ele diz: “o que me veio da vossa parte foi como aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus” (Fl 4:18). No plano de Deus as ofertas, assim como os Dízimos, devem ser: De boa vontade (2 Cor. 8:12); De forma generosa (2 Cor. 8:20); Com alegria (2 Cor. 8:2); Com prontidão (2 Cor. 8:11); De forma voluntária (2 Cor. 8:3); Sem tristeza, sem avareza e nem por obrigação (2 Cor. 9:7); Com gratidão (2 Cor. 9:11,12); Com regularidade (1 Cor. 16:2); Proporcional as bênçãos (Dt.16:17). O ideal é que se estabeleça, um pacto de ofertas percentual. O adorador decide, em oração, a porcentagem da sua renda (receita) que será entregue em honra e adoração a Deus regularmente (Exemplo: 5%, 10% ou 20%), como entregamos o santo Dízimo. Deve-se decidir também a validade deste pacto, ou seja, se o pacto é permanente ou mutável (Ex: 15% por determinado período com possibilidade de acrescentar ou decrescer a porcentagem, ou até mesmo se será uma porcentagem vitalícia). Estes detalhes devem ser bem acordados com o Senhor.

B - Esses recursos oriundos deste ato de honra e adoração são destinados para o cumprimento da missão de Deus neste mundo, através da instrumentalidade da igreja. A honrarmos a Deus com nossos bens e primícias da renda estaremos também ajudando na multiplicação de discípulos de Jesus Cristo para o reino eterno de Deus em toda Terra. Ellen G. White afirma que: “O único plano que o Evangelho tem indicado para a manutenção da obra de Deus é o que deixa o sustento de sua causa à honra dos homens. Tendo em vista só a glória de Deus, deve os homens dar-lhe na proporção que Ele requer. Contemplando a Cruz do Calvário, olhando para o redentor do mundo, que por amor de nós se fez pobre, para que pela sua pobreza enriquecêssemos, concluiremos não dever amontoar para nós mesmos tesouros na terra, mas acrescentar tesouros no céu, que nunca suspende o pagamento ou falha. O Senhor deu Jesus ao nosso mundo, e vem a pergunta: 'que poderemos devolver a Deus em dádivas e ofertas, para demonstrar nossa apreciação por seu amor? 'De graça recebestes de graça daí'.” (White, Ellen G. Conselho Sobre Mordomia: vivendo de acordo com o plano de Deus. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007, p. 287)

Conclusão e Apelo

O ser humano precisa de Deus em primeiro lugar na vida (Mt 6:33), honrá-lo com os bens e as primícias da renda é um ótimo exercício para mantermos comunhão com Ele e o nosso coração consciente deste princípio. Honra-Lo desta forma também O distingue e demonstra o lugar especial que Ele ocupa em nossa vida. Este ato de honra gera os recursos para a manutenção e expansão da igreja Remanescente de Deus em todo mundo, conforme a ordem divina de pregar o evangelho (Mt 28:18-20; At 1:8; Ap 14:6). Como dono de tudo e sendo um Pai extremamente amoroso e bom, muitas vezes ele nos dá muito mais do que imaginamos. Que possamos sempre honrá-lo com nossa confiança e fidelidade, em todas as áreas da vida. Para tanto, avalie suas prioridades. O que de fato mais importa em sua vida? "Onde está o teu tesouro, aí está também o teu coração". Mateus 6.21. Você deseja pela graça de Deus e pelo poder do Espírito Santo ser fiel a este princípio divino revelado nas Sagradas Escrituras, a Palavra de Deus? Se esta é a sua decisão, venha ao altar do Senhor neste momento e estabeleça (ou renove) seu pacto de honra com dízimos e ofertas. Vamos juntos em oração, buscar a plenitude do Espírito Santo que tanto o Senhor deseja nos conceder?

O MORDOMO FIEL QUE PROSPEROU

Introdução

O que é mordomia cristã? Normalmente quando se fala em mordomia cristã na igreja, alguns associam o tema unicamente, ao assunto de finanças. Embora um dos aspectos fundamentais da mordomia cristã seja a fidelidade na adoração por meio dos dízimos e das ofertas, o princípio bíblico de mordomia é muito mais amplo, abrange todas as dimensões da vida humana. Benjamin Maxson, teólogo adventista, define mordomia cristã como: “um estilo de vida, de alguém que aceita o senhorio de Cristo, caminha em parceria com Deus e vive como agente de Deus para gerenciar as coisas dele na Terra”.

José, um exemplo de mordomo fiel. O princípio doutrinário de mordomia cristã é bem exemplificado na experiência do personagem bíblico José. O trabalho que ele desenvolveu na função profissional de mordomo, bem como sua própria experiência de mordomia para com Deus, podem servir de inspiração para o exercício da mordomia cristã na atualidade. Ao analisarmos a trajetória de José, podemos observar três princípios fundamentais para a prática da mordomia cristã bíblica na atualidade. Vejamos estes princípios de coração aberto para as influências transformadoras do Espírito Santo.

1- O MORDOMO NÃO É O DONO, O MORDOMO É UM ADMINISTRADOR (GN. 39:4 a 9)

No contexto bíblico, geralmente, o mordomo é uma pessoa encarregada de gerenciar e ser responsável pela propriedade ou negócios de outrem. O mordomo é um empregado, mas um empregado com autoridade, como o servo de Abraão (Gn. 24:2). Oikonomos, mordomo em grego, é aquele que guarda a casa: o mordomo ou gerente. Do latim major domus, "administrador ou governante da casa". Biblicamente, Mordomo é a pessoa a quem é confiado tudo quanto seu senhor possui, para ser guardado, cuidado ou desenvolvido. Esse conceito ocorre em diversos textos, como: Gn. 39:4; 43:16,19; 44:1; 1Rs 16:9; Lc 8:3; Mt 20:8; e Gl 4:2; Lc. 12:42, e noutros tantos lugares da Bíblia. O ofício de mordomo no contexto bíblico exemplifica bem como deve ser a nossa experiência com Deus, o dono de tudo.

Ao analisarmos o trabalho de José como mordomo podemos perceber que ele tinha limite, tudo estava em suas mãos, mas não era de fato dele. Os senhores terrenos de José o deram limitações, marcas inerentes do senhorio, que apontavam para o direito de posse que eles tinham dos bens que José, na qualidade de mordomo, administrava. José reconheceu esse princípio quando disse a mulher de Potifar: “Tem-me por mordomo, o meu senhor, e não sabe do que há em casa, pois tudo o que tem me passou ele às minhas mãos. Ele não é maior do que eu nesta casa e nenhuma coisa me vedei, senão a ti, porque és sua mulher” (Gn. 39:8 e 9). Faraó também indicou este princípio da mordomia quando disse: “Administrarás a minha casa, e a tua palavra obedecerá todo o meu povo; somente no trono eu serei maior do que tu” (Gn. 41:40). Isso também ocorre, espiritualmente falando, com a nossa experiência de mordomia cristã. Desde o início do Mundo Ele não renuncia ao título de Sua propriedade, no Jardim do Éden, por exemplo, a árvore do conhecimento do bem e do mal servia como uma lembrança e aviso deste princípio divino. A árvore do conhecimento do bem e do mal se localizava em zona proibida; era lembrete e advertência de que violar a aliança de mordomia implicaria penalidade (Gn 2:16,17). Deus não permitirá que os seres humanos assumam a posição de proprietários,

eles serão sempre mordomos. Mesmo depois da queda Ele estabelece alguns lembretes do seu direito de posse. Deus é criador, mantenedor, proprietário absoluto do Universo, do planeta Terra e dos seres que criou, especialmente da obra prima da Sua criação, os seres humanos. Vejamos alguns dos lembretes do Seu direito de posse sobre nós.

a) O nosso corpo pertence a Deus. 1 Cor. 6:19 “Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?” Nosso corpo deve ser o local sagrado de habitação do Espírito Santo. Não somos donos do nosso corpo. Como discípulos de Cristo, temos a responsabilidade de cuidar e manter o nosso corpo em bom estado de saúde, visando melhorar na adoração ao nosso Criador e Mantenedor. O nosso corpo nos faz lembrar que temos um criador e dono que deseja habitar em nós ininterruptamente promovendo, pelo Seu poder, um estilo de vida saudável e produtivo baseado em Seus princípios.

b) O Sábado pertence a Deus. Quando examinado à luz do conceito de mordomia cristã, o quarto mandamento se torna uma declaração divina sobre as relações humanas. Primeiro vem a relação com Deus. Este dia é o “sábado do Senhor, teu Deus” (Êx. 20:10). No mandamento do sábado, as criaturas são lembradas de sua finitude. O Criador lembra aos seres criados também que Ele ainda conserva o direito de propriedade de Seu mundo. Seus filhos terrenos são mordomos.

c) Os Dízimos e as Ofertas pertencem a Deus. Além do sábado, os dízimos e as ofertas nos lembram que somente Deus é proprietário no sentido absoluto. Disso o primeiro casal foi lembrado por meio da árvore cujo fruto não deveria comer (Gn. 2:17). Após o pecado e a expulsão do jardim, essa verdade da mordomia foi reforçada no princípio do dízimo. A Bíblia apresenta a devolução do Dízimo como uma prática conhecida através da gratidão e fidelidade de mordomos fiéis como Abraão (Gn. 14:18-20), Jacó (Gn. 28:22). Em Ml 3:8-10, o profeta repete a exigência divina, junto com a promessa de ricas bênçãos. O profeta Malaquias pergunta: “Em que roubará o homem a Deus? Todavia, vós me roubais e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas” (Ml. 3:8). Este texto sagrado, inspirado pelo Espírito Santo, indica que os dízimos e ofertas devem voltar para Deus em adoração. Ele nos abençoa e nós O adoramos.

2- O MORDOMO DEVE SER FIEL AO SEU SENHOR (GN. 39:7 A 9)

“Deus criou os seres humanos para serem mordomos confiáveis, seus próprios representantes na terra. Mordomia pressupõe uma relação de confiança. A fidelidade a Deus, o comprometimento com Sua vontade e a obediência aos Seus mandamentos são as características inconfundíveis do verdadeiro mordomo” (Tratado de Teologia Adventista, p. 727).

José era um mordomo fiel ao seu senhor terreno, e sobretudo ao seu Senhor divino (Gn. 39: 7 a 9). A Bíblia apresenta exemplos de mordomos infiéis que foram reprovados, como o que aparece em Lucas 16:1-9. A mordomia bíblica envolve fidelidade total ao Senhor.

a) Não basta ser mordomo, tem que ser fiel. Todos já nascemos mordomos, temos que administrar a vida e as coisas que Deus nos confia, portanto não optamos se seremos mordomos ou não, o que podemos decidir é

se seremos fiéis ou infiéis mordomos do nosso Senhor. A Bíblia associa mordomia à fidelidade “Ora, além disso, o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel” (1 Cor 4:2); “Disse o Senhor: Quem é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor confiará os seus conservos para dar-lhes o sustento ao seu tempo?” (Lc. 12:42). O Mordomo fiel de Deus é todo aquele que reconhece o domínio do Senhor sobre todas as coisas – o mundo, a vida, os talentos, os bens, as oportunidades, os demais valores – e seu papel de administrador responsável e diligente, sabendo que um dia há de prestar-Lhe contas de tudo. A fidelidade é inerente a natureza divina: “Porque mui grande é a Sua misericórdia para conosco, e a fidelidade do Senhor subsiste para sempre” (Sl. 117:2), Deus deseja que esta virtude dEle, seja desenvolvida em nós como uma das partes do Fruto do Espírito Santo, que é o resultado da Sua presença transformadora no coração humano convertido em processo de Santificação. Uma das dimensões deste fruto é a fidelidade a Deus (Gl. 5:22 e 23). Fidelidade cristã é a constância na intimidade com Deus e na prática aos Seus princípios. Independente da circunstância o mordomo cristão deve se manter fiel na comunhão com Deus e na obediência a Sua Palavra.

b) Mordomo fiel é aquele que prioriza andar na presença de Deus. Mordomo fiel é aquele que coloca Deus em primeiro lugar em sua vida, quando isso acontece o discípulo poderá desfrutar da promessa bíblica onde há a afirmação de que todas as outras coisas virão como acréscimo (Mt. 6:33). Nesse sentido, a maior benção do mordomo fiel é o próprio Deus criador e mantenedor que cuida dele, a partir do ar que ele respira. Colocar Deus em primeiro lugar envolve comunhão permanente com o seu Senhor, estar ligado a videira (Jo. 15:1-7). A meta do fiel mordomo de Cristo deve ser a cada dia andar na presença de Deus, pois sua prosperidade espiritual depende da comunhão com Ele. Isso acontece, na prática através, do compromisso com a Palavra de Deus e a oração (Jo. 15:7), tal experiência resultará em “muito fruto” (Jo. 15:8). O cristão deve desenvolver comunhão, espiritualidade, com foco na fidelidade a se Senhor, em todas as áreas da vida. Ellen G. White orienta: “Consagrai-vos a Deus pela manhã; fazei disto vossa primeira tarefa. Seja vossa oração: “Toma-me, Senhor, para ser teu inteiramente. Aos teus pés deponho todos os meus projetos. Usa-me hoje em Teu serviço. Permanece comigo, e permite que toda a minha obra se faça em Ti.” (Cuidado de Deus, p. 69).

c) O mordomo deve ser fiel a Deus, em tudo. Precisamos ser mordomos fiéis de Deus em tudo, isso envolve, logicamente, a nossa vida, o nosso tempo, o nosso falar, o nosso ouvir, o nosso agir, o nosso olhar, as nossas finanças, as nossas promessas, o nosso caráter, a nossa integridade, os nossos intentos de coração... E mesmo que não sejamos fiéis, Ele permanecerá fiel ao que prometeu, porque Ele não muda (II Timóteo 2:13), mas somos nós que precisamos mudar e passar afazer a Sua vontade. Devemos exercer fidelidade como resposta ao seu amor incrível, demonstrado em Jesus, ao dar a própria vida por nós pecadores, visando nos oportunizar a salvação e vida eterna ao Seu lado. O Senhor espera que sejamos totalmente fiéis a Ele! Quantos hoje estão cheios de conhecimento, até da própria Bíblia e de assuntos religiosos, mas vazios de fidelidade a Deus? E o que o Senhor mais procura são corações fiéis, íntegros e disponíveis.

3- O MORDOMO FIEL PROSPERA CONFORME A VONTADE DE DEUS (GN. 39:2 e 3, 23; 41:49 a 52)

A Bíblia informa que José foi um homem próspero, alguém que obteve notável e surpreendente sucesso. Em uma sociedade materialista, na qual estamos inseridos, a história de alguém que saiu de um poço

miserável para se tornar o governador de uma nação poderosa é um exemplo fantástico de prosperidade. Contudo, a prosperidade na vida de José não era o foco e nem a prioridade da sua vida, mas, sim, o fruto da permanência do Senhor em seu viver. José, fiel mordomo, foi agraciado com a prosperidade verdadeira, a prosperidade que vem de Deus. Vejamos princípios divinos de prosperidade praticados por José, que devem ser aplicados na vida dos servos fiéis de Deus na atualidade.

a) José prosperou porque Deus lhe deu sabedoria financeira (Gn 41:33,38). A sabedoria financeira que José desenvolveu, foi Deus quem o concedeu. Faraó reconheceu: “Acharíamos, porventura, homem como este, em que há o Espírito de Deus? Depois, disse Faraó a José: Visto que Deus te faz saber tudo isto, ninguém há tão ajuizado como tu”. Deus está disposto a conceder sabedoria para aqueles que o pedem com fé (Tg. 1: 5 e 6).

b) José prosperou porque trabalhou com eficácia (Gn. 41: 46-49). O sucesso material de José e do Egito, sob seu governo, não veio por acaso. José realizou a parte humana no processo da prosperidade financeira que obteve. Ele sempre trabalhou com eficácia por onde passou: na casa de Potifar como escravo e mordomo, no serviço na prisão e também com Faraó. “A assinalada prosperidade que acompanhava todas as coisas postas aos cuidados de José, não era resultado de um milagre direto; mas sim sua operosidade, zelo e energia eram coroados pela benção divina” (Patriarcas e Profetas, p. 126).

c) José prosperou porque fez provisão e poupou (Gn. 41:34-36). A Bíblia nos mostra que José usou o princípio do poupar para resolver o problema do Egito durante a época das "vacas magras" que eles iriam viver. Poucos dão valor à poupança, mas ela é muito importante. Então, poupe o máximo que você puder. Não importa se é R\$ 100 ou R\$ 200 por mês, mas guarde. O que você poupar hoje poderá suprir as suas necessidades amanhã. José definiu que o Egito poupasse 20% de tudo o que colhia.

CONCLUSÃO E APELO

Precisamos aceitar pela fé que Deus é Criador, proprietário e mantenedor da sua criação (Sl. 24:1; Sl. 50:10 – 12; Sl. 147:8), bem como de todos os recursos deste mundo (Ag. 2:8), crer que Deus concede bênçãos especiais aos Seus filhos, conforme a Sua própria vontade e para glória do Seu nome. Apesar das adversidades e provações que enfrentamos, precisamos nos posicionar como mordomos fiéis do Senhor, como José. Deseja você hoje consagrar sua vida integralmente a Deus, para ser um administrador, um gerente das Suas bênçãos, reconhecendo-O como dono de tudo e também como único absolutamente capaz de suprir todas as tuas necessidades, conforme a Sua vontade? Se esta é a sua aspiração, ser um José do século 21 venha para orarmos juntos, suplicando a plenitude do Espírito Santo?

3.2 VISITAÇÃO PASTORAL COM ÊNFASE NA FIDELIDADE CRISTÃ

“E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo” (Atos 5:42). “Jamais deixando de vos anunciar coisa alguma proveitosa e de vos ensinar publicamente e também de casa em casa” (Atos 20:20). A visitação é importante porque nela o pastor e a liderança da igreja local conhecem suas ovelhas. Jesus conhecia as suas: “Eu Sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas Me conhecem a Mim” (João 10:14).

A visitação é um ministério de amor. Quando as pessoas percebem que você as ama desinteressadamente, elas ouvirão qualquer coisa que você tiver para lhes dizer e suportarão qualquer coisa que colocar sobre elas. Ao se aproximar do coração humano, você conhecerá e compreenderá a pulsação dele.

Embora isso represente um desafio para o ministério pastoral, as recompensas da visitação superam tais desafios. Através da visitação a pregação é enriquecida, os relacionamentos são solidificados, as crises são prevenidas, o ministério é reafirmado, a frequência aos cultos aumenta e as ofertas também aumentam, pois, os membros visitados passam a apoiar mais a igreja, em todos os aspectos. Lembre-se, o pastor não é a única pessoa na igreja capaz de comunicar o amor de Deus através da visitação. Ele deve, ativamente, promover e incentivar a igreja a tomar parte nesse ministério. Incentive os membros a fazer visitas. Visitação é marca registrada de uma igreja carinhosa e atenciosa.

Formando um “time” de pastoreio

A visitação pastoral deve ser um estilo de vida da igreja. O ideal é que o Pastor tenha um plano pessoal de visitação, e, também, além disso precisa inspirar e treinar mais pessoas para exercerem o ministério de visitação. “O companheirismo cristão e a visitação devem ser considerados não como dever a ser cumprido por um só indivíduo, mas um estilo de vida a ser desfrutado por toda comunidade eclesial” (Guia para Ministros, p. 128). Pastores, Anciãos, Diáconos e demais líderes da igreja podem desenvolver a visitação pastoral com ênfase na fidelidade cristã dos discípulos de Cristo que estão sob seus cuidados:

Pastores: “Visitar de casa em casa constitui uma importante parte do trabalho do pastor. Ele deve ter como alvo conversar com todos os membros da família” (Ministério Pastoral, p. 230).

Anciãos: “Visitar os membros é vital para o fortalecimento e crescimento da igreja”.
(Guia para Anciãos, p. 114)

Diáconos: “O ministério da visitação aos membros é obra primordial no ministério do diaconato”. (Guia para Diáconos e Diaconisas, p. 58)

Professores da Escola Sabatina: “Professores... cuidareis de vossos alunos, fazendo esforços especiais para sua salvação. A eles vos unireis em amorável simpatia, visitando-os em seu lar”. (Conselhos sobre Escola Sabatina, p. 38)

A dinâmica da visitação

O que fazer e dizer no começo da visita?

1- Depois de um cumprimento cordial e um diálogo inicial, mencione que a visita tem um propósito espiritual.

- 2- Faça uma oração antes de começar o tema da visita.
- 3- Seja amigo e sociável e inclua todos da família na conversa.
- 4- Inicie com as seguintes perguntas:

- a) Você poderia me contar como foi a sua conversão? Há quantos anos, que circunstâncias envolveram esse momento, etc.
- b) O que verdadeiramente o (a) tem mantido firme e fiel na fé até hoje?
- c) Em que aspectos da sua vida espiritual gostaria que acontecesse uma reforma real, ou uma transformação verdadeira?
- d) Incentivar uma avaliação do discipulado pessoal/familiar foco na fidelidade cristã (Folder Avaliando Meu Crescimento Espiritual”).
- e) Você tem um pedido de oração especial que gostaria que apresentássemos a Deus? (escreva o pedido de oração – pode-se mencionar Tg. 5:16; 1 Pe. 5:7; Lc. 11:9-13). Conclua com uma oração fervorosa, citando o pedido de oração e suplicando o poder do Espírito Santo para o seu crescimento em fidelidade em todas as áreas da vida.

Folder de orientação sugestivo e planejamento da visitação:

“ Como você poderá saber se a palavra falada do pulceto foi um cheiro de vida para a vida, a menos que visite as famílias, ore com elas, e descubra sua verdadeira situação espiritual, a real condição de sua experiência, para que possa indicar-lhes o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo? As igrejas precisam ser iluminadas com respeito à religião prática na vida do lar.

ELLEN G. WHITE (ADDRESS TO MINISTERS, 1917)

”

Pequeno Grupo/Unidade de ação

Nome da dupla de visitação:

01 _____ 02 _____

1ª família a ser visitada: _____

2ª família a ser visitada: _____

3ª família a ser visitada: _____

4ª família a ser visitada: _____

5ª família a ser visitada: _____

PRIMEIRO DEUS

EM MINHA

casa

PLANO DE VISITAÇÃO



Propósitos da visitação

- Crescimento em Cristo.
- Atender as necessidades encontradas.
- Auxiliar a crescer na comunhão, no relacionamento e na missão.
- Confirmá-los na fé.

Itens importantes

- Trate confidencialmente toda informação pessoal.
- Evite dedicar tempo com brincadeiras.
- Não faça perguntas íntimas.
- Visite no momento e lugar apropriados.
- Reconheça suas limitações, ninguém tem todas as respostas, nem pode atender todas as necessidades.
- Ao visitar alguém do sexo oposto, esteja sempre acompanhado.
- Ouça com muita atenção.
- Após a visita saia imediatamente, enquanto o tom espiritual da oração ainda é sentido.

Atenção

- Não use o que ouviu da pessoa visitada como ilustração.
- Evite falar mal de outras igrejas ou pessoas.
- Permita que a pessoa fale livremente sem interrupções.
- Faça uma fervorosa oração no final da visita, antes de sair da casa.

Lembre-se

Pastorear pessoas não deve ser algo pontual. Por isso, comprometa-se a orar e visitar outras vezes as famílias que você está pastoreando.

Preparação

- Ore para que Deus dirija suas palavras para ser uma bênção no lar.
- Agende sua visita.
- Conheça previamente o endereço e os nomes das pessoas a visitar.
- Seja pontual, chegue na hora certa.
- Leve sua Bíblia e um caderno para anotar os pedidos de oração.

Durante

- Depois de um cumprimento cordial e um diálogo inicial, mencione que a visita tem um propósito espiritual.
- Faça uma oração antes de começar o tema da visita.
- Seja amigável e inclua todos da família na conversa.
- Inicie com as seguintes perguntas:

1. Você poderia me contar como foi a sua conversão? Há quantos anos e que circunstâncias envolveram esse momento?
2. O que verdadeiramente o (a) tem mantido firme e fiel na fé até hoje?
3. Em que aspectos da sua vida espiritual gostaria que acontecesse uma reforma real ou uma transformação verdadeira?
 - Exemplos: Na realização do culto familiar ou da devoção pessoal, na guarda do sábado, no interesse em assistir aos cultos, na fidelidade nos dízimos e ofertas, em estender o perdão a alguém, no cuidado com o meu corpo, etc.
4. Você tem um pedido de oração especial que gostaria que apresentássemos a Deus? Escreva o pedido de oração do irmão.
 - Mencione Tiago 5:16, 1 Pedro 5:7, Lucas 11:9-13
5. Entregue o cartão "Primeiro Deus em minha casa" e oriente que logo após a sua saída eles devem fazer a autoavaliação do crescimento espiritual da família
 - Em seguida, faça uma oração fervorosa.

Folder sugestivo “Avaliando meu Crescimento Espiritual”

Em que aspecto de minha vida gostaria que acontecesse uma reforma real?

Compromisso

1. Na área da comunhão me comprometo a:

2. Na área do relacionamento me comprometo a:

3. Na área da missão me comprometo a:

ASSINATURA

“ Cresçam, porém, na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, agora e para sempre! Amém. 2 PEDRO 3:18 ”

PRIMEIRO DEUS
EM MINHA

casa

“ Ter uma mudança de coração é retirar as afeições do mundo, e uni-las a Cristo. Ter um coração novo é possuir nova mente, novos propósitos, motivos novos. Qual é o sinal de um coração novo? A vida transformada. Há um morrer dia a dia, hora a hora, para o egoísmo e o orgulho. ”

ELLEN G. WHITE
(MENSAGEM AOS JOVENS, PÁG. 72)

Desenvolvendo Hábitos Espirituais

COMUNHÃO PESSOAL

- Oração Pessoal
- Estudo da Bíblia (RPSP: Lição E.S. / Espírito de Profecia)
- Oração intercessora (Pedidos pessoais, família, amigos)

Defina um lugar e horário regulares

CULTO FAMILIAR

- Música (Escolha músicas para as crianças)
- Oração
- Meditação
- Música
- Oração intercessora (Fazer pedidos da família)

Retina a família, defina um lugar e um horário regulares e delegue responsabilidades

RECEPÇÃO DE SÁBADO

- Música (Escolha músicas para as crianças)
- Diálogo aberto (Compartilhe experiência da semana)
- Oração
- Meditação (Use a meditação do pôr do sol)
- Oração intercessora (Fazer pedidos da família)

ADORAÇÃO FINANCEIRA

ADMINISTRAÇÃO

- Entradas
- Dízimo: Minha adoração 10%
- Ofertas: Minha gratidão %
- Projeto local: Meu sacrifício %
- Gastos fixos: %
- Imprevistos: %
- Poupança família (projetos): %
- Outros: %

Avaliando meu Crescimento Espiritual

Comunhão

1. Culto Pessoal
☐ Regular ☐ Bom ☐ Excelente

2. Culto Familiar
☐ Regular ☐ Bom ☐ Excelente

3. Estudo da Lição da Escola Sabatina
☐ Regular ☐ Bom ☐ Excelente

4. Fidelidade na Guarda do Sábado
☐ Regular ☐ Bom ☐ Excelente

Relacionamento

5. Participação em um Pequeno Grupo/Unidade de ação
☐ Regular ☐ Bom ☐ Excelente

6. Participação nos cultos semanais da Igreja
☐ Regular ☐ Bom ☐ Excelente

Missão

7. Uso dos dons para falar de Jesus a quem não o conhece
☐ Regular ☐ Bom ☐ Excelente

8. Fidelidade nos dízimos
☐ Regular ☐ Bom ☐ Excelente

9. Fidelidade nas ofertas de maneira não direcionada, regular e percentual
☐ Regular ☐ Bom ☐ Excelente

Plano de visitação com ênfase na fidelidade cristã

O pastor e os demais líderes da igreja também podem ter um plano de visitação pessoal, intencional, para cuidar dos membros que possuem dificuldade na fidelidade da mordomia cristã das finanças, pessoas que são batizadas, frequentam a igreja, possuem renda, mas não são regulares na adoração ao Senhor, com os Dízimos e as Ofertas. Pastores e demais líderes da igreja local podem desenvolver os passos descritos abaixo:

1 – Selecione, considerando o relatório de doadores, as pessoas/famílias que não são doadores regulares. (Obs. considera-se doadores regulares os membros da igreja que entregam os dízimos e as ofertas de 8 a 12 meses no ano)

2- Comece interceder em oração, pela pessoa/família que será visitada e agende a visita, que deve seguir as orientações essenciais do plano de visitação.

3 – Aplique na visita o folder “Avaliando meu Crescimento Espiritual”.

AGENDA MENSAL DE VISITAÇÃO DO PASTOR / LÍDER

NOME DA PESSOA / FAMÍLIA	CONTATO	DATA E HORÁRIO

A ética dos visitantes

- ✓ 01 - Trate confidencialmente toda informação pessoal.
- ✓ 02 - Maneje com cuidado toda informação escrita, não a revelar a outros.
- ✓ 03 - Não usar casos que lhe foram confiados, como ilustração.
- ✓ 04 - Não falar de outros visitantes, nem de outras pessoas.
- ✓ 05 - Quando pedirem sua opinião sobre a conduta ou comportamento de determinadas pessoas, lembre-se: “este não é o objetivo de sua visita”.
- ✓ 06 - Evite muitas perguntas íntimas.
- ✓ 07 - Visite no momento e lugar apropriado.
- ✓ 08 - Reconheça suas limitações.
- ✓ 09 - Tenha cuidado com as tentações sexuais.
- ✓ 10 - Mantenha sempre calma, principalmente quando os ânimos estiverem exaltados.
- ✓ 11 - Cuide muito com o que fala, como fala, onde fala e com quem fala.
- ✓ 12 - Escute atentamente o ponto de vista do outro.
- ✓ 13 - Evite discussões, tente conquistar pela amizade.
- ✓ 14 - Não se preocupe com a posição e o cargo que ocupe a pessoa a ser visitada, lembre-se: “você está fazendo uma visita espiritual”.
- ✓ 15 - Manifeste o reconhecimento que a pessoa merece.
- ✓ 16 - Elogie quando necessário.
- ✓ 17 - Não julgue apressadamente.
- ✓ 18 - Seja um reconciliador.
- ✓ 19 - Fale de Cristo e Sua Palavra.
- ✓ 20 - Deixe uma impressão espiritual com o visitado.
- ✓ 21 - Ao sair, não se esqueça de orar pelas lutas da pessoa visitada, por sua família e pelas decisões tomadas.

3.3 COMISSÃO DE MORDOMIA CRISTÃ DA IGREJA LOCAL E DIAGNÓSTICO ESPIRITUAL

O Manual da Igreja orienta: “Cada igreja deve ter um planejamento financeiro e orçamentário abrangente, voltado para a missão, com uma comissão capaz de fornecer uma demonstração detalhada do plano financeiro e do orçamento em curso. Em alguns casos, ela funciona como comissão de finanças. Em outros casos, em igrejas menores, esse processo pode ser tratado diretamente pela Comissão da Igreja. Caso a igreja crie uma comissão separada para esse fim, as responsabilidades devem incluir a análise de pedidos de verba e a revisão do orçamento operacional anual, bem como uma análise da posição financeira da igreja conforme refletida nas demonstrações financeiras. A aprovação do orçamento e a análise da demonstração financeira devem ser recomendadas à Comissão da Igreja e encaminhadas a uma reunião administrativa para votação” (Manual da Igreja, 2015, p. 136). Essa comissão, sugestivamente, pode ser formada pelo Pastor, Anciãos, Secretário (a), Tesoureiro (a) e Diretor (a) de Mordomia Cristã.

Muito se tem especulado sobre o nível de fidelidade de nossas Igrejas; porém, raramente é feito algum trabalho que possa apresentar um quadro real, objetivando identificar e salvar aqueles que têm enfrentado dificuldade em sua fidelidade para com Deus. Diante desta realidade, o Ministério da Mordomia Cristã criou o Programa “Diagnóstico Espiritual”. O Programa leva a Igreja a identificar a real situação de seus membros em relação à adoração regular com os dízimos e as ofertas, e estabelece metas, planos, e um programa especial de visitação, para tornar cada membro um fiel adorador em todos os princípios da Mordomia Cristã. O Diagnóstico Espiritual é um movimento interno da igreja feito em parceria com a Secretaria e a Tesouraria, voltado para a educação e prática dos princípios da Mordomia Cristã, sobretudo, com o objetivo de salvar. O

Diagnóstico Espiritual consiste em duas etapas:

Primeira etapa – Organizar Comissão de Mordomia Cristã (Finanças)

O pastor convoca a Comissão Mordomia Cristã da igreja (Pastor, Ancião responsável pela Mordomia Cristã, Diretor (a) de Mordomia Cristã, Tesoureiro (a) e Secretário (a)) para realização do diagnóstico, que tem a duração de uma manhã ou uma tarde.

- 1) Solicitar junto ao departamento de Mordomia Cristã do campo ou o setor de remessas, as planilhas com os dados de todos que dizimaram e ofertaram durante os últimos doze meses; porém sem valores. Com apenas um x nos meses em que dizimou e /ou ofertou.
- 2) A reunião começa com a apresentação de um seminário, ministrado pelo pastor, mostrando os objetivos e a importância que o diagnóstico de espiritual representa para espiritualidade e salvação da igreja.
- 3) Em seguida, a comissão começa o trabalho de análise de cada Membro da Igreja. Se tem renda ou não, quantas vezes dizimou e /ou ofertou durante o período de análise. Os doadores são classificados em três tipos: regulares (8 a 12 meses), Ocasionais (1 a 7 meses) e não adoraram com dízimos e ofertas. Deve-se detectar, também, as seguintes informações de adoração financeira da igreja local:

- Número de membros:
- Número de membros com rendimentos:
- Número de membros regulares nos Dízimos:
- Número de membros regulares nas Ofertas:
- Média Mensal de Dízimos:
- Média Mensal de Ofertas:
- Média Mensal de Despesas:
- Proporção das Ofertas sobre os Dízimos:

- 4) Após o levantamento dos dados, o próximo passo é registrar o resumo das informações financeiras, estabelecimento de metas à serem alcançadas nos próximos doze meses e avaliação de receitas e despesas da igreja. Pode-se usar este roteiro para se estabelecer as metas:

- Acrescentar o número de dizimistas em _____ % = _____ pessoas.
- Acrescentar a proporção Ofertas/Dízimos de _____ % para _____ %.
- Elaborar e executar o orçamento da igreja com distribuição de % (porcentagem) das ofertas contemplando todos os departamentos e áreas da igreja, conforme Manual da Igreja.
- Reunir a comissão de Mordomia Cristã, pelo menos a cada dois meses para avaliar o programa de Mordomia Cristã e acompanhar a execução das metas.
- Implantar ou reforçar o sistema de pacto, para que cada dizimista seja também um pactuante.
- Data de início do programa: _____ / _____ / _____

- 5) A seguir, monta-se o programa de visitação aos não dizimistas e dizimistas ocasionais para ajudá-los, considerando que o problema é mais do que financeiro, é espiritual. Os nomes são divididos entre os membros da comissão, deixando os casos mais delicados para o pastor. Todos os participantes da comissão devem sair da reunião com o compromisso da visitação e com a lista das pessoas que cada um vai visitar. O Diretor de Mordomia Cristã e o pastor devem acompanhar a visitação para que todos sejam visitados. O cartão de visitação deve ser entregue ao visitado, e analisar com ele os textos e as perguntas de reflexão.
- 6) Antes de terminar o encontro, deve ser marcada a data da próxima reunião para acompanhamento e avaliação do projeto. Esta reunião deve acontecer pelo menos uma vez por mês.

OBS: Esta etapa pode ser realizada contemplando uma igreja de cada vez, começando com as de situação mais emergencial, ou em forma de mutirão com todo distrito de uma só vez.

Segunda etapa - apresentação na congregação

Na segunda etapa, todo o quadro é compartilhado com a Igreja, de preferência num Sábado de Mordomia Cristã, no culto divino com a presença do pastor. É apresentado para a igreja o Diagnóstico Espiritual apenas dados numéricos; os desafios, as metas e os planos a serem alcançados, e neste momento faz-se um apelo à fidelidade da igreja e envolvimento de todos. Após seis meses do lançamento do programa para a Igreja, deve ser feito uma nova avaliação geral junto com a Comissão de Finanças e caso seja positiva mostrar para a igreja, caso contrário, tentar encontrar as possíveis falhas no processo e tentar consertá-las. Atenção! Este é um trabalho que precisa ser marcado pela ética e pelo sigilo absoluto. Todos os materiais necessários podem ser solicitados no departamento de Mordomia Cristã da Associação.

3.4 EQUIPE DISTRITAL DE MORDOMIA CRISTÃ

Geralmente, as congregações adventistas fazem parte de um circuito de igrejas conhecido com distrito, que é coordenado por um pastor. Sendo assim, existe uma grande necessidade de fortalecer o programa da Mordomia Cristã em cada igreja. É devido a esta necessidade que surge a EQUIPE DISTRITAL DE MORDOMIA CRISTÃ (EDMC), que possui três objetivos bem definidos:

- 1) Atuar, em afinidade com o pastor distrital, inspirando e instruindo cada igreja do distrito na fidelidade cristã prática, nos sábados mensais de Mordomia Cristã;
- 2) Colaborar com o pastor distrital na execução dos programas que movimentam o Ministério da Mordomia Cristã na igreja local ao longo do ano, a saber: VIJOBES, Programa do Sábado de Mordomia Cristã, Semanas de Oração e Congresso de Fidelidade, Encontro de Recém Batizados etc.;
- 3) Ser um apoio para os Diretores de Mordomia Cristã, na promoção dos projetos e treinamentos. Perfil ideal dos membros da EDMC: Vida espiritual bem evidente; “Paixão” pelo Ministério da Mordomia Cristã; Denominacionalismo (Leal a Deus e a Igreja); Dedicção e Comprometimento com as atividades da igreja; Ter princípios éticos; Prática e experiência nos princípios da Mordomia Cristã; Boa reputação na igreja e na comunidade; Disposição para o trabalho em equipe.

Dicas para potencializar o trabalho pastoral com a EDMC (ações do pastor):

- Orar diariamente pelos integrantes da EDMC e visitá-los.
- Promover encontros de confraternização com a EDMC.
- Reconhecer publicamente o bom trabalho realizado pela EDMC no distrito pastoral.
- Coordenar a reunião mensal de oração e planejamento (acompanhamento).
- Integrar a EDMC a liderança distrital (especialmente aos Anciãos e coordenadores distritais dos ministérios e departamentos).
- Participar com a EDMC nos programas das igrejas.

3.5 PROGRAMAS ESPECIAIS DO MINISTÉRIO DE MORDOMIA CRISTÃ

Semana de Mordomia Cristã

O objetivo da semana de Mordomia Cristã é promover um reavivamento espiritual na igreja. Durante oito dias são apresentados oito temas espirituais, enfatizando a fidelidade cristã prática, destinados a levar cada membro da igreja a uma experiência mais próxima e real com Cristo Jesus.

O preparo: a semana de Mordomia Cristã normalmente acontece anualmente, e constitui-se numa grande oportunidade que o pastor e os líderes de Mordomia Cristã têm para inspirar e instruir a igreja, nos temas relevantes da fidelidade cristã prática. A data é escolhida com bastante antecedência e colocadas no calendário do campo, o que permite planejar bem a semana de Mordomia, a fim de tornar-se numa grande bênção para a vida da igreja. Convoque com antecedência uma reunião com a liderança da igreja e acione a equipe de louvor, recepção, diaconato, escolha o (s) pregador (es) com antecipação. Crie, inove e planeje para que a semana se transforme num grande movimento espiritual.

Para o decorrer da semana de Mordomia Cristã pode ser organizado um programa de visitaço intensivo, para melhorar ainda mais os resultados da semana. A ideia é o Pastor visitar os Anciãos, o Diretor de Mordomia Cristã visita os coordenadores de Pequenos Grupos, Estes visitam os Líderes de Pequenos Grupos que por sua vez visitam os membros do PG. Aqueles que não fazem parte de um Pequeno Grupo devem ser visitados pelos Anciãos e, ou Diretor de Mordomia Cristã. Caso seja uma grande igreja, o ideal é que o programa de visitaço comece um mês antes, de tal forma que conclua na semana de Mordomia Cristã.

Congresso de Fidelidade Cristã

O Congresso de Fidelidade é um grande festival de fé, como acontecia no Antigo Israel. Um festival de celebração e glorificação, com testemunhos, louvor e uma consagração de cada membro, num comprometimento de sua fidelidade a Deus. É um momento glorioso, sem igual. O Congresso acontece pelo menos uma vez por ano e de preferência no encerramento da Semana de Mordomia Cristã. O encontro deve envolver todo o distrito, ou uma região. Todo o povo de Deus reunido, num só lugar, unindo suas vozes e corações neste festival de louvor e consagração. O programa do Congresso de Fidelidade Cristã pode incluir:

- Louvor congregacional;
- Abertura e encerramento significativos e inspiradores;
- Oração;
- Mensagens musicais (solo, dueto, quarteto ou coral);
- Mensagem Bíblica;
- Música;
- Momento de oração;
- Louvor congregacional;
- Testemunhos de Mordomia Cristã;
- Música;
- Seminário;
- Música congregacional;
- Apelo à Congregação (deve ser feito um apelo à renovação e decisão de fidelidade, e trazer à frente o cartão preenchido com a decisão que o membro tomou e fazer a Oração de Consagração);

- Agradecimentos;
- Oração final.

A Festa das Primícias (adaptado da revista *Mordomo Fiel*)

Primícias e gratidão

Na Bíblia a palavra primícias é usada para descrever os primeiros frutos do campo ou dos rebanhos, que eram oferecidos em gratidão a Deus (Dt 18.4; 26.2). O princípio servia para que os israelitas se lembrassem de que tudo o que possuíam vinha das mãos do Senhor. Em reconhecimento por tanto, eles entregavam os primeiros frutos de suas colheitas. Esse conceito era um fundamento sólido para os israelitas, afinal, Deus estabeleceu esta aliança com seu povo desde o princípio. Mesmo antes de Israel se tornar uma nação, Deus já havia iniciado esse concerto com seus filhos.

A história de Caim e Abel retrata bem esse contexto. Caim seguiu a profissão de seu pai, Adão, e se tornou um agricultor. Abel foi um pastor de ovelhas. No dia de apresentar o sacrifício ao Senhor (Gn. 4:3-5), Caim trouxe dos frutos da terra uma oferta a Deus. Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho uma oferta. Importante notar que, a respeito de Caim, não é dito que ele trouxe das primícias dos frutos da terra. Essa informação é dada apenas sobre Abel e seu sacrifício. Deus aceita a oferta de Abel e se agrada dele, porém Caim e sua oferta não agradam a Deus. Por quê? Por dois motivos principais que podemos destacar. 1o - Pecado exige sangue como paga-mento. 2o - A oferta de Caim não foi das primícias. Abel deu de suas primícias antes mesmo de saber quanto o rebanho procriaria daquele dia em diante. Caim, em contrapartida, juntou primeiro para si e só depois de avaliar seus ganhos e ter o suficiente, decidiu ofertar.

A Bíblia está repleta de outros exemplos que apontam o princípio das primícias. A queda de Jericó demonstra a importância de dedicar ao Senhor a primeira parte em tudo. “Os israelitas não haviam ganho a vitória pela sua própria força; a conquista fora inteiramente do Senhor; e, como as primícias da terra, a cidade, com tudo que continha, deveria ser votada como sacrifício a Deus” (PP 357, 358). Aquela foi a primeira das cidades a serem tomadas por Israel, sob o comando de Deus, por isso, Ele deixou claro que ninguém deveria reter para si os êxitos daquela conquista, pois tudo pertencia a Ele. Porém um homem pegou do despojo da guerra e, por conta disso, todo o acampamento foi afligido.

Por causa da prevaricação de Acã, a ira do Senhor se acendeu contra o povo de Israel (Josué 7:1). Ellen White afirma: “Dentre os milhões de Israel apenas um homem houve que, naquela hora solene de triunfo e juízo, ousara transgredir a ordem de Deus. A cobiça de Acã foi despertada à vista daquela custosa capa de Sinear; mesmo quando ela o levou em face da morte, ele a chamou “uma boa capa babilônica”. Um pecado arrastara outro, e ele se apropriou do ouro e da prata dedicados ao tesouro do Senhor - roubou a Deus as Primícias da terra de Canaã” (PP, 496).

A história de Abraão também é marcada pelo princípio das Primícias. Deus havia prometido a ele uma descendência incontável, como as estrelas e a areia do mar. Após receber o filho da promessa, Isaque, Deus solicita que ele seja entregue como sacrifício. Abraão, por mais que sofresse profundamente ao obedecer, não esperou que lhe nascessem mais dez filhos, ou que a promessa de Deus fosse plenamente cumprida, para só então entregar Isaque. Abraão entrega de suas primícias quando Isaque ainda era seu único filho. Tudo que Abraão possuía era uma promessa, mas para ele isso já era o suficiente. Entregar a Deus o que por direito

pertence a Ele exige fé, pois é dar antes mesmo de saber o que virá depois. Abraão creu e, por isso, recebeu sua recompensa (Hebreus 11:8-12).

Abraão experimentou a provação de Deus e compreendeu o real sentido das primícias. Esta narrativa comunica o padrão divino e o sacrifício que o pai da fé estava disposto a fazer, aponta para a maior de todas as entregas. Deus o Pai - nos é dito em João 3:16 - nos amou tanto, que para nos salvar da condenação, entregou Seu Unigênito, Seu primeiro e único Filho. Deus o fez antes mesmo de obter de nós a resposta desta Sua entrega. Ainda que de nós Ele receba a recusa desse sacrifício, a entrega que Ele fez por nós reverbera pela Eternidade. Ele não entregou um pouco, na verdade, Deus entregou tudo! Pr. Adenilton Oliveira explica essa oferta perfeita dizendo: - Se você pedir um centavo ao céu, Deus não o terá para lhe dar, pois Ele já deu tudo! A entrega do Pai foi sem nenhuma reserva. Nada foi poupado. O céu entregou tudo o que de mais valioso havia. Esse é nosso definitivo exemplo.

A compreensão das primícias precisa criar no adorador um estado de enlevo espiritual. É o chamado de Deus à nossa irrestrita confiança nEle. Todo aquele que reconhece a Deus como Senhor é também chamado a demonstrar-lhe gratidão por nos ter dado Jesus. A gratidão ao Pai nos leva a adorar o Filho. O Pai entrega o Filho em nosso lugar, mas o Filho se faz pecado para que nós estejamos livres do preço cobrado pela desobediência. Devotar a vida e as primícias do que temos e somos passa a ser, nessa compreensão, uma resposta a esse amor desmedido que nos foi ofertado

A Festa das Primícias no Antigo e no Novo Testamento

No Antigo Testamento, o povo deveria comparecer a Jerusalém três vezes por ano. Uma dessas assembleias era para festejar os primeiros frutos que o Senhor lhes concedera. Apesar do perigo dos inimigos, que desejavam torná-los cativos e tomar-lhes a terra, eles iam com alegria, porque entendiam que estar na presença de Deus é estar em segurança. O povo era fiel, como expressão de gratidão a um Deus que sempre lhes fora fiel. Esse deve ser hoje o nosso espírito. Essa é a forma como nossa igreja precisa se relacionar com Deus e sua infinita graça. “O povo estava rodeado de tribos ferozes, aguerri-das que se achavam ávidas por tomarem suas terras; contudo, três vezes ao ano, a todos os homens robustos, a toda a gente em condições de poder fazer viagem, ordenava-se que deixassem seus lares e se dirigissem ao lugar da assembleia, próximo do centro daquela terra. O que impediria seus inimigos de se lançarem sobre essas casas desprotegidas, e devastá-las pelo fogo e pela espada? O que impediria a invasão do país, a qual levaria Israel em cativeiro a algum adversário estrangeiro? - Deus prometera ser o protetor de Seu povo. “O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que O temem, e os livra.” Sal. 34:7. Enquanto os israelitas subiam para adorar, o poder divino imporia uma restrição aos seus inimigos. A promessa de Deus era: “Eu lançarei fora as nações de diante de ti, e alargarei o teu termo; ninguém cobiçará a tua terra, quando subires para aparecer três vezes no ano diante do Senhor teu Deus.” Êxodo. 34:24 (PP, 537).

A Festa das Primícias, no Novo Testamento, era o dia de Pentecostes. O apóstolo Paulo descreve o Espírito Santo como “primícias” (Rm 8.23), ou seja, o derramamento do Espírito Santo marca o início de uma “nova colheita” para o povo de Deus. A Festa das Primícias no Novo Testamento assinala a presença transformadora do Espírito Santo sobre a igreja primitiva. O apóstolo Paulo nos diz, ainda, que fomos ressuscitados com Cristo (Cl 3.1), que as-sentados estamos com Ele nos lugares celestiais (Ef 2.6) e que possuímos “as primícias do Espírito” (Rm. 8.23).

As Primícias Hoje

O princípio das primícias, expresso de maneira persistente nas Escrituras, permanece imutável e deve continuar a guiar as práticas de adoração do povo de Deus hoje. Experimentar esse princípio na vida diária, em família ou de forma individual, é nosso dever como cristãos. Realizar a Festa das Primícias em nossas congregações nos levará a uma transformadora experiência espiritual. Tudo aquilo que possuímos, tudo o que somos e fazemos, deve ser para Deus, uma vez que Ele já entregou tudo por nós. Dedicar ao Senhor a primeira parte, abençoa e consagra o todo. “Ele é a Cabeça do corpo, da igreja; É o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência” (Colossenses 1:18).

Ao participar da Festa das Primícias todo adorador é levado a crescer em sua jornada de fé. Isso possibilitará um crescimento espiritual em toda a comunidade, uma vez que o princípio das primícias está intimamente ligado a todos os aspectos da Mordomia Cristã: o tempo, os talentos, os tesouros e o templo dedicados ao Senhor.

A Preparação para a Festa das Primícias

A Festa das Primícias em nossos dias tem como objetivo o crescimento espiritual da Igreja. Se isso não for o ponto central, o que se experimentará será um foco equivocado e mal compreendido pelos membros. Toda a estrutura do programa deverá levar as pessoas para mais perto de Deus. O reconhecimento da soberania e bondade divinas deve levar a igreja a presenciar uma atmosfera celeste.

A semana que antecede a Festa das Primícias é de suma importância, pois a festa é a culminância de uma sequência de programas com elevado teor espiritual. No sábado de abertura da Semana de Mordomia, os saquitéis serão entregues e haverá um momento de dedicação e compromisso com Deus. Este é o início do preparo para a Festa das Primícias. A cada noite, após ser abordado o tema da Semana de Mordomia, deve ser anunciado o que acontecerá no sábado, para que todos os membros da igreja preparem seus dízimos e ofertas para a Festa das Primícias.

Programa sugestivo sábado das primícias

08:30 - Recepção

08:50 - Atividades prévias e louvor: Ministério de Louvor

09:00 - Hino inicial (em pé)

09:04 - Oração

09:06 - Informativo e apontamentos em classe

09:18 - Estudo da lição da ES Geral

09:45 - Encerramento da Escola Sabatina

09:48 - Hino Final da ES: Ministério de Louvor

09:53 - Oração final da ES

09:55 – Anúncios

10:00 - Hino de Doxologia: entrada dos pastores

10:03 - Oração Pastoral

10:04 - Breve explicação da Festa das Primícias

10:10 - Entrada do pastor, Anciãos e famílias com cestos de frutas

10:15 - Louvor Congregacional (em pé): Ministério de Louvor

10:20 - Oração de joelhos
 10:22 - Entrada do casal com o filho(a) que será apresentado ao Senhor (se houver)
 10:28 - Mensagem musical
 10:32 - Batismo (se houver)
 10:40 - Testemunho de fidelidade
 10:45 - Mensagem musical
 10:50 – Sermão
 11:20 - Leitura responsiva: Hinário Adventista
 11:27- Convidar os Anciãos e famílias a entregarem seus saquitéis (famílias voltam a sentar-se)
 11:33 - Convidar todas as famílias da igreja a trazerem seus saquitéis. Pastores e Anciãos seguram os cestos e os recebem
 11:45 - Oração de gratidão, entrega e consagração
 11:50 - Palavras finais
 11:55 - Hino final (em pé): Ministério de Louvor
 12:00 - Oração – Bênção Sacerdotal. Saída organizada dos pastores e Anciãos

Dicas Importante:

- Oração e jejum antecedem grandes bênçãos;
- Divulgar com antecedência e de todas as formas possíveis;
- Deve-se terminar a Escola Sabatina às 10h e reservar lugares para as famílias de anciãos e pastores.
- Caprichar na decoração: frutas, cereais, flores, cestos, recipientes de barro etc.;
- Antes do final da Escola Sabatina os anciãos devem estar prontos com suas famílias e cestas de frutas à entrada da igreja;
- Reservar saquitéis para entregar na recepção, se necessário.

Realizei a Festa das Primícias, e agora?

Tão importante quanto os preparativos é a continuidade do processo. Após a realização da festa, a igreja deve continuar sendo lembrada do compromisso que foi feito com Deus. Os princípios que foram reafirmados e introduzidos durante a semana devem seguir ocupando o pensamento das pessoas.

É importante que todos os meses os adoradores recebam seus saquitéis. O tesoureiro, após ter recebido os saquitéis e conferido os envelopes, deverá prepará-los para que sejam devolvidos no último sábado do mês. Assim, os adoradores serão constantemente lembrados da importância do voto feito a Deus.

A Festa das Primícias pode ser realizada de acordo com as possibilidades da igreja. Cabe à congregação, em consonância com seu pastor, definir as datas e a periodicidade.

Por se tratar de uma atividade unicamente espiritual, sugerimos que ela ocorra dentro de uma plataforma já bem conhecida e utilizada pela igreja: trimestralmente. Isso facilitará o processo de preparação e divulgação

Mensagens de ânimo sobre a importância do culto familiar, utilização dos dons e disciplinas espirituais, do cuidado com o corpo, da importância de congregar, bem como outros, devem ser compartilhadas na comunidade, bem como enviadas via redes sociais para os membros que fazem parte da comunidade local. Isso fortalecerá o papel fundamental da mordomia cristã na vida de cada adorador.

Deve-se utilizar o púlpito no sábado mensal de mordomia para inspirar e instruir a igreja. Cada sábado de mordomia passa a ser uma preparação para a celebração da Festa das Primícias. Os sermões serão sempre variados, mas a oportunidade de reafirmar os valores transmitidos não deve ser perdida.

3.6 POTENCIALIZAÇÃO DO MOMENTO DO OFERTÓRIO

O momento do ofertório, no qual se oportuniza a entrega de dízimos e ofertas como ato de adoração, é sagrado e significativo desde os tempos bíblicos. Portanto, se faz necessário incrementá-lo. Neste contexto, o pastor e professor de teologia Luiz Carlos Lisboa Gondim incentiva seminaristas e pastores a tornar esta experiência mais dinâmica e inspiradora do que se tem visto em algumas igrejas. “Por isso, recentemente, tenho sugerido a diversos pastores, nas mais diversas igrejas por onde tenho passado, realizando algum trabalho pastoral, que pensem na possível adaptação daquela liturgia à ocasião do recolhimento dos dízimos e ofertas em seus cultos de adoração. Essa cerimônia de entregas das ofertas e dízimos deve ser, assim como no Batismo, pública e bem mais visível do que tem sido, para que todos contemplem a solenidade e sejam inspirados a fazer o mesmo. Fica a sugestão para que você desenvolva uma dinâmica melhor para esse momento tão sagrado e significativo.” (Ninguém apareça diante de mim de mãos vazias, p. 10). Nesse sentido, o pastor, como principal líder da igreja local, pode planejar, junto a sua liderança, um momento do ofertório ainda mais inspirador, que glorifique a Deus e inspire todos os presentes. Seguem alguns elementos que podem ser incluídos no momento do ofertório:

- Testemunho inspirador, curto e objetivo, concernente à fidelidade cristã, não só na área de dízimos e ofertas (*Provai e Vede*).
- Louvor congregacional e/ou fundo musical apropriados para o momento.
- Entrega dos dízimos e das ofertas em família.
- Oração de agradecimento pelas bênçãos recebidas.
- Pregadores e músicos que participam do culto devem entregar dízimos e ofertas também.
- Informação pública que alguns adoraram através de aplicativos e transferências bancárias (estes adoradores podem pôr os recibos e entregar num envelope também no momento do ofertório).
- Envelopes para dízimos e ofertas disponíveis na recepção ou nos assentos da igreja.
- Entrega de saquitéis duráveis para que os membros se preparem melhor em relação a adoração com dízimos e ofertas. Tal material pode ser bem utilizado, também, no programa da *Festa das Primícias*.

3.7 ENCONTRO COM RECÉM-BATIZADOS

Os novos conversos devem receber atenção e apoio de todos os ministérios da igreja. Além de promover e viabilizar o curso da DSA *Crescendo em Cristo* (crescendoemcristo.org), o pastor pode reunir os novos conversos, com os seus respectivos discipuladores, para instruí-los e orientá-los em diversos aspectos da caminhada cristã. Os Encontros podem acontecer logo após os grandes períodos de colheita da igreja, como: após a Semana Santa: em um sábado à tarde ou num domingo pela manhã; após o Batismo da Primavera: em um sábado à tarde ou num domingo pela manhã; após a qualquer colheita expressiva de campanha de evangelismo público de uma igreja. Neste encontro, o pastor deve reforçar o tema da mordomia cristã das finanças e explicar a dinâmica e o sistema financeiros da denominação. Obs. A EDMC pode ser convidada a apoiar o pastor neste importante projeto, inclusive ministrando algumas palestras.

3.8 ORIENTAÇÃO SOBRE GESTÃO DAS FINANÇAS PESSOAIS E FAMILIARES

Deus tem um plano econômico para seu povo. É um plano bíblico que vai nos dar direção e firmeza nesse mundo tão economicamente desafiador. É um plano que funciona independentemente de raça, nacionalidade, nível socioeconômico e funciona em qualquer país em qualquer época. Os princípios de Deus revelados na Bíblia nos orientam como ganhar, poupar, administrar, investir e gastar os recursos financeiros; e sobretudo ser fiel na adoração com os dízimos e as ofertas. Nesse sentido, os pastores e a liderança de mordomia cristã da igreja local podem organizar cursos, seminários sobre a administração cristã das finanças pessoais e familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a presente pesquisa, constatou fundamentos coerentes e consistentes para a prática da adoração com dízimos e ofertas na contemporaneidade, e que a fidelidade a tal princípio Divino resulta em benefícios para o desenvolvimento da vida cristã. Nesse sentido, a igreja local, a partir do pastor, deve fomentar essa experiência de adoração como aspecto fundamental do discipulado. Enfim, espera-se que este estudo possa contribuir de alguma maneira para o crescimento qualitativo, e, conseqüentemente, quantitativo da adoração com dízimos e ofertas, fazendo que, por meio dele, seja despertado nos leitores mais interesse em pesquisar e propagar este tema que é tão relevante para a igreja na atualidade. Que novas contribuições possam ser dadas para a prática deste princípio bíblico, que foi revelado por Aquele que promete “repreender o devorador e abrir as janelas do céu para derramar bênçãos sem medida” (Malaquias 3.10-12).

BIBLIOGRAFIA

- ABDALA, Emílio. **Diagnose**: avaliando e planejando o crescimento da igreja local. Artur Nogueira – SP: União Central da IASD.
- Apostila Mordomos da Esperança**: o papel do pastor no Ministério de Mordomia Cristã. Associação Bahia Sul da IASD. Itabuna – BA, 2017.
- ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD. **Princípios e diretrizes sobre ofertas e dízimos**. Brasília: DSA, 1984.
- BOYER, Orlando. **Pequena enciclopédia bíblica**. São Paulo: Editora Vida, 2006.
- BAUER, Dietrich. **Histórias de Dinheiro na Bíblia**. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- BARRETT, RICHARD. **Como construir uma organização gerida por valores**: uma abordagem sistêmica para a transformação cultural. Porto, Portugal: Biorumo, 2011.
- BARRO, Antônio Carlos. **Até que o dinheiro nos separe**. Londrina – PR: Descoberta, 2001.
- BERTOTTI, Rodrigo. **Manual do homem cristão**. Itu – SP: Parole, 2015.
- BOLMAN, L. G; TERRANCE. **Reframing Organizations: Artistry, Choice, and Leadership**. 6th, ed. Jossey-Bass, 2017.
- BULLON, Alejandro. **Crescendo em graça: a resposta do coração agradecido**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.
- CABRAL, Eleinai. **Mordomia Cristã: aprenda com servir melhor a Deus**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003.
- CARVALHO, O. **Mordomia para a felicidade**. Salvador: Edição do autor, 2012.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **O dízimo na comunidade de fé: orientações e propostas**. Edições CNBB, 2016.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Dízimo – Uma proposta bíblica**. Edições CNBB, 2015.
- CUNY, Paul L. **Os Segredos da Economia do Reino**. Shippensburg, PA – USA: Destiny Image Publishers, 2012.
- D'ARAUJO FILHO, Caio Fábio. **Uma graça que poucos desejam**. Niterói: Vinde, 1991.
- DAYTON, Howard (org.). **A fonte da verdadeira riqueza: 2.350 versículos bíblicos sobre finanças**. Pompéia, SP: Associação Nova Shalom, 2006.
- DAYTON, Howard (org.). **O seu dinheiro**. Pompéia: Universidade da Família, 2015.
- DAVIS, John D. **Dicionário da Bíblia**. Rio de Janeiro: JUERP, 1996.
- DILLARD, J.E. **Mordomia Bíblica**. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1957.
- DYBDAHL, Jon L. **A busca: o caminho para a satisfação espiritual**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.
- ENRÍQUEZ, A. **Chuvas de bênçãos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1998.
- PUNI, E. **Revista do Simpósio Frutos da Fidelidade da UCB**. São Paulo: IASD, 2019.
- ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- FERREIRA, Antônio Luiz Catelan (org.). **Dízimo: uma proposta bíblica**. Edições CNBB, 2015.
- FOHRER, G. **Estruturas teológicas fundamentais do antigo testamento**. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.
- FOLLIS, Rodrigo (org.). **Santo ao Senhor: estudos escolhidos sobre dízimo**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress – Imprensa Universitária Adventista, 2017.
- FOSTER, Richard J. **Dinheiro, sexo e poder**. São Paulo – SP: Mundo Cristão, 2005.
- FROMM, LeRoy. **Revista Ministério**. Tatuí, São Paulo: IASD. Setembro e outubro de 2019.
- GASQUES, Jerônimo. **As cinco leis do dízimo**. São Paulo – SP: Paulus, 2017.

GASQUES, Jerônimo. **O Desafio do Dízimo**. São Paulo – SP: Edições Loyola, 2004.

GETZ, A. Gene. **Pastores e Líderes: O Plano de Deus para a Liderança da Igreja**. Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2004.

GONDIM, Luís Carlos Lisboa. **Ninguém apareça diante de mim de mãos vazias**. Feira de Santana, BA: Clínica dos Livros, 2015.

GREENLEAF, F. **Terra de esperança**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

GUANDALINI, C. **Os valores do Éden: Finanças para família**. manual do aluno. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

Guia para Anciãos. Associação Ministerial da IASD. Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

Guia para Ministros Adventistas do Sétimo Dia. Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

HINN, Benny. **O Caminho Bíblico para Bênção**. São Paulo: Bompastor, 2005.

HUBBARD, David Alan. **Joel e Amós: Introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1996.

JUNQUEIRA, Samuel. **Dízimo e Ofertas: um panorama bíblico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

KANTONEN, A. T. **A teologia da mordomia cristã**. São Paulo: Editora Luterana, 1965.

KENDAL, R. T. **Tithing**. Hodder and Stoughton, London, 1982.

KIDDER, S. Joseph. **Adoração autêntica: uma experiência viva com o Rei do Universo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

KOPESCA, Marcos; BOTELHO, Jasiel. **A vida financeira do pastor: mordomia cristã na prática**. Curitiba – PR: Editora Schutz, 2018.

KLUTH, Brian. **Jornada de 40 dias rumo a uma vida generosa**. Pombeia, SP: Universidade da Família, S/D.

LONERGAN, Bernard. **Método em Teologia**. São Paulo, SP: É Realizações, 2012.

NETO, Arlindo; AMARAL, Polyanny. **Os imponderáveis da Etnografia Religiosa: Uma Análise Sobre o Trabalho Etnográfico no Campo da Religião**. MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 11 (29), 2011 – JAN /JULHO. Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN – 1518-3394.

LOPES, Hernandes Dias. **Dinheiro a prosperidade que vem de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2009.

LOPES, Hernandes Dias; DIAS, Arival. **Dízimos e Ofertas são para hoje?** São Paulo: Hagnos, 2017.

MACARTHUR, John. **A essência da verdadeira adoração: descubra como adorar a Deus de todo coração**. São Paulo: Editora Hagnos, 2018.

MACDONALD, William. **O discipulado verdadeiro**. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

MCLVER, Robert K. **Tithing Practices Among Seventh-day Adventists: a study of thite demographics and motives in Australia, Brazil, England, Kenya and United States**. Austrália: Avondale Academics Press, 2016.

MAIMONE, M. José. **Dízimo**. São Paulo: Editora Paulus, 1989.

Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

MARTIN, Ralph P. **Adoração na igreja primitiva**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

MATHEWS, John. **Mordomia Cristã: motivos do Coração**. Lição da Escola Sabatina. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

MATHEWS, John. **Dinheiro: problema ou solução?** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

MAXON, Benjamin. **A mordomia é um discipulado**. IASD, S/D.

MAXSON, B. **Las Finanzas estratégicas de la iglesia**. Buenos Aires: ACES, 2003.

MENDES, Geovan (org.). **Mordomia Cristã, um Ministério de Salvação: guia prático para Diretor de Mordomia e EDM**. Vitória da Conquista, BA: edição do autor, 2013.

MORLEY, Patrick. **12 princípios para fortalecer sua caminhada com Cristo: hábitos do homem espiritual**. Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2012.

MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos: Introdução e comentário**. São Paulo, SP: Vida Nova, 1999.

MULLER, George. **The autobiography of George Muller**. Springdale, Pennsylvania: Whitaker House, 1984.

NAVAC, Jorge. **Os Reflexos da Finança Divina**. Jundiaí, SP: Edição autor, 2000.

NICHOL, F. D. (Ed.). **Comentário bíblico Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. v. 1.

NICHOL, F. D. (Ed.). **Comentário bíblico Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. v. 3.

NICHOL, F. D. (Ed.). **Comentário bíblico Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002. v. 4.

Nisto Cremos: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. [Associação Ministerial da Associação Geral dos ASD, org.] Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

PAROUSIA. Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (Brasil-Sul) - segundo semestre 2001. Engenheiro Coelho, SP. 2001.

PETERSON, David. **Teologia bíblica da adoração: cultuando a Deus como ele orienta e deseja**. São Paulo: Vida Nova, 2019.

PUNI, E. **Revista do Simpósio Frutos da Fidelidade da UCB**. São Paulo: IASD, 2019

REVISTA EDUCAÇÃO CRISTÃ, VOL. 4, DINHEIRO PARA A IGREJA. Santa Barbara do Oeste, SP: Z 3 Editora LTDA, 2013.

REVISTA EDUCAÇÃO CRISTÃ, VOL. 38, VITÓRIA NA ADORAÇÃO. Santa Barbara do Oeste, SP: Z 3 Editora LTDA, 2009.

REBOK, D. E. **O ouro de Deus em minhas mãos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1988.

RONALD, J. Sider. **Cristianismo genuíno: aspectos essenciais de uma vida cristã autêntica**. Campinas – SP: United Press, 1999.

RODRIGUEZ, A. M. **O Plano de Deus para o seu sucesso**. São Paulo: Tempos, 1997.

RODRIGUEZ, Angel Manoel. **Raízes da Mordomia Cristã**. Silver Spring, MD, EUA: Conferência Geral da IASD, 1994.

RONCAROLO, R. **Perguntas sobre o dízimo**. Brasília: DSA, 1984.

ROSEVELT, Ibson. **Manual de Mordomia Cristã**. Associação Bahia da IASD, S/D.

SANTOS, Nessias Joaquim. **Organizando as finanças na igreja local**. Salvador, BA: Editora Memória, 2011.

SANTOS, E. P. **Sete pilares da saúde financeira**. Juiz de fora: Juiz de Fora, 2010.

SANTOS, E. P. **Um Homem Rico em Israel: os sete segredos bíblicos de sucesso financeiro seguidos por Milton Afonso**. Juiz de Fora, MG: Juiz-forana Gráfica e Editora, 2013.

SCHWARZ, R.; GREENLEAF, F. **Portadores de luz**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009.

SCHWARZ, Christian. **As três cores dos seus dons**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2003.

SENGE, Peter. **The Fifth Discipline: The Art and Practice of a Learning Organization**. New York: Doubleday, 1990.

SHAW, M. **Lições de Mestre: 10 Insights para edificação da igreja local**. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 1997.

SHEDD, Russel. **Adoração Bíblica: os fundamentos da verdadeira adoração**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

- SILVA, Demóstenes Neves. **Teologia das Ofertas & Perguntas sobre o Dízimo**. Cachoeira – BA: Edição do autor, 2013.
- SILVA, Demóstenes Neves. **Fidelidade cristã e teologia da prosperidade: uma abordagem bíblica**. Cachoeira – BA: Edição do autor, 2015.
- SILVA, Demóstenes Neves. **Dízimos e Ofertas: uma abordagem bíblica e nos escritos de Ellen White**. Cachoeira, BA: Edição do autor, 2008.
- SILVA, Demóstenes Neves. **Mordomia & Finanças: princípios bíblicos para a família**. Cachoeira, BA: Edição do autor, 2017.
- SILVA, Edinaldo Juarez. **Impacto dos Dons**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- SILVA, Rute M. Menezes. **Como vai o seu bolso?** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.
- SOBRINHO, João Falcão. **Princípios bíblicos do dízimo cristão: um novo enfoque de uma prática antiga**. Curitiba: A.D. Santos Editora, 2010.
- STOTT, John. **A graça de contribuir: o dinheiro e o evangelho**. São Paulo: Editora Vida, 2018.
- STOTT, John. **Igreja autêntica**. Viçosa, MG: Editora Ultimato; São Paulo: ABU Editora, 2013.
- SUBIRÁ, Luciano. **Uma questão de honra: o valor do dinheiro na adoração**. Curitiba, PR: Orvalho, 2015.
- BRADFORD, Charles E. **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- TOSTES, Antônio Oliveira. **Administração financeira da família**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.
- TOZER, A. W. **O Propósito do homem: criado para adorar**. Rio de Janeiro: Graça, 2013.
- WARREN, Rick. **Uma vida com propósito**. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- WHITE, E. G. **Atos dos apóstolos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007a.
- WHITE, E. G. **Caminho a Cristo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.
- WHITE, E. G. **Conselhos sobre Mordomia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.
- WHITE, E. G. **Chuva de Bênçãos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1998.
- WHITE, E. G. **Parábolas de Jesus**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- WHITE, E. G. **Patriarcas e Profetas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.
- WHITE, E. G. **Vida de Jesus**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- VALLOTTON, Kris. **Pobreza, riqueza e prosperidade: saindo de uma vida de escassez para a verdadeira abundância do reino**. Brasília: Chara Editora, 2018.
- VOS, Geerhardus. **Teologia Bíblica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.



ESCOLA DE
MORDOMOS

ASSOCIAÇÃO BAHIA SUL